

SUMÁRIO

Prefácio

Apresentação

Uma velha história

7 de setembro

Um certo senhor

Saudades

Zequinha, Nasci, Nascimento

Sarriá

A visita

Dou a minha casa

Digníssimo senhor Noel

A festa do Divino

De entusiasmo e fé

Diretas-já

O peregrino

25 de abril, o nosso

Chô, fantasmas

Trancredando

As diretas e o tampão

Belo exemplo

Maluf na tribuna

Custou muito aos brasileiros

A democracia que temos

Em nome da História

Nova República

Ética e informação

O Brasil reza por Tancredo

Um triste aniversário

Doutor, doutor

Profissão e fé

A cara do Brasil

Challenger

Reticências

O último prêmio

A Constituinte

Esperança na avenida

Sambódromo em Sampa

25 anos depois

A caminhada

Elba e Geraldinho

Uma praça no Ipiranga

Agito benjorniano

Anos 90, bem-vindos

Indiana não é Deus

Porque sou candidato

O tri do tri

Sobre tudo. Ou sobre nada
O plebiscito
Uma questão de bom senso
Carnaval engana e faz sonhar
Tão brasileiroamente Ayrton
A voz das ruas
Entrevista: Raul Seixas
Caro Leitor

PREFÁCIO

Rodolfo C. Martino teve a feliz idéia de reunir seus escritos neste livro. É o resultado de uma vida de trabalho... É importante ter ele conseguido reunir sua produção jornalística e com isto permitir ao leitor, que o acompanhou pela Gazeta do Ipiranga nestes últimos vinte anos, rever e compreender a sua maneira de pensar.

É um livro multifacetado e nele encontramos de “Artigos de Fundo” a “Crônicas”, compondo um harmonioso exemplar, com o toque mágico do Ipiranga, local onde começou a se firmar a idéia de uma nação.

Às margens plácidas do Ipiranga é a soma do conteúdo e da forma a narrar o vivenciar das gentes “de carne e osso” que povoam suas casas modestas ou suntuosas e dão um colorido especial à cidade da qual este bairro singular é parte. Por outro lado é visto de outro ângulo, é uma obra que olha o mundo pela ótica do bairro.

E o bairro acolhe e sustenta a Gazeta do Ipiranga, que passa a ser o elo de ligação entre o homem/jornalista Rodolfo Martino e o mundo exterior que o lê. E lê porque a Gazeta é, a um tempo, um órgão de imprensa vibrante e independente. Como diz Rodolfo Martino... “Como todo noticioso que se preza, os jornais de bairro precisam necessariamente ter vida independente, sem vínculos com instituições ou partidos políticos” e ainda: “os jornais de bairro, em verdade, atuam dentro de um universo bem específico, com características e linguagens próprias. Aliás, aí está o grande trunfo, e o antídoto, mais eficaz contra eventuais investidas dos “tubarões da notícia”. Antes de mais nada, deve-se entender e viver o bairro que lhe empresta o nome e garante a sobrevivência”.

Pois foi dentro do jornal independente do bairro da Independência que o autor foi bradando pela sua própria liberdade como escritor... Creio que conseguiu o objetivo a que se propôs e o resultado surge com esta obra.

É livro de se ler de uma vez só... Nele vamos encontrar termos densos como as Diretas-já ou a questão da Ética e da Informação, mas também bastante futebol e, numa das passagens, o nosso querido Ademir da Guia (o Divino) e uma série grande de crônicas bem humoradas como as que envolveram o “sábio-malandro” ou os fantasmas da entrevista presidencial ou ainda o Timbira e a sua insatisfação com a representação ao vivo, no documento, do ato da Independência que, ao sair, dizia que no ano seguinte veria pela TV. Lembro ainda da repercussão do drama daquele homem simples que sonhou com a “casa própria” e acabou propondo doá-la, o que não conseguiu porque a burocracia não deixou.

A vontade é de resumir cada um dos termos tratados, antecipando, pelo meu olhar, aquilo que gostaria de salientar de todo volume. Isto seria como que contar o fim de um filme de suspense a quem ainda não o viu. Como não gosto de ser “desmancha prazer” não o fiz nem o farei e espero que, como eu, que tive o privilégio de ler Às margens plácidas do Ipiranga antes da versão final, os leitores tenham a mesma alegria e sintam o mesmo prazer que senti ao acompanhar Rodolfo C. Martino no seu percurso histórico de mais de vinte anos, através das páginas do vibrante jornal Gazeta do Ipiranga.

Antes de virarem a página, o registro da minha gratidão e a certeza de minha alegria pelo convite para que eu fizesse o prefácio. Honrado, mais uma vez, convidado a todos para percorrer o livro e recapitular muito da nossa História Recente.

José Sebastião Witter

Professor Titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade São Paulo e atual Diretor do Museu Paulista da USP, “o famoso Museu do Ipiranga.”

APRESENTAÇÃO

“O POVO NÃO É BOBO... FORA - REDE GLOBO...”

Sábias as lições que a vida nos ensina. A que narro a seguir foi uma das mais encantadoras. A então aprazível Praça da Sé assistia comovida aos preparativos para a segunda manifestação oficial pró-diretas em janeiro de 84, quando chegou a equipe de reportagem da TV Globo. Até aquele momento, a emissora do Dr. Roberto Marinho hesitava em reconhecer o alarido das ruas e praças pelo direito do povo escolher, por voto direto, o presidente da República. Vivíamos a agonia de um período trágico de autoritarismo. Mesmo assim, até aquele histórico 25 de janeiro, os telejornais da Globo teimavam em ignorar a grande mobilização nacional que fermentava...

Ali, na Praça de todos os paulistanos, arrebatada por centenas de milhares de corações ansiosos por novos dias, os senhores globais puderam constatar uma estóica realidade, com ou sem o beneplácito das suas imagens. Pior: logo que os técnicos começaram a espalhar a parafernália de equipamentos para mais uma das suas superproduções, o povo percebeu o oportunismo da manobra e os brindou com o refrão em epígrafe. Afinal, mais do que a notícia, agora se arvoravam os donos da verdade.

Lembrei-me do fato assim que comecei a reunir para esse livro, causos, personagens e histórias que marcaram meus 20 anos de jornalismo. Explico a razão: o movimento das diretas-já foi de uma luminosidade rigorosamente solar. O ápice - creio - de uma geração. Acreditei, com entusiasmo juvenil (apesar dos meus 33 anos), nos ideais que as Oposições (grafava-se assim mesmo com letra maiúscula) pregavam. Era o caminho que todos nós mapeávamos para o País sair daquele estado de calamidade social e humanística.

Nós aqui, de Gazeta do Ipiranga, embalamos por inteiro esse sonho. Estávamos em total sintonia com os anseios da nossa gente. Enquanto isso, o veículo de comunicação mais poderoso do País ficava enclausurado, enredado em seus compromissos ultrapassados de preservação do pérfido sistema vigente. Uma barra que, aliás, àquela altura, ninguém de bom senso gostaria de segurar...

O colunista de GI, Zé Armando (na verdade, o amigo José do Nascimento), estava comigo na Praça, ao lado do fotógrafo Claudio Micheli e do vereador Almir Guimarães. Claudio e Almir haviam furado os “bloqueios” de segurança e já se posicionavam em pleno palanque das autoridades. Eu e Nascimento ficamos para trás. Sentamos nos degraus da catedral, atrás do palanque. Dali ouvíamos os discursos entusiasmados e a emoção na voz do locutor das diretas, o radialista Osmar Santos. Era um momento mágico, inebriante... E dá-lhe empolgação...

Nascimento chamou minha atenção para um grupo de moradores da região. “Brava gente brasileira” - saudei... Tomavam um canto da praça, com faixas e bandeiras. Eram pessoas comuns, sem vínculos partidários e, pela primeira vez, participavam de uma manifestação como aquela. Acreditavam que a hora da mudança havia chegado. Eram só entusiasmo e deslumbramento. Eu também.

“Pena que a emenda Dante de Oliveira (que propunha eleições diretas para presidente já em 85) não vai passar. Ainda há um longo caminho a ser percorrido...” - profetizou o amigo. “Mas, ao menos nós, cumprimos nossa missão de bem informar nossa comunidade, nossa gente, não é mesmo?”

Às vezes, o Nasci era um estraga-prazer, com sua lucidez. Tentei dissuadi-lo. Falei que as diretas eram irreversíveis. E toda aquela gente na praça? Mais de um milhão (Será que havia mesmo?!). Era apenas o começo, ouviu? Em breve a Nação teria voz e vez... - imitei o chavão do vereador.

Dias depois, o jornal saiu com a manchete enorme “Diretas-já”. Nenhum outro veículo havia usado o jargão. Fiquei orgulhoso. Sem qualquer censura, relatamos tudo o que havia acontecido na Praça e ainda reforçamos, na seção Caro Leitor, nossa profissão de fé. Diretas-já! Era o que nos cabia enquanto jornalistas e cidadãos. Foi o que fizemos...

Com efeito, creio não ser imodesto dizer que, aqui em Gazeta do Ipiranga, participei de um conjunto de inquestionáveis avanços e conquistas da emergente imprensa comunitária. Aliás, estou certo de que se pode fazer o melhor jornalismo tanto na chamada grande-imprensa como em qualquer um dos respeitáveis jornais de bairro que existem hoje na Capital. Entendo mesmo que os valores morais, éticos e mesmo profissionais se equivalem para todos os jornalistas - seja qual for o órgão em que atue e propague o legítimo direito do homem à informação.

Como todo noticioso que se preze, os jornais de bairro precisam necessariamente ter vida independente, sem vínculos com instituições ou partidos políticos. Precisam também ser administrativamente competentes e permitir que a Redação tenha autonomia suficiente para desenvolver um trabalho informativo, crítico e fiscalizador. É fundamental que seja parte integrante do dia-a-dia da região e que se transforme, sem paternalismo, num legítimo porta-voz das justas aspirações de toda a comunidade.

Os jornais de bairro, em verdade, atuam dentro de um universo bem específico, com características e linguagens próprias a cada região. Aliás, aí está o grande trunfo - e o antídoto - mais eficaz contra eventuais investidas dos “tubarões da notícia”. Antes de mais nada, deve-se entender e viver o bairro que lhe empresta o nome e garante sobrevivência.

À medida em que a chamada grande imprensa procura tornar-se mais abrangente, cada vez mais globalizante, abre-se um espaço sensivelmente maior para o desenvolvimento de quem trabalha prioritariamente com a realidade imediata do leitor. Uma realidade que lhe diz respeito e passa a compreender melhor, quando a vê transformada em notícia.

Há hoje nos brasileiros um amplo desejo de participação e organização. Na verdade, são sementes de fraternidade, de vida comunitária que os jornais de bairro ajudaram a cultivar, mesmo em tempos áridos, na certeza de que dias melhores ainda estão por vir.

Este livro, em última análise, procura ser um alento a essa esperança. Afinal, às margens plácidas do Ipiranga, entendi a grandiosidade do legado de Dostoevsky: “Para ser universal, basta falar de sua aldeia”.

UMA VELHA HISTÓRIA

(SERÁ QUE O SÁBIO-MALANDRO TEM SEMPRE RAZÃO!)

Conta-se que, certa vez, numa pequena aldeia, existia um bem sucedido senhor. Por mais que arrecadasse em suas múltiplas atividades, não abria mão de qualquer verba para melhorar as condições de sua família. Registre-se, a bem da verdade, formada por mulher, quatro filhos, sogro, sogra e um cunhado solteirão – todos devidamente acomodados (não sei se o termo é bem esse, mas...) numa modesta casa de sala, quarto e cozinha.

Todas as manhãs, quando partia para o trabalho, ouvia as desconsoladas lamúrias dos seus. Eles reclamavam que aquilo não era vida, que precisavam sair daquele “buraco”, que podia pensar mais na família e coisa e tal. No finzinho da noite, ele chegava dos negócios, nem sempre bem humorado – diga-se, e novamente o coral das lamentações atacava implacavelmente. Diga-se também que poucas vezes em consonância com sua rala dose de paciência.

Determinado dia, cansado dos reclamos, foi visitar um amigo, tido e havido na região por sua sapiência e malandragem. Contou todo o drama de ser incompreendido - e o que ouviu, como resposta, deixou, lhe atônito!

- Compre um bode e amarre na mesa sob o televisor, de modo que o animal movimente-se por toda a sala. E seus problemas vão acabar logo, logo.

Desconfiou a princípio. Mas, depois, achou conveniente seguir os conselhos do sábio-malandro. “Afinal, não posso perder meus privilégios”, segredou aos botões.

Dia seguinte, lá estava ele. Trazia consigo um portentoso exemplar de bode caatingueiro. E cumpriu todas as determinações do amigo.

Obviamente, na casa, a chiadeira aumentou consideravelmente. Tomou-se insuportável. O cunhado, que dividia parte da sala com o novo hóspede, era o mais desalentado.

Ao cabo de 30 dias, o próprio senhor já não agüentava nem ouvir falar no bode. As pressões vinham de todos os lados - até do filho mais novo. Voltou a confabular com os botões. E resolveu consultar o sábio-malandro. Outra resposta taxativa: “Livre-se do bode!”

Foi o que fez na manhã seguinte. À noite, de volta do labor, preparou os ouvidos para a audição de conhecida cantilena. Ledo engano. Em casa estavam todos felizes, inclusive o cunhado ranzinza. Suprema glória. Todos o saudaram com entusiasmo pela decisão. Agora sim poderiam viver tranquilos naquela agradável moradia. E assistir a novela das oito, sem comentários e exclamações inoportunas.

Enfim, o sábio-malandro tinha mesmo razão.

Esta breve história, permita-me caro leitor, tem em sua essência muito a ver com o dia-a-dia de nossa gente. Também aqui sempre que reivindicamos “melhores condições de vida”, acabamos topando com “bodes” de bom tamanho como desemprego em massa, aumento de combustíveis e, conseqüentemente, do custo de vida, majoração das taxas da Previdência Social, aposentadoria só aos 60, 65 anos etc. Bodes brabos, mesmo. Por isso, quando ficamos livres de alguns deles - nem precisa ser de todos, acrescente-se - damo-nos por satisfeitos. E agradecemos penhoradamente à mão que os levou embora. Seguimos, assim, felizes à nossa maneira nesse País “abençoado por Deus e bonito por natureza”. Afinal, podia ser bem pior, há sempre alguém a lembrar.

Mas, será que o sábio-malandro tem sempre razão?

(7 DE AGOSTO DE 1.981)

7 DE SETEMBRO

(IMPRESSÕES SOBRE O ESPETÁCULO DA INDEPENDÊNCIA)

Timbira é um negro alto e esguio. Aparenta ter seus 30 e tantos anos e um apurado senso de observação. Na tarde de segunda-feira (dia 7), deixou a favela de Vila Prudente com destino ao Parque da Independência. Veio assistir a reconstituição da cena do Grito do Ipiranga. Chegou, mais Claudete - sua “noiva de aliança e tudo”, por volta das 15 horas e, com algum esforço, arrumou um lugarzinho bem próximo do Monumento, onde se instalavam o amplo palco do Projeto Aquarius e o reservado das autoridades.

- A gente veio de tanto ver na televisão: vá ao Ipiranga no dia 7 de setembro rever o Grito da Independência. Como não tinha nada pra fazer, pouco dinheiro - tô desempregado, a crise, sabe como é, né? -, eu vim. Mas no meio desse mundaréu de gente, tô começando a me arrepender. Eu falei pra Dete que não era o Tarcísio Meira que ia representar o D. Pedro, agora não adianta resmungar. Já que estou aqui, vou ver o que acontece...

- Os organizadores falam em 500 mil pessoas. Ou seja mais de três vezes a lotação do Morumbi. Vai ser um bonito espetáculo cívico - respondo - tentando melhorar o ânimo do casal.

- Então não vai ser o Tarcísio que vai fazer o D. Pedro? - insiste Claudete, a noiva. Ao menos o Cid Moreira, a gente vai ver, né?

Procuo usar de diplomacia e contornar a delicada situação. Recorro ao programa e leio em voz alta para acabar com as possíveis dúvidas: Dom Pedro é o tenente Eduardo José Félix de Oliveira, do Regimento da Polícia Montada 9 de Julho, da PMS. A princesa D. Leopoldina é Eliert Favalli. O pianista da Corte é Saul de Almeida. José Bonifácio é Ivo Fernandes. O padre que fala a D. Pedro é Antonio Silva. Os ministros são Affif Pedro Cury, Eugênio Bachini e Alaor Aparecido Pini. As damas da corte são alunas da Escola Estadual Visconde de Itaúna, com participação de 11 integrantes da Polícia Militar do Estado de São Paulo e de 37 Dragões da Independência.

- E o Cid...

Interrompo Dete (já estou mais íntimo) e sou taxativo.

- A narração será de Cid Moreira, da Rede Globo, mas foi gravada em fita.

Ela exhibe um ar de quem foi enganada. Mas, acho que se convenceu.

Continua chegando gente por todos os cantos e vão ocupando todos os espaços. O locutor de plantão faz reiterados apelos.

- Vocês estão invadindo a área reservada para a encenação. Assim estão impossibilitando a realização do espetáculo.

Há tumultos em vários locais. O policiamento mostra-se insuficiente. Teme-se pela segurança do grande público. E o locutor insiste, pateticamente:

- Em nome dos restos mortais de D. Pedro, pedimos encarecidamente que não invadam a área reservada para a encenação. Os técnicos da Globo (que promoveu o espetáculo junto com o II Exército, Secretaria Estadual de Cultura e Comissão Organizadora dos Festejos de Aniversário do Bairro) estão me informando que assim não vai ser possível...

A essa altura, a Casa do Grito e o Monumento já estão separados por uma multidão. Acontece mais um empurra-empurra, e duas pessoas são levadas para o Atendimento de Emergência, com escoriações.

No reservado das autoridades, as coisas também não estão muito bem. Uma senhora de elegância duvidosa convoca o que me parece ser o chefe da Segurança (delas, autoridades) e pergunta em tom áspero: “O governador, onde eu vou colocar o governador?”

Timbira dá um risinho maroto. Acho que sei o que está pensando.

- Quer ver que para o governador eles arrumam lugar?

O locutor refaz os apelos.

- Que falta de espírito social, que falta de colaboração... Vamos colaborar gente. Ensaíamos meses para revivermos esse fato histórico e agora... Que pena! É uma pena!

Timbira perde a esportiva, visivelmente.

- Que cara chato, sô! Tá certo, ensaiaram meses. Mas e daí? Esqueceram o fundamental! Onde acomodar 500 mil pessoas. Para ser franco, acho que nem pensaram nisso. Pensaram mais na promoção que daria a eles mesmos.

Ao redor, o pessoal, insatisfeito também, dá razão a Timbira. Eu também, apesar do meu silêncio. Timbira completa, entre aplausos:

- Quer cancelar, cancela, e pronto.

Um “segurança” perto de nós não gostou nada, nada dessas manifestações. Aliás, “segurança”, por mais que disfarce, a gente sabe quem é.

Corre a notícia que, em meio aos contínuos tumultos, muitas crianças perderam-se dos pais. O atendimento de emergência já socorreu perto de 50 pessoas. Nada grave, felizmente. É tanta gente que não dá nem para se mexer.

Torres, painéis, árvores, penduram-se em tudo quanto é lugar. Até no telhado da Casa do Grito, pode?

Dizem que os técnicos da Globo haviam vetado o espetáculo. Mas, o governador chegou (arrumaram um lugar pra ele, claro) e deu ordens objetivas: “Quero ver encenado tudo. Apesar da invasão, temos condições de fazer a apresentação num espaço menor. Não vamos prejudicar o espetáculo”.

Junto com Maluf, na ala das autoridades, estavam entre outros menos cotados, o vice-governador José Maria Marin, o prefeito Reynaldo de Barros, o chefe da Casa Civil, Calim Eid, o comandante do II Exército, general Henrique Beckman Filho, o comandante da II Região Militar, general Alvir Souto, o presidente da comissão Naval de São Paulo, Almirante Newton Ribeiro e o presidente da Rede Globo, jornalista Roberto Marinho. Do pessoal do bairro, divisei, de longe, o vereador Almir Guimarães e o administrador regional Osvaldo Giannotti.

O locutor agora mudou a ladainha. Diz que a íntegra da reconstituição não vai ser possível. Mas, com o alto espírito de participação de todos, poderemos ver rediviva a cena do Grito da Independência.

- 1981. Hoje o passado é presente, ecoa pelo Parque da Independência literalmente lotado a voz, em tom solene, de Cid Moreira. Estamos em 1822 na Corte do Rio de Janeiro...

A trama se desenrola num dos palcos junto ao Monumento. José Bonifácio discute junto a seus pares a impossibilidade do Brasil continuar preso ao jugo português. Os atores movimentam-se com rigidez e dificuldade. D. Leopoldina dá seu apoio a José Bonifácio e é levada para outro palco, onde simula escrever carta ao fidalgo esposo, D. Pedro I.

Ouve-se a voz de D. Pedro - e as atenções voltam-se para as imediações da Casa do Grito. Aí a comitiva de D. Pedro consegue um bom efeito ao reproduzir o quadro de Pedro Américo. Depois de prometer “oferecer a todo povo uma vida feliz”, exclama: “Independência ou Morte”, “Independência ou Morte”. E sai pela rua dos Sorocabanos, muito aplaudido.

(Depois, pela televisão, vi que essa saída não foi tão gloriosa. O tenente Eduardo Félix foi derrubado pelo cavalo, machucando-se no rosto).

Agora é a vez do projeto Aquarius. De novo a voz solene do Cid Moreira: “O Projeto Aquarius é o movimento que O Globo realiza em todo o Brasil, levando a grande música a parques, estádios, ginásios, fortalezas históricas, igrejas. Hoje, estamos aqui, realizando este concerto em conjunto com o II Exército e Secretaria do Estado da Cultura, neste encerramento da Semana da Pátria”.

Lentamente, as pessoas começavam a deixar o Parque da Independência. Indiferentes às performances do maestro-regente Isaac Karabtchevsky a frente das orquestras Sinfônica Municipal

e Sinfônica Brasileira e do coro do Teatro Municipal. Na verdade, estavam, em sua maioria, decepcionadas. Poucas tiveram uma boa visão do espetáculo, umas 5 mil, se tanto. A falta de melhor acomodação, de sanitários, os tumultos, as dificuldades de condução, os congestionamentos, a rispidez de alguns policiais em determinados momentos - são algumas das queixas que se ouve nos corredores de saída.

Muitos desses não vão assistir certamente ao melhor da festa. Sob os acordes de “Pompa e Circunstância” de Elgar, durante cinco minutos uma bateria de fogos de artifício ilumina todo o parque. Há um justificado encantamento na platéia. Todos aplaudem e passam a cantar o Hino da Independência. É o encerramento da festa. Timbira despede-se:

- Taí, gostei... Do finzinho, gostei. Mas, no ano que vem não volto, não. Acho que pela televisão se vê melhor. Até a próxima, hein.

(11 DE SETEMBRO DE 1.981)

UM CERTO SENHOR...

(E A LUMINOSIDADE DAS COISAS SIMPLES)

Um forte sotaque nordestino denunciava as origens daquele senhor - magro, de tez morena, acentuada no rosto por profundas rugas. Seu nome, perdoe-me se não lembro. Eufrázio, Euzébio - qualquer coisa em torno disso. Entrevistei-o no início dos anos 70, quando preparava um levantamento sobre o Conjunto Habitacional de Carapicuíba. Ele falava, lembro-me bem, pausadamente, com muita resignação de seu batalhado dia-a-dia: “A vida nem sempre nos dá escolha, nos dá outra saída. A gente é o que é. Tem o que tem - e pronto. Adianta nada ficar amuado. Desesperar-se também não. O jeito é ir levando... Procurar fazer o melhor possível. Enfim, ser um bom sujeito”.

Vale salientar que esse senhor, possivelmente beirando os 50, era empregado de uma fiação. Além das oito horas diárias de trabalho, tinha mais quatro de condução. Fazia, disse-me em tom confidencial, por vezes, as contas dos anos que faltavam para sua aposentadoria. E tudo que havia acumulado, o fruto do seu trabalho, era aquele modestíssimo apartamento. Coisa pouca - é verdade. Mas muito bem cuidado pela patroa e a filha do meio.

Notei aí um inusitado brilho em seu rosto até então austero. “Bem maior que esse - explicou - só mesmo os quatro filhos e neto - garoto rechonchudo de ano e tanto que mal se equilibra sobre as duas pernas”. Recordo-me que, minha primeira impressão, foi taxá-lo aos meus botões de conformista. Um exemplo de facilidade. “O jeito é ir levando...” Hum!

Pôxa, atravessávamos um período sombrio. Repleto de vicissitudes e incertezas. O “milagre” começava a dar sinais de exaustão. E ele ali sem maiores questionamentos. Hum! “Não quero que meus filhos sejam pessoas ricas, milionárias - dessas que têm de tudo. Isso deve ser muito bom. Mas, para eles, desejo apenas que tenham saúde e nunca se afastem do que é certo, justo e honesto”.

Demorei algum tempo para reconhecer a sapiência desse sólido senhor, de macacão puído e barba por fazer. Sei lá se foi a proximidade do Dia da Criança ou se foi o desalento com tudo o que anda acontecendo no tal Planeta Terra, assaltou-me o impulso de escrever sobre essas poucas horas de proveitoso convívio. Penso que hoje entendo melhor a luminosidade de suas palavras e qual a real contribuição daquele homem à sociedade - formar pessoas íntegras. Infelizmente, uma espécie em vias de extinção.

O Planeta Terra, caro leitor, está cada vez mais opaco, cada vez mais embaçado, e você já percebeu o porquê.

(9 DE OUTUBRO DE 1.981)

SAUDADES

...CONVÉM OLHAR O CÉU. VASCULHAR O INFINITO...
EM ALGUM LUGAR, DEVE HAVER MAIS UMA ESTRELA...
E DE RARO BRILHO: ELIS...

Depoimento de José do Nascimento (Zé Armando, colunista de GI) que conheceu Elis nos bastidores da TV Record na década de 60.

“Elis Regina morreu às 11 horas no Hospital das Clínicas. A notícia dada pelo rádio caiu como uma bomba em nossa redação na terça-feira (19/01/82). Fiquei mudo e estático sem acreditar no que ouvia. De repente, como um filme, começou a desfilar em minha frente as imagens da Elis Regina Carvalho da Costa ainda mocinha, vestindo um terninho rosa, em meu escritório, em frente do teatro Paramount. Minutos antes, ela havia feito delirar uma enorme e entusiasta platéia.

Comigo nessa noite, em 1965, estava o Manoel Carlos que, em uma máquina de escrever, redigia o primeiro contrato que Elis iria assinar com a TV Record. Ela sabiamente exigia cláusulas como, por exemplo, a obrigatoriedade de que o seu acompanhamento musical fosse feito pelo Zimbo Trio (Amilton Godoy; Rubinho e Luiz Chaves) e que o produtor fosse o próprio Manoel Carlos. Desse contrato, resultou um programa que foi um dos marcos na televisão e música brasileiras: o “Fino da Bossa”, que estreou em maio de 1.965.

Elis revolucionou a maneira de interpretar mostrando uma força extraordinária e se agigantando no palco apesar de seu 1,53 de altura. Incompreendida, muitas vezes. Sua franqueza absoluta chocava alguns, menos seus amigos que sabiam e entendiam que essa franqueza era resultado de sua extrema autenticidade. Por isso chamavam-na carinhosamente de Pimentinha. Era sua ânsia de que as verdades deveriam ser ditas.

E foi essa Elis talento, Elis autêntica, Elis verdade que, aos 36 anos, deixou um vazio eterno na música popular brasileira e no coração de seus amigos. Elis Regina. Regina. Rainha. Maior cantora do Brasil. Adeus Pimentinha. Ou antes, até qualquer hora. “

(22 DE JANEIRO DE 1.982)

ZEQUINHA, NASCI, NASCIMENTO

(E O DOMINGO PASSOU A SE CHAMAR SAUDADE)

É muito difícil escrever sobre um amigo que se vai. Fica o desafio da lauda em branco à sua frente. As lembranças - doces, curiosas, longínquas..., - estampam, de uma só vez, as paredes da memória. Não se sabe por onde começar. O coração aperta, acelera. Transforma o passado em presente. É como se pudéssemos reviver os velhos e bons tempos. “Old times”, como ele próprio diria...

A bem da verdade, o fato é notícia. E nossa função, por mais desoladora que seja, é levá-la ao leitor. Eis, pois, a triste realidade. Faleceu, neste sábado (dia 20), o publicitário e homem de televisão e marketing, José do Nascimento. Morreu aos 60 anos, de insuficiência cardíaca, depois de prestar inúmeros - e bons - serviços à sua querida cidade de São Paulo, muito especialmente à nossa coletividade do Ipiranga - bairro que o viu nascer (era da Vila Carioca) e onde viveu a maior parte de sua vida.

“O Ipiranga é uma cidadezinha do Interior. Voltei para cá no início dos anos 70, com a promessa de nunca mais sair. Entender essa aldeia é conhecer os segredos do mundo...”, filosofava a bordo do inseparável cachimbo.

Com efeito, o coração do menino Zequinha nunca esqueceu as origens. Ele, que sabia como poucos a ciência da vida, gostava de lembrar as histórias do velho “Alexandre de Gusmão”, ainda na Bom Pastor, onde funciona, hoje, o Francisco de Assis Reys. Falava dos flertes juvenis ao redor do Museu do Ipiranga e das concorridas sessões de cinema. O bairro possuía onze salas e o clima, dizia, “era puro encantamento”. Cada novo filme era saudado como um acontecimento.

Nesse embalo, era inevitável que tomasse gosto pela vida artística. Chegou inclusive a fazer algumas “pontas” em produções nacionais e a frequentar os auditórios das emissoras de rádio. Queria ser rádio-ator, participando de algumas novelas com o pseudônimo de José Augusto.

Com o advento da TV em alta, Nascimento acabou na então promissora TV Record, da família Machado de Carvalho. Foi contratado no início dos anos 60, mas queria ficar atrás das câmeras. Toda aquela parafernália mecânica o desafiava. Pensou em organizar uma “grade” vespertina, que não existia na TV brasileira -, com programas femininos, infantis e muito entretenimento. A iniciativa foi tão bem sucedida que Nascimento logo foi chamado para produzir dois outros programas, de êxito imediato: o Blota Júnior Show (um talk-show semanal que tinha Jô Soares como repórter para gravações externas) e o Sábado Com Você, comandado pela saudosa Sônia Ribeiro.

Nessa fase áurea da Record, aproveitando os bons ventos do sucesso, montou a London Publicidade para fazer o que mais gostava: desbravar os fascinantes caminhos da criação. Simultaneamente, desenvolveu um trabalho de shows pelo interior do estado, que também o encantava. Ele costumava citar o deslumbramento das pessoas ao conhecer, de perto, os artistas que viam na televisão, ali, na sua cidadezinha.

- Era como um presente dos céus..., dizia.

Dessas inúmeras atividades, Nascimento gostava, especialmente, de falar sobre duas passagens: a assinatura do primeiro contrato de Elis Regina com a Record e a primeira vez que viu Roberto Carlos.

- O pessoal da Record levou Elis para o meu escritório na London e nós a convencemos a assinar com a gente. Sabíamos que a Tupi também queria fazer um programa com ela e nos antecipamos. Foi nessa que o Jair Rodrigues entrou de contra-peso. Ela insistiu e aceitamos. Foi quando surgiu “O Fino da Bossa”.

- Havia uma empresária de nome Ivone que só trabalhava com novos valores. Ela também estava em começo de carreira. Numa tarde, ela me apareceu na Record com um rapazinho que só olhava para o chão e vestia um smoking, desses de aluguel. Falou que a CBS estava acreditando

muito no rapaz e que o incluísse num dos meus programas. Estranhei o traje de gala para uma apresentação à tarde, mas topei... Ainda bem. Meses depois, Roberto era um sucesso.

Em 1970, longe da Record, Nascimento foi o coordenador executivo dos programas do Tribunal Regional Eleitoral na televisão. Em 74, assumiu as funções de relações públicas do Clube Atlético Ypiranga, onde chegou posteriormente a vice-presidente do Conselho Deliberativo.

A partir de 78, passou a trabalhar com o vereador Almir Guimarães, como coordenador de campanha e assessor parlamentar. Sua atuação política, isenta de qualquer interesse eleitoral, sempre pautou pelo lema que criou e do qual se orgulhava: “Em primeiro lugar, nossa cidade”.

O velho Nasci, inveterado torcedor do São Paulo, também respondeu pela presidência do PMDB do bairro, de 83 a 85. Aglutinou as principais correntes do partido em torno da sua simpatia e bom humor. Trabalhou pelas Diretas-já, pela eleição de Tancredo Neves, além de ser um importante ponto de apoio para as realizações do então prefeito Mário Covas no bairro. Foi por essa época que começou a escrever a coluna Zé Armando para Gazeta do Ipiranga. Era outro dos seus orgulhos: retratar o cotidiano da sua querida gente ipiranguista.

Nascimento foi enterrado no Cemitério da Vila Mariana. O dia nublado abriu espaço para um sol morno, exatamente na hora do cerimonial. Alguém lembrou a magia daquele momento em que parentes e amigos, todos que o conheceram e admiraram, prestavam sua sincera homenagem. E o domingo, a partir de então, passou a se chamar saudade.

(26 DE MAIO DE 1.995)

SARRIÁ

(ITÁLIA IMPLACÁVEL: 3X2,
BRASIL FORA DO MUNDIAL DA ESPANHA)

Sabe-se, a luz do bom, senso, que a Copa do Mundo nada mais é do que uma competição esportiva. Talvez a mais emocionante do Planeta. Para os apaixonados torcedores brasileiros, certamente é a mais importante. Razão de vida. Afinal, vivemos ou não no País do Futebol?

Pois bem. Há algumas semanas, quando ainda era crescente a expectativa pelo Mundial, escrevi aqui, nesse espaço, que a vida, apesar de todo nosso arrebatamento, não se resumia a uma Copa do Mundo. E creio mesmo, não apenas por estarmos alijados de mais esse título - que desilusão! -, de mais essa alegria, que há conquistas bem mais reais à espera de toda fé, de toda participação, de todo patriotismo demonstrados nas últimas semanas.

Compreendo! Essa colocação logo após o fracasso nas “calientes” e acolhedoras plagas espanholas pouco ou quase nada adianta, tal o desconsolo de nossa gente. Pode-se perder em tudo. O brasileiro faz até piada da inflação, do custo de vida. Chega mesmo a ironizar as estultices de seus homens públicos. E nem se incomoda caso lhe inventem um novo - e absurdo - imposto a pagar. Pode-se perder em tudo - repito, menos no futebol, mescla de arte, paixão e vida de um povo.

Não sei se a afirmação de algumas semanas teve algo de premonição ou coisa do tipo. Confesso desde já que não sou afeito a adivinhações. Sei, porém, que, embora cintilasse a confiança no brilho dos comandos de Telê Santana - o bom-mineiro - sempre achei conveniente ficar de sobreaviso. Não foi pessimismo, não. Uma questão de prudência.

Hoje, já com alguma frieza, concluo que foi exatamente esse imprescindível ingrediente que faltou à Seleção, mais especificamente diante da Itália - um adversário forte, com jogadores experientes e, reconheça-se, de talento indiscutível.

Com efeito, o próprio Zezé Moreira, veterano conhecedor de futebol que acompanhou, como “olheiro” da CBF, a chave da Itália na primeira etapa do Mundial, observou a Telê: merece respeito um time composto por jogadores como Zoff, Gentile, Chirea, Cabrini, Tardelli, Antonioni, Bruno Conti e esse oportunista Paulo Rossi.

Apesar do alerta, todos os brasileiros só falavam em goleada. Mesmo quando estávamos em desvantagem no marcador, ninguém se abalou. Os deuses da bola logo, logo despertariam para o massacre à atrevida Azzurra. E assim foi até o surpreendente terceiro gol que, na verdade, dizimou todas as esperanças nativas. Por essa, há quem acrescente, nem os italianos esperavam.

Concordo que não é tempo de se promover uma desnecessária caça às bruxas, acusar esse ou aquele, procurar culpados. Afinal, pelo que se viu, todos perdemos a chance de ser tetra. Particularmente, no entanto, gostaria de fazer uma breve - mas, indispensável - ressalva. Esse pessoal que nos representou no Mundial 82 é, sem dúvida, o que há de melhor. Talvez pudéssemos trocar dois ou três nomes - nada mais. E fez o que pôde, o que estava ao alcance de cada um. Só que eles não são tão perfeitos como decantou nossa imprensa. Têm falhas - e graves. Na verdade, desde o Mundial de 70, nossos jogadores não chegam a se completar como craques, campeões, e por uma série de razões. A principal delas é o endeusamento precoce que dirigentes, torcedores e sobretudo a imprensa esportiva logo promovem quando surge alguém acima da média. Não raras vezes, bastam um ou dois jogos para ser citado como novo Pelé, ganhar manchetes e páginas inteiras sobre sua vida e seu futuro. Daí logo se descobre que ele pode gravar um disco, virar garoto propaganda, ser pastor de uma nova religião etc.

Claro que com tantos interesses em jogo, com tantos milhões rolando, em meio a tanto oba-oba, fica difícil que o indivíduo, de repente, entenda-se como um simples atleta. Que ele

depende de seus músculos e de seu empenho para vencer - e que a vitória nunca está garantida antes dos 90 minutos.

Segunda-feira, de triste memória, a Pátria descalçou as chuteiras. E por momentos, vestiu-se de luto.

(9 DE JULHO DE 1.982)

A VISITA

(ALGUMAS LINHAS QUE GERARAM UM PROCESSO CONTRA MALUF)

Quando o Prefeito Salim Curiati assumiu, lembro-me de ter redigido um editorial sobre as suspeitas de que esse era um mandato-tampão, com objetivos claramente definidos: agilizar a máquina governamental para favorecer os candidatos do PDS nas eleições de novembro. Portanto, não me surpreendi com o que aconteceu na manhã de terça-feira na Regional do Ipiranga. A entidade transformou-se literalmente num comitê pré-eleitoral do PDS. Esperava-se pela ilustre presença do prefeito Salim Curiati. Ele deveria falar sobre os problemas da região, além de atender algumas instituições. Entretanto, informaram seus assessores, retido em Brasília - não havia condições de vôo para São Paulo - Curiati não pôde saldar “este importante compromisso”.

O grande destaque da reunião, então, passou a ser o ex- governador Paulo Maluf. Antes, porém, na madrugada, o Ipiranga foi meticulosamente “decorado” com coloridos cartazes que anunciavam Maluf como candidato a deputado federal. E, mesmo durante o encontro, o assunto entre os correligionários não foi outro: a extenuante campanha de Maluf por todo o Estado e o objetivo de conseguir mais de 500 mil votos no próximo pleito. “Com uma votação de tal ordem” - comentava um sorridente pedessista - “o homem (Maluf) é candidato natural à presidência da República em 84... Se eles abrirem, claro”.

Representando o prefeito, o secretário das Administrações Regionais, Nieto Martins, fez parte da comitiva, alguns lamentavam profundamente as ausências de Reynaldo de Barros e de Papa Júnior. Nieto foi convidado a falar e fez contundente pronunciamento. Falou do bairro, criticou a Oposição e reservou as melhores palavras para o candidato a governador Reynaldo de Barros, Maluf e “os amigos do PDS”.

Soube pela repórter Regina Maria Curuci que houve quem se surpreendesse com a ausência do prefeito. E se indignasse com o caráter meramente político da reunião. Talvez esperassem ser recebidos em audiência, fazer reivindicações e ouvir do prefeito explicações de como equacionar os problemas que afligem nosso bairro. Afinal, só por isso entenderia-se a visita como um fato de real interesse para a comunidade.

Particularmente, já esperava por isto. E creio que mesmo com Salim Curiati não teríamos um encontro de características diversas. Foi, na verdade, um arremedo dos tais Governos de Integração que, por sua vez, tinham funções igualmente promocionais. Só não entendi porque não revelar claramente os objetivos da cerimônia, bem como o nome dos principais protagonistas. Pois, às pessoas de bom, senso, esses são equívocos lamentáveis. E que certamente não devem pesar favoravelmente para os eventuais candidatos em novembro próximo.

(30 DE JULHO DE 1.982)

(Com base nesse texto, o advogado Alberto Rollo abriu um processo contra Paulo Maluf por “uso indevido da máquina administrativa”. Também foram anexados às provas, a matéria da repórter Regina M. Curuci, as fotos do repórter-fotográfico Claudio Micheli e o depoimento do líder comunitário, Oliver Costa. Depois de duas sessões no Fórum do Ipiranga, o processo foi misteriosamente arquivado. E nós ficamos desobrigados de repetir infinitas vezes a verdade que todos sabiam. Mas, fingiam ignorar)

“DOU A MINHA CASA...”

(ELE VIVEU O SONHO DA CASA PRÓPRIA.
AGORA, ENFRENTA O PESADELO)

Um pequeno anúncio nos classificados da edição da semana passada de Gazeta do Ipiranga chamou a atenção da Imprensa paulistana para o drama de Carlos Istoe. No texto, uma inusitada oferta deste modesto técnico em eletrônica: ele está doando o apartamento que adquiriu ano passado pelo sistema do BNH e só faz duas exigências: o interessado deve pagar as duas prestações atrasadas de Cr\$ 128 mil cada e assumir junto à Caixa o restante da dívida. Entretanto, até o momento, como Carlos informou aos repórteres, não apareceu ninguém. E para seu desespero, o imóvel do conjunto Irajá em São Bernardo do Campo continua em seu nome, bem como a responsabilidade de saldar Cr\$ 8 milhões.

Por alguns meses, Carlos Istoe e sua família viveram a doce ilusão de ter realizado o sonho da casa própria. Casado, com 24 anos, comprou um bom apartamento - dois dormitórios, sala de jantar e estar, cozinha, área de serviço e banheiro - com 750 mil de entrada. Deu também outras parcelas intermediárias de Cr\$ 2 milhões. Em outubro recebeu as chaves e arcou com um financiamento de 17 anos junto à Caixa Econômica. Obrigou-se então a pagar uma prestação mensal de pouco mais de 60 mil cruzeiros. Até aí, tudo bem... Ele não contava, porém, com o reajuste de 130 por cento que elevou a prestação para Cr\$ 128 mil, uma soma bastante distanciada do que seu salário pode pagar.

Perplexo diante desta realidade, Carlos buscou saídas para o impasse. Tentou, de início, devolver o imóvel à Caixa, que não o aceitou. Tentou também vendê-lo, através de anúncios em diversos jornais. Mas, os eventuais compradores logo desistiram ao informarem-se do valor da prestação. Sem outra saída, resolveu abrir mão do dinheiro que aplicou e fazer a doação, pura e simples, do imóvel.

- Perco tudo o que já dei (que ele estima em Cr\$ 3 milhões), mas prefiro assim... Quero dormir tranquilo. A Caixa, além de não aceitar o apartamento de volta, ameaça protestar meu nome, deixando-me sem crédito para o resto da vida...

Aos interessados, Carlos faz questão de deixar seu telefone: 857-0133, ramal 290.

Triste realidade. A história de Carlos Istoe reflete, com rara precisão, o desespero que vivem hoje milhares e milhares de mutuários do BNH - todos a convencer-se, dia após dia, que caíram mesmo no engenhoso conto da casa própria. Reflete também o desamparo a que essas famílias estão relegadas e o quanto é calamitosa para os brasileiros a política econômica ora em vigor.

Veja o caso de Carlos: mesmo que apareça algum desavisado comprador, a doação não poderá ser feita assim, não. A Caixa vai exigir um novo contrato - tendo a semestralidade como cláusula obrigatória - e a renegociação da dívida. Em outras palavras, além de gastos consideráveis com a feitura de nova papelada, haverá um substancial aumento das prestações.

(5 DE AGOSTO DE 1.983)

DIGNÍSSIMO SENHOR NOEL,

(A TRADICIONAL CARTINHA ASSINADA POR
130 MILHÕES DE BRASILEIROS)

Imagine você se a entidade “Papai Noel” pudesse realmente atender às solicitações de toda uma Nação. E que, por um desses acasos divinos, a bem, aventurada terra escolhida, nesse finzinho de 83, fosse o nosso Brasil.

Imagine, pois, como seria a tradicional cartinha, assinada por 130 milhões de bons brasileiros. Logicamente algumas notáveis ausências seriam observadas a olho nu - e por óbvios motivos.

Considere democraticamente que o pedido a encabeçar a longa relação seria para que tivéssemos, já em 85, um presidente eleito pelo voto direto. Afinal, acrescentaríamos nas justificativas, somos uma Nação já bastante crescida para lançarmos mão de expedientes como mandato-tampão, biônicos e assemelhados.

Com efeito, esse pedido seria pedra-de-toque para outras reivindicações igualmente importantes, necessárias. A saber: o fortalecimento das Instituições (se possível, até uma nova Constituição), o fim da corrupção, critérios mais humanísticos na administração dos órgãos públicos, controle da taxa inflacionária e do custo de vida, o reconhecimento do direito de todos à habitação, alimentação, saúde e educação, emprego para todos, uma distribuição de renda mais equitativa e justa, além da propagação de uma sociedade mais digna e representativa, com a participação efetiva de todos os brasileiros.

Um capítulo à parte e consideravelmente longo iria discorrer quase que exclusivamente sobre a questão da segurança pública, da não-violência. Ressaltaríamos aqui que o tópico carece de equilíbrio e solidariedade para que venhamos a atingir o estágio ideal: erradicar toda e qualquer espécie de agressão ao homem, ao cidadão e seus direitos.

Como todo brasileiro, via de regra, tem bom coração, claro está que acharíamos espaço na missiva para lembrarmos dos países, irmãos. Exemplos: que a democracia argentina solidifique-se e espalhe seus saudáveis fluidos por todo o continente; que a corrida armamentista tenha um ponto final, assim como os cruéis atentados e todas as lutas que matam inocentes em nome de uma causa não tão nobre quanto a própria vida.

Um pedido especialíssimo: paz no mundo!

Por certo, surgirão os incrédulos que irão questionar a boa fé de nossa gente. Irão taxar nossas sinceras aspirações de absurdas, utópicas, impossíveis. A esses, a resposta vem nos versos da canção que renova a esperança inquebrantável de melhores dias: “Sonho que se sonha só/É só um sonho que se sonha só/Mas, sonho que se sonha junto é realidade”.

(23 DE DEZEMBRO DE 1.983)

A FESTA DO DIVINO

(O JOGO OFICIAL EM QUE ADEMIR DA GUIA DISSE ADEUS À BOLA)

Ver Ademir jogar. Uma agradável obrigação para aqueles que amam e cultivam o esporte-rei. Será domingo, a partir das 11 horas, no Canindé, a despedida oficial, e de reconhecimento tardio, de Ademir da Guia dos gramados. O Palmeiras vai enfrentar uma seleção paulista, reforçada por craques como Pelé, Rivelino, Carlos Alberto Torres, Pedro Rocha, entre outros. A festa e a alegria do Divino:

- Puxa, demorou. Mas eu sempre confiei que esse dia chegaria...

A história de Ademir da Guia no Palmeiras começa em 1961. Recém-saído do juvenil do Bangu, é contratado para ficar na reserva de Chinezinho. No ano seguinte, porém, o Palmeiras vende seu maior craque para a Itália. Ademir e Hélio Burini, um vigoroso armador de chute forte e sobrenome de família italiana, passam a disputar a camisa 10. Na temporada de 63, entretanto, estoura aos olhos de todos o futebol clássico de Ademir da Guia. Mais uma vez, nesse ano, o Verdão quebra a hegemonia do Santos de Pelé, Coutinho e Cia. - e é campeão paulista. Pelos corredores do Parque Antártica, já não se ouve mais a cornetagem saudosa de Chinezinho. Burini, apesar de todas as referências, é vendido ao Botafogo de Ribeirão Preto. Ademir da Guia, o novo ídolo. Merecidamente!

Desde então e até 1977, é o titular absoluto, formando com Dudu um meio-campo histórico e vencedor: cinco vezes campeão paulista (em 76, só Ademir jogou, Dudu era o técnico), duas vezes campeão brasileiro, campeão do torneio Roberto Gomes Pedrosa, além de outras conquistas nacionais e internacionais.

Em 74, o teimoso Zagalo é quase obrigado pela torcida e pela imprensa a relacionar Ademir da Guia entre os selecionáveis para o Mundial da Alemanha. Mesmo não tendo qualquer simpatia pelo estilo de jogo do palmeirense, Zagalo não consegue fugir da realidade que preferia não ver. No entanto, já nos treinamentos, o técnico demonstra que não pretende contar com Ademir na Copa. Sua opção é para a formação de um meio-de-campo com Paulo César Carpegiani, Rivelino e Paulo César Lima.

O tímido Ademir não reclama. Aceita a reserva com resignação. E joga apenas meio-tempo contra os poloneses, já com o Brasil fora da finalíssima da Copa. Mas, esses 45 minutos bastaram para tomar ainda mais flagrante o erro de Zagalo. Ainda hoje, ao comentar o assunto, Divino não consegue se revoltar. Reconhece o direito do técnico optar por outros jogadores a quem dedicava maior confiança. E até justifica: “Eu ficaria muito frustrado se não tivesse participado deste Mundial. Na mesma posição que eu, havia outros grandes jogadores como o Gerson, o Rivelino, o Dirceu Lopes, além do Pedro Rocha que é estrangeiro”.

Em 76, Dudu assume o comando técnico do Palmeiras. De pronto, afasta o volante Ivo e promove a estréia de Pires, das equipes inferiores. Ao lado desse garoto, Ademir consegue dar o último título ao Palmeiras: campeão paulista. Ainda no decorrer do torneio, depois de uma inspirada apresentação frente a Portuguesa, surgem rumores no Parque de uma provável transferência de Ademir para os Estados Unidos. Mas, as negociações não chegam a um bom termo. E Ademir, como quer a torcida, permanece no Palmeiras.

O fatídico 77, porém, é o ano das contusões, coisa que nunca havia acontecido em sua brilhante carreira. Primeiro, uma misteriosa dor na sola do pé. Mal se recupera e aparece a sinusite. Pensou-se a princípio, que bastaria uma simples operação para que retomasse, quando muito, no início de 78. Entretanto, Ademir não voltou mais. Toda vez que tentava correr e/ou treinar mais forte, a respiração ficava exígua, difícil. Veio uma nova operação. E a decisão final: estava definitivamente fora dos gramados!

Hábil no campo de jogo, fora dele Ademir não revelou a mesma sorte. Perdeu um bom dinheiro em negócios. O casamento com a chilena Ximena acabou. Profissionalmente, tentou ser auxiliar técnico, cuidar das equipes infantis. Mas, eram tempos de “vacas magras”. Nada deu certo. Ademir só se livra dos males da sinusite em meados de 83, depois de mais duas operações. Hoje, vive, ao lado dos filhos num dos poucos imóveis que lhe restou nas Perdizes, bem perto do Palmeiras. Está mais falante e até otimista “em melhores dias”. Quer arrumar um “bom emprego em vendas” e correr o interior “jogando com os amigos do Milionário”, um time de veteranos famosos. Ele diz se emocionar com os aplausos da torcida. Que não vive longe do futebol. E acha “muito gostoso” lembrar dos tempos da academia, dos títulos, dos amigos que fez e que lhe prepararam a homenagem de domingo.

- Será inesquecível, ressalta agradecido e feliz, com seu eterno jeitão de menino triste.

(20 DE JANEIRO DE 1.984)

DE ENTUSIASMO E FÉ

(BREVE COMENTÁRIO SOBRE A PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO ORFICIAL PRÓ-DIRETAS PARA PRESIDENTE)

Contam-me que foi uma grande e histórica manifestação popular. De entusiasmo e fé num Brasil melhor para todos os brasileiros. Não houve qualquer incidente e, durante quatro horas ininterruptas, tudo transcorreu num clima de tranquilidade e descontração. Teve muita música e, não poderia faltar, exposições de escolas de samba. Falaram diversos oradores. Mas, a emoção maior foi a constatação que a campanha pelas diretas está na rua e no coração de nossa gente. Eram quase 50 mil, nesse abençoado dia, a entoar o refrão “Eu quero votar para presidente”.

Os relatos dos repórteres que estiveram em Curitiba quinta-feira da semana passada são eufóricos até. Para esses, a abertura da campanha a favor das diretas para presidente alcançou pleno êxito. Muitos acreditam que já a partir do dia 25, quando acontece em São Paulo o segundo comício pró-diretas, o movimento pode-se corporificar e espalhar-se pelos quadrantes de todo o País.

- Sabe como é - dizem - São Paulo é o Estado mais poderoso da República e, é inegável, tudo o que aqui acontece ecoa de forma bastante significativa, pelo Brasil inteiro...

Um vaticínio? Tomara... O certo é que – lembrem-me os colegas - um dos pronunciamentos mais aplaudidos de Curitiba foi o do governador Franco Montoro. Se não chegou a ser brilhante, foi convincente - e muito aplaudido.

- Hoje - disse o governador - ao ver esse espetáculo extraordinário de democracia, quero dizer aos que duvidavam: subam a este palanque e sintam o clamor da população. A grande lição está no fundo desta manifestação que hoje abrange mais de 90 por cento de todos os brasileiros e que, certamente, abrangerá 100 por cento dentro de algumas semanas. É a grande mola de uma verdade ampla: pretenderam tutelar o Brasil, quiseram tratar nossa gente como coisa dirigida. Mas, não tardou, veio a resposta - e de uma maneira absolutamente humana e sábia: O povo que se coloca na luta pelas eleições diretas eleva o País à sua irreversível condição democrática.

Durante o comício da rua das Flores, que contou com a presença de inúmeros artistas (Osmar Santos, Martinho da Vila, Raul Cortez, Dina Sfat, Carmem Costa e Wando), discursaram proeminentes políticos do PMDB - embora o movimento seja das Oposições, portanto suprapartidário. O deputado Ulysses Guimarães fez severas críticas ao Colégio Eleitoral. Criticou também ao PDS por tentar fechar questão pelas indiretas. O senador Álvaro Dias esmiuçou a situação calamitosa do País e do povo brasileiro. O governador mineiro Tancredo Neves ressaltou a obrigatoriedade de se lutar pelo restabelecimento da democracia plena. E o anfitrião, o governador José Richa, falou da intranquilidade da Nação diante de sua mais contundente crise política, social e econômica.

Outro ponto culminante da manifestação aconteceu quando, gritando “Viva a Argentina”, todos saudaram o representante do presidente Raul Alfonsín, Juan Carlos Quintana. Ele afirmou sua convicção na determinação dos brasileiros.

- Se o que estou vendo aqui não é o povo, não sei o que é povo. Há pouco tempo vivi um momento feliz, como este. Tive eleições diretas no meu País. Vocês devem defender com todas as forças esse direito, que é de todos os cidadãos. Pois, esta é a única forma legítima de escolha de um presidente numa democracia.

(20 DE JANEIRO DE 1.984)

DIRETAS-JÁ

(SÃO PAULO COMEMORA ANIVERSÁRIO COM INESQUECÍVEL MANIFESTAÇÃO CÍVICA)

As reações de pouco caso dos homens ligados ao Planalto, em relação ao êxito da manifestação pró-diretas, realizada quarta-feira em São Paulo, são perfeitamente compreensíveis, e já de antemão esperadas. Não é de hoje, aliás, o hábito que esses senhores cultivam de andar em sentido inverso aos mais justos desejos de nossa gente. Não seria agora que iriam mudar, confere?

Com efeito, sem nos engajarmos num otimismo impensado, creio ser bastante sensato questionar essa tranqüilidade como aparente, superficial. Está cada vez mais difícil explicar o inexplicável. Como justificar uma inflação de 212 por cento ao ano, sem reconhecer erros gravíssimos na linha econômica adotada pelo Governo? E o desemprego? E a dívida externa, absurdo dos absurdos? E a situação da calamitosa penúria que hoje vive expressiva parcela dos brasileiros?

São, na realidade, perguntas que permanecem sem qualquer resposta mais convincente..

Assim como hoje soa de forma bastante artificial a eleição de um presidente da República por via indireta. Com base unicamente no parecer de um Colégio Eleitoral, colocado desde já sob suspeita. Fica difícil referendar um Presidente da República que não tenha o apoio da opinião pública. E sabe-se hoje que 90 por cento dos brasileiros são francamente favoráveis às diretas. E certamente não verão com simpatia alguém que assume em Brasília, sem qualquer consulta popular.

Outro ponto a ser colocado em discussão. Em 86, o Congresso Nacional vai ser alterado, com as eleições de deputados e senadores. Com a projeção e o acirramento do caos econômico e social, é bastante plausível acreditar que o partido situacionista não consiga evitar nas urnas uma derrota ainda mais fragorosa. E, sem o auxílio de expedientes casuísticos, certamente o PDS perderá sua hegemonia no Congresso Nacional.

Então, como ficamos? Sem o aval popular, com o Legislativo francamente oposicionista, o sucessor do presidente Figueiredo e seus auxiliares, indicados para dar continuidade às linhas mestras do governo atual, vão enfrentar uma situação hostil e nada, nada adequada para administrar um País que atravessa a mais grave crise de sua história.

Seria bom que os congressistas pensassem, com seriedade, nessas possibilidades. Estamos em tempo de mudar as regras do jogo. Não se trata, pois, de veleidade de alguns próceres oposicionistas. Nem está em debate o interesse de alguns oportunistas. A voz de todos os brasileiros fala mais alto, como se ouviu quarta-feira na Praça da Sé. Não há outra saída para o impasse. É diretas para presidente. E pra já!

(27 DE JANEIRO DE 1.984)

O PEREGRINO

(É A LUTA PELAS DIRETAS-JÁ QUE CONTINUA...
E A TODOS FASCINA)

Jeitão desengonçado. Lá vai o circunspecto senhor, vagarosamente, em meio à multidão. Seu destino, como o de todos caminhantes, é o Vale do Anhangabau que, diga-se, nunca esteve tão bonito. Há uma áurea de luz ao seu redor. E ele destaca-se em meio a tanta gente. Veste-se com sobriedade: paletó escuro, camisa branca, gravata amarela, a cor das diretas-já. Vez ou outra acena com a mão direita. E agradece aos aplausos que são inevitáveis por todo o percurso.

Há quem se emocione às lágrimas diante do venerável senhor... Sua expressão séria, entretanto, continua imutável. Tem um ar sereno e, mesmo em silêncio, revela a indestrutível sapiência dos justos. E a determinação dos bravos.

Em frente do Teatro Municipal, os aplausos são mais e mais calorosos. Dos prédios, cai uma alegre chuva de papel picado. Uma singela reverência dos simples mortais aquele exemplo de dignidade e grandeza. A cada quarteirão, aliás, multiplica-se maravilhosamente o fluxo de seus seguidores. A emoção transparece no olhar marejado de muitos quando “o locutor das diretas”, Osmar Santos, anuncia sua chegada ao Vale. Ele prefere ficar em meio ao povo. E assegurar, com suaves acenos, a certeza de que estamos no caminho certo e a esperança de dias melhores.

É aí, junto aos seus iguais, que ouve, em meio a respeitoso silêncio, a canção feita em sua homenagem e que, hoje mais do que qualquer outra, é o símbolo da luta pelas Diretas-já.

- Quem é esse peregrino... - perguntaram os versos de Fernando Brandt e Milton Nascimento. A resposta - todos sabem - está no coração de todos os brasileiros: Teotônio Vilela, o menestrel das Alagoas.

Criado por jovens artistas plásticos paulistanos, um gigantesco boneco, de 4 metros de altura, representando o senador Teotônio Vitela, foi uma das grandes atrações da inesquecível manifestação pró-Diretas-já que realizou-se em São Paulo na tarde/noite de segunda-feira, dia 15. Foram os próprios idealizadores que se encarregaram de empurrá-lo até bem próximo do palanque central no Anhangabau. Estavam gratificados com a admiração de todos.

- Homenagear Teotônio Vilela - disse um deles - é uma questão de justiça. Antevendo a morte e o fim da vida, queria uma atitude já, agora. Foi ele quem ajudou a inflar, em todos nós, esse sentimento nacional. Teotônio foi um grande brasileiro, um conciliador. Fizemos o boneco para lembrar, a cada parlamentar, que no dia 25 vai votar a emenda Dante de Oliveira, que ele, Teotônio, fez muito pelo Brasil...

Com efeito, nesses dias em que a Nação se engrandece, em meio a manifestações rigorosamente luminosas, não há como deixar de lembrar do exemplo que Teotônio nos legou. Exemplo de indiscutível amor à nossa gente. Exemplo de irreduzível fé num amanhã que consagre a justiça social e o Brasil como Nação contemporânea. Pelas Diretas-já!!!

(19 DE ABRIL DE 1.984)

25 DE Abril, O Nosso

(DESILUSÃO: A EMENDA DAS DIRETAS~JÁ NÃO PASSOU)

Ontem a Nação amanheceu envolta numa profunda tristeza. Um desalento perfeitamente compreensível para quem pretendeu um glorioso 25 de abril - tal e qual aconteceu com os patrícios portugueses e já lá se vão 10 anos.

A Nação ousou sonhar com o definitivo despertar de dias melhores. Revelou-se ordeira e determinada em seus anseios. Sequer acovardou-se diante do autoritarismo e da prepotência - uma vez mais redivivos, lamentavelmente.

O sonho, aliás, renova-se a cada dia.

Alguns poucos maus brasileiros não entenderam - ou melhor, fingiram não entender - o apelo de milhões e milhões que foram às praças, saíram às ruas. E, embora investidos de uma delegação outorgada pelo próprio povo, omitiram-se ou disseram não à emenda Dante de Oliveira que propôs restabelecimento das eleições diretas para a Presidência da República em janeiro de 85. Em nome das conveniências pessoais ou de grupelhos, preferiram ignorar a mais significativa manifestação popular que tem registro a História do Brasil. Imaginam-se talvez, capazes de, com essa traição, manter uma situação absolutamente insustentável.

Ledo engano. Esses senhores não souberam assimilar o crescimento de uma Nação. E melhor fariam se renunciassem ao mandato que não souberam honrar. Perdeu-se uma contenda. Mas, a luta, certamente, vai continuar. Estamos em campanha pela recuperação de um legítimo direito que nos pertence e foi usurpado pelo arbítrio.

Queremos participar decisivamente do destino deste grande País, empobrecido por governos inéptos ao longo de 20 anos. Participar significa estar à frente da reconstrução nacional. Que, entenda-se, não pode mais ser postergada em nome de situações-fantasmas que não mais nos amedrontam. Diretas-já! A solução não morreu. Está nos corações de todos os brasileiros. Permanece viva, candente - até o dia da vitória final. Que é inexorável.

Não há outra saída para a crise que vivemos. O Brasil é um país viável. Só precisa deixar de ser o paraíso dos privilegiados para tornar, se verdadeiramente a Pátria almejada por todos os brasileiros.

(27 DE ABRIL DE 1.984)

CHÔ, FANTASMAS

(A DESASTROSA ENTREVISTA DE UM EX-PRESIDENTE)

A semana começou agitada nos meios políticos. Repercutiu muito mal a bombástica entrevista que o ex-presidente, general Emílio Garrastazu Médici, concedeu aos repórteres no Rio Grande do Sul, interrompendo um estratégico silêncio de anos e anos. Acompanhado do indefectível Paulo Salim Maluf, Médici fez críticas contundentes aos governos que o sucedeam, além de, entre outros absurdos, taxar as eleições diretas como “uma piada”.

Ao que sempre se soube, o general que virou presidente, em tempos de tristes lembranças, nunca cultivou o saudável hábito de falar à Imprensa. Por isso, logo surgiu a questão maior: a quem interessa reviver o obscurantismo da era Médici? Ou a quem interessa tão desastroso pronunciamento?

Claro que as primeiras evidências revelaram, de pronto, o nome do deputado federal Paulo Salim Maluf. Com a presidenciável candidatura em fragorosa baixa, o ex-governador teria insinuado um lance de impacto. Um apoio que, é sabido, lhe negaram Geisel e Figueiredo. Maluf sempre soube da simpatia de Médici pelo Colégio Eleitoral e que só esta Instituição (repudiada pela opinião pública e amplos segmentos da sociedade) pode lhe assegurar a continuidade de sua aspiração maior: ser presidente a qualquer custo. Tentar, bem que ele tentou...

Mas, pelo que os analistas políticos puderam observar, a performance de Médici não lhe foi muito auspiciosa. É muito temeroso dizer que o episódio tenha feito a cabeça dos militares pouco afeitos à chamada abertura democrática. Em compensação, é bem mais correto acreditar que, junto ao grupo palaciano, Maluf caiu em desgraça. Inapelavelmente.

Há, no entanto, quem amplie os horizontes da análise. E veja, na surpreendente aparição do general ex-presidente, a manobra de grupos que, embora perfilados com o Governo, não estão necessariamente afinados com os homens do Planalto. Como é comum, nesses casos, o nome do ex-titular da Casa Civil, Golbery do Couto e Silva, é invariavelmente muito citado...

Uma terceira versão procura enxugar o fato de maiores consequências. E entende o pronunciamento rancoroso de Médici como uma represália pela indiferença com que foi tratado tanto no governo Geisel como no atual. Uma inoportuna desforra.

De qualquer forma, hoje, quase uma semana após, ninguém pode afiançar, com plena segurança, quais os reais objetivos da entrevista. Como o enigma da esfinge, desafia os governistas: “Decifra-me ou te devoro?” Para a oposição, torna límpida a necessidade de manter-se unida e determinada ao entendimento. Às duas partes, ensina não perder de vista as aspirações da Nação, que renasceu impávida e forte, nas ruas e nas praças na campanha pelas Diretas-já.

Com efeito, este é o caminho digno para o novo Brasil, livre de fantasmas, assombrações e maus agouros.

(11 DE MAIO DE 1.984)

TANCREDISMO

(O IDEAL SERIA AS DIRETAS-JÁ. COMO NÃO DÁ...)

Diz-me O sábio interlocutor, do alto de sua ilibada experiência parlamentar:

- Política é a arte de fazer o melhor. Se não o ideal, o melhor por nossa gente, pela Nação.

Sei de sua postura ponderada, da lucidez que lhe caracteriza - e não é engano supor firme determinação na defesa da candidatura de Tancredo Neves. E ele, faz pouco tempo, revelou-se ferrenho defensor das Diretas-já.

- Tancredo saberá amoldar num bloco único e consistente todas as correntes, por mais díspares que sejam da Aliança Liberal.

Ele tem um argumento irrefutável. E acredita que Tancredo não perde no Colégio Eleitoral por mais casuísmos que o Governo lance mão.

- Veja: se a vitória das Oposições não fosse líquida e certa, alguém em sã consciência pode acreditar que Tancredo, com largos anos vividos na política, deixaria de cumprir dois anos de mandato como governador de Minas Gerais para tentar uma aventura...

Um raciocínio lógico, reconheço. Mas, de qualquer forma, tento estocá-lo à média distância. Será que o Sistema já não assimilou Tancredo a ponto de “permitir” sua eleição? Haverá mudanças com Tancredo? E em que níveis?

- Ora, são literalmente trágicos os tempos atuais para quem detém o Poder há 20 anos. Basta a arrogância de um homem só (Maluf) - por ironia, seu produto mais bem acabado - para pôr a pique todas as pretensões de continuidade e a própria existência. Hoje, a questão não é bem essa, se o Sistema assimilou ou não Tancredo - porque, desde que o presidente da República deixou a coordenação da campanha sucessória, eles perderam o controle das ações. Em todos os níveis.

E as mudanças?

- Ah!, sim. Tancredo não está sozinho nessa luta. Ele vai ao Colégio Eleitoral para implodilo. Vai com o respaldo da maioria dos brasileiros que não teve as almejadas Diretas-já porque o Governo não deixou... Vai, principalmente, com um programa a cumprir. Um programa elaborado para por fim a esse estado de calamidade que aflige nosso País. Um programa que restabelece eleições diretas em todos os níveis, que reduz o mandato presidencial para quatro anos, que muda a economia político-financeira, que renegocia a dívida externa, que empenha-se numa reforma social capaz de minorar as agruras da classe média e da classe trabalhadora, que fortalece as Instituições e que propõe uma nova Constituição...

- O ideal, conclui - seriam as Diretas-já. E continuo empenhado nessa luta. Vamos avaliar as chances da emenda Teodoro Mendes passar no Congresso assim que se reiniciar os trabalhos. No entanto, não podemos deixar espaço para os que querem manter o Poder a qualquer custo...

(27 DE JULHO DE 1.984)

AS DIRETAS E O TAMPÃO

(UMA NOTÁVEL LIÇÃO DE DESPERDÍCIO E INSENSATEZ)

As convenções partidárias devem monopolizar o fim de semana político. O deputado Paulo Maluf e o ministro Mário Andreazza disputam a supremacia do PDS - ou o que restou dele. Enquanto isso, o governador Tancredo Neves vai ser oficialmente homologado como presidenciável das Oposições, via PMDB. A partir de então, candidatos a postos, a sucessão do presidente João Figueiredo passa a ter contornos definitivos, entra na reta de chegada com lances que, seguramente, devem marcar indelevelmente o momento histórico brasileiro.

Nós que, deste modesto posto de observação, acompanhamos nos últimos meses a mobilização nacional na luta pela construção de um novo Brasil, decididamente nos entusiasmos com as Diretas-já. E aplaudimos a determinação gramsciana das Oposições de ir ao Colégio Eleitoral para implodi-lo. Porque, romantismos à parte, é isto que precisa ser feito. Pois bem. Nós acreditamos ter pouco a acrescentar ao que já dissemos sobre o assunto. Resumidamente: não há diferença entre Andreazza e Maluf. Ambos representam uma situação que está aí há 20 anos. E que os brasileiros, de maneira comovente, demonstram que não querem ver perdurar. Querem mudanças já.

Isto posto, gostaríamos de colocar um exemplo lamentavelmente ilustrativo do que consideramos o mal maior que levou o País a tão alarmante estágio de pobreza: a malversação do erário público. E esta notável lição de desperdício e insensatez administrativa está apenas a alguns quarteirões de nós. Trata-se do inexplicável elevado sobre o rio Tamanduateí. Uma obra caríssima. E inútil.

Há três ou quatro anos, Gazeta do Ipiranga procurou ouvir moradores e comerciantes da área ribeirinha do Tamanduateí. Queríamos saber o que pensavam sobre a proposta do prefeito Reynaldo de Barros e do governador Paulo Maluf sobre a recém anunciada construção de um “tampão” sobre o Tamanduateí. Dizia-se na ocasião que esta obra seria desenvolvida simultaneamente à outra: de ampliação da vazão do rio que definitivamente estabeleceria o fim das enchentes em toda a região.

A faraônica proposta da via elevada não chegou a comover à população. As respostas eram simples e objetivas. Davam primazia ao problema das cheias que, anualmente, assolam sem piedade centenas de famílias. Muitos definiam o “tampão” como desnecessário. E até recomendavam ser impossível “tocar” duas obras de tamanho vulto ao mesmo tempo. Prioridade para o combate às enchentes, é o que alertavam sabiamente. O trânsito que, a bem da verdade, nunca foi dos melhores na avenida do Estado, poderia esperar mais alguns anos. As enchentes, porém, não.

Insensíveis aos alertas da comunidade deu-se início aos trabalhos das duas frentes. E anos depois, vejamos os resultados: nem as obras do “tampão”, nem as que combatem as enchentes vão ser concluídas conforme previa o projeto. Motivo: falta de verba.

A via elevada que deveria ter aproximadamente 8 mil metros, agora, não chega aos 2 mil. Enquanto as obras contra as enchentes serão bem simplificadas. No último canteiro, da rua dos Patriotas até o córrego dos Meninos, haverá apenas o aprofundamento do leito do rio e o estaqueamento, sem a concretagem das margens. Motivo, repito: falta de verba.

Recentemente, quando estive em visita ao Clube Atlético Ypiranga, o prefeito Mário Covas revelou sua perplexidade. O que fazer com o “abacaxi” que recebeu da administração passada? Dias depois, a Secretaria de Transportes anunciou a intenção de aproveitar o “tampão” como faixa de rolamento para ônibus e autos. Mas, tanto o prefeito como os técnicos da Secretaria sabem que a utilização é apenas circunstancial. Nada de maior importância ou que solucione qualquer problema. Nada que realmente mereça os 40 bilhões que ali foram gastos. Indevidamente.

(10 DE AGOSTO DE 1.984)

BELO EXEMPLO

(A NAÇÃO REDIVIVA SOUBE SE COLOCAR ALTIVA E FORTE)

Há belos exemplos na História recente do País. Exemplos de dignidade, de civismo e desprendimento. Nada, porém, se compara às extraordinárias manifestações pró-diretas que revigoraram um País, combalido por vinte anos de autoritarismo e opressão.

O Brasil nunca mais será o mesmo depois da marcha pelas Diretas-já. Explica-se todo o entusiasmo. A Nação rediviva soube se colocar exemplarmente. Mesmo quando os donos do Poder, em desespero de causa, fecharam qualquer possibilidade de se escolher o sucessor do presidente João Figueiredo por via direta, não houve distúrbios. Nem ações precipitadas. Houve consciência, serenidade. Maturidade. Postou-se solidamente a reivindicar o legítimo direito de eleger seu representante maior, através do voto livre, soberano e universal.

Com efeito, há que se creditar, em muitos pontos, a essa saudável postura dos brasileiros à vitória de Tancredo Neves em 15 de janeiro. O candidato da aliança democrática, afinal, transformou-se, naturalmente, no pólo catalizador das aspirações e anseios da Nação. E, apesar da intransigência ou do oportunismo de alguns, não poderia ser diferente, sob pena de se perder bisonhamente, por omissão, o bonde da História. Tancredo, na verdade, representa hoje a possibilidade da conciliação, a possibilidade de mudança e reformas. Representa a esperança de se antever uma réstia de luz no fim do túnel.

Há, de outra forma, que se reconhecer a hábil articulação da maioria dos líderes oposicionistas e dos dissidentes do PDS que simplesmente arrasou as pretensões do continuismo, do imobilismo, do quanto pior melhor. E aqui cabe uma ressalva especialíssima à atuação do deputado Ulysses Guimarães, o “Senhor das Diretas”. Ele soube honrar o mandato que há anos e anos possui, merecidamente, por delegação popular. Soube abrir mão de um projeto de vida, o sonho maior acalentado por todo político - exercer a Presidência da República - em nome do bem comum: a redemocratização do País, num clima de absoluta tranquilidade.

Tranquilidade, sim. Pois, perante a Nação atenta e firme em seus propósitos, não há casuísmos, nem subterfúgios que possam alterar impunemente as regras do jogo. Aliás, o próprio Ulysses assegurou, no início da semana, que vamos ao Colégio Eleitoral na mais perfeita ordem. Tanto nos setores civis como nos militares - disse - a disposição é impedir quaisquer tentativas de ruptura da normalidade democrática.

No mesmo teor, registre-se, foi o pronunciamento do presidente João Figueiredo. Em audiência que concedeu ao empresário Mário Garoem, garantiu a continuidade do processo político, livre de qualquer tentativa de golpe nas instituições. E esclareceu: “Isso é o que tenho na cabeça e o resto são especulações que me deixam pasmo e me surpreendem”.

Por falar em pasmo e surpresa, não raras vezes tentei decifrar - sem sucesso - as razões que levaram o presidente Figueiredo a não concluir magnificamente seu projeto de abertura. Como? Ora, restabelecendo a escolha de seu sucessor pelo voto direto. A História, certamente, lhe faria justiça.

(16 DE NOVEMBRO DE 1.984)

MALUF NA TRIBUNA

(DEPOIS DE QUATRO ANOS DE MANDATO,
ELE RESOLVEU FALAR)

Pela primeira vez, desde que assumiu na Câmara Federal, o deputado Paulo Maluf foi à tribuna para um pronunciamento. Durante hora e meia, falou em causa própria. E não chegou a fazer nenhuma revelação que surpreendesse. Nada de novo sob o sol.

Como se os brasileiros não tivessem memória, declarou-se um homem de oposição e que é a favor das Diretas-já. Reiterou que a palavra renúncia não consta do seu dicionário. E mostrou-se tão empenhado em livrar o País das presas do arbítrio que, por muito pouco, comentaram alguns parlamentares, não tancredou...

Com efeito, Paulo Maluf é uma personagem singular na História do Brasil atual. Seu exarcebado personalismo é capaz de façanhas insuspeitáveis. Há, por exemplo, quem credite a falência do Sistema exatamente à atuação predatória de Paulo Maluf. Outros reconhecem em Maluf o primeiro brasileiro a enfrentar e vencer as ordens do Planalto. Lembrem, de pronto, da convenção do PDS que o elegeu governador do Estado. Lembrem também a independência com que se lançou na campanha para a Presidência. Posicionou-se sempre acima de qualquer acordo, prévia, candidatura de consenso ou seja lá o que fosse. Foi para a convenção de setembro e derrotou fragorosamente o ministro Mário Andreazza, que muitos diziam ser o nome da preferência do presidente João Figueiredo.

Não sei até que ponto essas avaliações são reais. Entendo que Maluf ocupou esses espaços porque o regime de exceção começava a claudicar em fins dos anos 70. O PMDB ganhou novo alento com as vitórias de 74 e 78 e a sociedade tomou consciência da dura realidade que o tal “milagre econômico” havia fantasiado.

Mesmo à distância, parece-me que ele só fez o que fez porque encontrou terreno propício. Digamos que uma guinada mais à direita interessou a determinados setores, que começaram a sentir-se marginalizados ao tempo da distensão que virou abertura. Maluf aproveitou essa fragilização para agir em causa própria. Mas, não resta dúvidas que serviu de ponta-de-lança às aspirações das alas mais retrógradas do Sistema.

O ex-governador de São Paulo lastima, se agora que lhe falta respaldo governamental e militar. Certamente gostaria de ver um homem da sua estreita confiança na Casa Civil e não o senhor Leitão de Abreu, que nada faz para lhe ajudar. Nelson Marchezan é outro que preferiria ter fora da sua rota. E, para ele, uma ação mais firme dos militares, seguramente, iria bloquear a avalanche de dissidentes que engordou a Aliança Democrática. Em síntese, com o empenho de todos, haveria a reversão do quadro sucessório, hoje inquestionavelmente favorável a Tancredo Neves.

Maluf esqueceu-se que não representa a vontade das diversas matizes do Poder, e sim de alguns segmentos e de outros tantos senhores, preocupados com as benesses que poderiam lhes advir no caso de uma eventual vitória no Colégio Eleitoral.

Mas, pelo pronunciamento de segunda-feira, Maluf não acredita mais em qualquer ajuda do Planalto. Está na disputa, com chances cada vez mais reduzidas. Mas, pode ocorrer algum vacilo e... Senão, ele já trata de assumir a liderança do que restou do PDS – um espólio que tem, ao menos dois declarados postulantes: César Cals e Nelson Marechezan.

Enquanto isso, São Paulo recebe hoje o presidenciável Tancredo Neves. A Praça da Sé, que foi marco das Diretas-já, vai dar a legitimação à candidatura das Oposições. Trata-se do último comício de apoio a Tancredo Neves e conta com a participação de políticos, artistas e de todos os governadores que “fecharam” com a Aliança Democrática. Os organizadores esperam que os paulistanos se façam presentes - aos milhões, se possível - com o entusiasmo e o equilíbrio que caracterizaram as manifestações das Diretas-já.

Todos à Sé!

(7 DE DEZEMBRO DE 1.984)

CUSTOU MUITO AOS BRASILEIROS

(A VITÓRIA DE TANCREDO NO COLÉGIO ELEITORAL)

Esses quase 21 anos de autoritarismo causaram danos consideráveis em todos nós. Houve quem viveu mais de perto os demandos do arbítrio e da prepotência. Houve também quem sofreu na própria pele a violência da ditadura, muitas vezes impiedosa para com os adversários. Foram tempos negros, onde se alastraram, como devastadora praga, o vazio cultural e político, a tecnocracia oportunista, a corrupção, a impunidade e a debaclê econômica e social.

A vitória de Tancredo Neves consuma o fim do mais longo período de exceção de nossa história. As esperanças renascem a partir da nova realidade, que raiou terça-feira em Brasília. E, das próprias cinzas, ressurgiu o ideal de um novo Brasil. Um Brasil, enfim, para todos os brasileiros.

São dois momentos distintos. Das trevas à luz, tenha a certeza, caro leitor, não se chegou pela complacência dos que se arvoraram donos do Poder. Ao contrário. Foi com muita luta que se conseguiu mudar a trajetória obscurantista em que mergulhou o País.

Com a maturidade de quem sabe o que quer, a Nação retomou lentamente os direitos inalienáveis que lhe foram usurpados à revelia. Entendeu logo que a luta armada não era solução. Evitou o conflito. Mas, não esmoreceu. Preferiu organizar-se pacificamente. Obteve junto ao governo Geisel o incentivo à distensão política. E, por essa brecha, para muitos imperceptível, deu início à série de conquistas, lentas e graduais. Irreversíveis, porém. E vieram a abertura, a anistia, a revogação dos atos de força, eleições para governadores até desaguar na extraordinária mobilização nacional pelas Diretas-já, aspiração maior de mais de 90 por cento dos brasileiros.

Com efeito, as manifestações, que se alastraram pelos quatro cantos do País, reunindo milhões e milhões de pessoas, foram de tal forma impressionantes e decisivas que puseram a pique toda e qualquer pretensão do continuismo do Sistema e seu indefectível candidato, o senhor Paulo Maluf.

É certo que não se conseguiu as diretas para presidente. No entanto, as mudanças - ficou bem evidente - eram irrefutáveis. E pra já!

Tivemos, então, um momento de rara grandeza entre os políticos nativos. O alto comando do PMDB e os líderes da dissidência do PDS abriram mão das divergências partidárias e dos projetos pessoais. E, num gesto de extrema habilidade, consolidaram a vitoriosa candidatura de Tancredo Neves a presidente da República.

Presente nos momentos de maior relevância da política nacional dos últimos 50 anos, o mineiro de São João Del Rey, Tancredo de Almeida Neves, reúne virtudes indispensáveis para conduzir o País tranquilamente nesse período de transição. Conciliador, por natureza, não se vergará ante a responsabilidade de viabilizar o sonho de todos nós: restabelecer a democracia plena e soberana, consolidar nossas Instituições em instrumentos duradouros e reguladores da vida nacional. E, principalmente, fazer da justiça social um bem que atinja, indiscriminadamente, a todos os brasileiros.

Ao trabalho, presidente Tancredo. Que a Nação, consciente de sua força participativa, não lhe faltará!!!

Do editorial do Le Monde: “A eleição de Tancredo Neves não significa que os problemas do Brasil vão desaparecer amanhã, como se pudesse ocorrer um milagre. Muita coisa terá que ser feita nesse gigante da América Latina, consideravelmente endividado em razão da irresponsabilidade de seus antigos dirigentes, hoje obrigado a praticar uma política de austeridade que atinge principalmente os mais desfavorecidos”.

(18 DE JANEIRO DE 1.985)

A DEMOCRACIA QUE TEMOS

(E O SONHO: UM BRASIL PARA TODOS OS BRASILEIROS)

Há quem não tolere a expressão “Nova República”, cunhada pelo presidente-eleito, Tancredo Neves, em novembro, para definir esses tempos de redemocratização. Alguns senhores vêem nela temíveis semelhanças com o ditatorial “Estado Novo” de Getúlio Vargas. Um exagero, sem dúvida.

Observadores da vida nacional salientam, com respeitável ênfase, que, ao se adotar a política São Paulo-Minas como peça hegemônica do próximo governo, as elites empresariais estariam afastando a massa de trabalhadores do centro de decisões por longos e longos anos. Aqui, faz sentido alguma apreensão.

Todos os dias temos à mão um farto noticiário sobre a acirrada disputa entre os ministeriáveis da Aliança Democrática. Fala-se inclusive que o governador de São Paulo, Franco Montoro, já trabalha nos bastidores para a próxima eleição presidencial. Aqui, um fundo de verdade para muito de especulação e boataria.

Comenta-se que os “bolsões” mais extremistas do Sistema ainda não assimilaram os novos tempos. E arditamente se preparam para recuperar o domínio das ações, a partir dos primeiros tremores sociais da Nova República. Nunca é demais ficar atento!

Rumores como esses são compreensíveis neste período que se convencionou chamar de transição. Devem, portanto, ser encarados com naturalidade pela opinião pública. E avaliados dentro da real importância que possuem. Sem maiores traumas. Enfrentar posicionamentos divergentes, afinal, faz parte do jogo democrático.

Então, não era isto que queríamos? Pois, é o que temos.

Cabe a nós, agora, ter uma conduta equilibrada diante dos fatos. Nossa participação é imprescindível à vitalidade da Nova República. No entanto, revela-se igualmente fundamental o senso crítico e fiscalizador. Por melhor intencionados que estejam, o presidente Tancredo e equipe são passíveis de falhas e equívocos. É exatamente aqui que entra a força de pressão da comunidade. Ou melhor diria, da Nação. Repito: são as regras do jogo democrático.

Com efeito, vivemos um momento de incertezas. E temos à frente tarefas de apreciável envergadura. Estão encadeadas umas às outras e só depois de solucionadas, teremos o País recomposto e por inteiro.

Falo da consolidação da democracia plena, do fortalecimento das instituições, do reordenamento do sistema econômico, financeiro, da sensata negociação da dívida externa, das soluções para a dívida interna, da retomada do crescimento, do equacionamento do “rombo” da Previdência, do BNH falido. Por aí se vai até chegar à essência de tudo que é a valorização do homem enquanto cidadão e pessoa.

Qualquer dessas tarefas, mesmo que tomada isoladamente, já é empreitada de magnífico porte, própria às Nações mais coesas e contemporâneas. Perceba, pois, caro leitor, o desafio que nos cabe. Tenha consciência de que devemos entrar por inteiro nesta luta. Só assim chegaremos ao terceiro milênio com a certeza de um Brasil forte, livre, democrata. Um Brasil de todos os brasileiros.

Maldizer a ditadura já não basta! Felizmente.

(26 DE JANEIRO DE 1.985)

EM NOME DA HISTÓRIA (AS VIAGENS DO PRESIDENTE-ELEITO. TANCREDO NEVES)

Tão logo assegurou a vitória no Colégio Eleitoral, o presidente-eleito Tancredo Neves começou a pensar seriamente no espaço de tempo entre 15 de janeiro e 15 de março. O que fazer neste período para escapar ao inevitável repicar de pressões que o igualmente inevitável “batalhão” de ministeriáveis faria vibrar ensurdecedoramente?

Aos mais chegados confidenciou que preferiria descansar em algum dos aprazíveis recantos de Minas Gerais. Mas, de imediato, ponderou que, por mais que se “escondesse”, dificilmente conseguiria fugir ao assédio diário da Imprensa e da implacável “marcação” dos candidatos de todas as tendências e matizes ao ministério.

Doutor Tancredo tinha um convite do presidente Ronald Reagan para visitar os Estados Unidos. E a partir deste fato, junto com seus mais diletos colaboradores, começou a pensar numa viagem ao Exterior. Só não gostaria de sair do Brasil unicamente para ir aos EUA.

Sua ampla bagagem política deu o alerta para os, digamos, inconvenientes de uma aproximação com Reagan. Justamente agora que os banqueiros americanos parecem discordar frontalmente do pacto dos países devedores. Não é do agrado dos americanos essa ‘conversa de negociar a dívida externa em bloco, com reivindicações conjuntas e exigências nem sempre toleráveis, prazo maior, redução dos juros, isso e aquilo... Isto postoa, pareceu simpática a possibilidade de estender a viagem à Europa, mais propriamente à Itália e Portugal. Quem vai à Itália vai a Roma e quem vai a Roma tem que ver o Papa. E assim foi... Ainda na bela península, doutor Tancredo recebeu o amável convite do presidente Mitterrand para uma “chegadinha II à França. Recusa-lo seria, no mínimo, uma indelicadeza. Próxima parada, Paris! O mesmo, aliás, pode-se dizer da Espanha, incluída à última hora no roteiro, ainda em meio à surpreendente repercussão que alcançou a estada em Portugal. Com efeito, em meio a tantas cerimônias, algumas particularmente tocantes como a de Coimbra, houve pouco tempo para o que entendemos como descanso. Mas, convenhamos, o saldo deste giro internacional, em termos promocionais, foi altamente positivo. Reforçou-se sobremaneira a imagem de um Brasil democrático. É a partir deste prisma de contem, por aneidade que os futuros contatos internacionais devem ser feitos tanto no contexto político como no econômico.

Ademais, os Estados Unidos agora passam a ser apenas uma das etapas da viagem. O que, em consequência, reduz a questão da dívida externa como um ponto a mais nas conversações. Dessa forma, mineiramente, doutor Tancredo está bem à vontade para reafirmar a posição de liderança do Brasil na elaboração da aliança dos países devedores.

Mas, se em termos de política externa, está tudo sobcontrole, a ausência do presidente-eleito acirrou as disputas pelos ministérios e pela proximidade do Poder. Ele, a bem da verdade, teve uma frase sábia ao deixar o País: 11... *na composição do ministério, a gente deve deixar as ondas baterem umas nas outras para depois estudar a espuma...* “ Na próxima semana, quando desembarcar em solo-pátrio, terá um considerável material de estudo. E um belo desafio a transpor. Com a tranqüilidade costumeira, vai conciliar as partes. Fará com que tanto a Frente Liberal como o PMDB entendam que não haverá supremacia no novo governo. E que tere~ mos, até 15 de março, um ministério formado à imagem e semelhança de Tancredo Neves, um homem público que faz parte da História e que tem como missão, hoje, modifica-la a bem de toda a Nação.

.De Olavo Setúbal sobre a possibilidade de vir a ser ministro da Previdência Social: *‘Pasta Pasta não se oferece nem ao pior inimigo’*. E sobre a consulta de vir a ser o presidente do Banco Central: *“Banco por banco, eu fico com o meu!”*.

(10 DE FEVEREIRO DE 1.985)

NOVA REPUBLICA

(EDITORIAL QUE GAZETA DO IPIRANGA PUBLICOU NA PRIMEIRA PÁGINA EM 15/03/85.)

Tomara mesmo que a Nova República que hoje se inaugura, com a posse do presidente Tancredo Neves seja verdadeiramente marco de um novo tempo. Melhor ainda se for, como se presume, não apenas de Tancredo e equipe, mas, sim, a Nova República de todos os brasileiros.

Os anos de arbítrio e prepotência deixaram marcas profundas em nossa gente. Todos perdemos com a miséria que se espalhou pelos quatro cantos do País. Foram dias difíceis em que a Nação foi preterida e afastada do legítimo direito de participar da condução do destino nacional. Desde então, quase que sigilosamente se organizou a resistência. Apesar da repressão, da censura, da violência, lutou-se, de uma forma bem nossa, pelo novo amanhã. Não houve alternativas para os donos do Poder. Eles foram perdendo espaço: fim dos atos de exceção, anistia, eleições diretas para governadores, posse aos eleitos e o extraordinário movimento pelas Diretas-já, lição de civismo que o mundo inteiro reverenciou.

Não obtivemos a vitória plena, suprema a eleição pelo voto direto do presidente da República. Contudo, não houve pânico. Para surpresa de muitos, não perdemos o controle da situação. A Nação renasceu assim coesa e forte. Vencemos com o conciliador Tancredo Neves no abominável Colégio Eleitoral, instrumento autoritário que, por feliz ironia, pôs fim aos sonhos próprios do continuísmo.

Virou-se uma página, infeliz' da nossa História. Inaugura-se hoje uma nova era. De fortalecimento das instituições, de respeito ao homem e de total aceitação aos cânones democráticos. Temos, com efeito, uma responsabilidade maior. Nossa participação é obrigatória, imprescindível. Não deve haver omissão. Nem se pode esperar por milagres ou ações espetaculosas que, em um só momento, restabeleçam o equilíbrio social, duramente atingido nesses 21 anos.

É insensato assim pensar. Como não basta apenas aplaudir o novo governo. E elogiar todos seus atos apenas por elogiar. Nosso senso crítico avaliador deve estar afiadíssimo para os desafios que estão por vir. Entenda-se que o bem comum está acima dos interesses pessoais e/ou de determinados grupos. Tratamos do que é melhor para a Nação hoje, amanhã. Sempre.

Um grande País forja-se na atuação do povo e dos governantes nos momentos de maior relevância. Tomara estejamos todos à altura deste 15 de março.

(15 DE MARÇO DE 1985)

Estava feliz na quinta-feira, dia 14. Escolhi a melhor foto do Doutor Tancredo para a capa de G.I. Projetei-a no diagrama com quase 25 centímetros de altura. Um escândalo! Ao lado, o texto do editorial que me dava a sensação de estar cumprindo minha função social. Como jornalista, anunciava o fim da ditadura no País. Sentia-me um privilegiado...

Pena que o dia seguinte nos reservasse uma ingrata surpresa. Tancredo não tomou posse. Enfim, sobreviveu a esperança...

ÉTICA E INFORMAÇÃO

(A NAÇÃO ESTÁ PERPLEXA.
E AOS JORNALISTAS CABE APURAR A VERDADE)

Lembro-me que em 1.975 São Paulo viveu dias de angústia e apreensão com o perturbador surto epidêmico de meningite que se alastrou pela metrópole, fazendo milhares de vítimas. Na ocasião, não raras vezes, os jornalistas tiveram conhecimento em “off” de informes bem mais preocupantes que, no entanto, não puderam ser noticiados. As autoridades de então - estávamos ainda sob o controle da censura - achavam mais recomendável “conter” os índices da doença a níveis toleráveis para que se evitassem pânico e contratemplos ainda maiores à gente paulistana.

Lembro-me que não nos restava outra alternativa senão insinuar nas entrelinhas que a situação era bem mais grave. E, de resto, fazer um substancial relato ao editor-chefe para que se inteirasse em detalhes da sombria realidade.

Apresso-me em esclarecer que eram, como se diz - outros tempos. No entanto, vislumbro no triste episódio do doutor Tancredo Neves sinais de que o obscurantismo fez escola mesmo entre alguns notáveis senhores da Nova República.

Senão vejamos. Após 10 dias e quatro operações, desde o infausto acontecimento, percebo um evidente descompasso entre as informações, quase sempre otimistas, que se colhe junto às fontes oficiais e o cáustico quadro clínico do presidente-eleito a cada dia mais debilitado por diverticulite, hérnia, infecções e complicações respiratórias e cardíacas.

Mesmo que se descarte, como manda o bom-senso, de qualquer veracidade a onda de boatos, irresponsável e perniciosa, que se alastrou entre nós, é de vital importância que se tenha consciência de que nem sempre as versões oficiais, embora vindas de respeitabilíssimas credenciais, soaram convincentemente. Convenhamos, o mínimo que se esperava nesta hora, de orações e incertezas, é que a verdade dos fatos fosse mantida - custasse o que custasse.

A Nação está perplexa com o virtual impedimento do homem que escolheu para conduzir o País nestes insinuantes dias de transição. Reconheceu nele o artífice do novo Brasil, soberano, justo e democrático. Não é compreensível, portanto, que fique agora à margem dos acontecimentos, sorvendo em doses homeopáticas o princípio e a essência de todas as Leis: a verdade.

Reconheço que a função da Imprensa vai além do registro, frio e impessoal, dos boletins médicos. Devemos investigar o assunto à exaustão, tentar “furar” o bloqueio que se impôs entre nós e o doutor Tancredo.

Não se deve subestimar quem deu cor e vida à extraordinária mobilização pelas Diretas-já, quem referendou total apoio à candidatura da Aliança Democrática. Todos torcem pela recuperação do presidente-eleito. Emocionam-se com suas melhoras e quedam-se desacorçoados quando há qualquer problema. A figura do doutor Tancredo hoje é um mito. Mas o respeito à verdade está acima dos homens. Por mais ilustres que sejam. A todos deve servir. Principalmente aos mais humildes.

(4 DE ABRIL DE 1.985)

O BRASIL REZA POR TANCREDO

(MAS A REALIDADE É TRISTE E DESALENTADORA...)

O Brasil, no entanto, não deve contar com a sapiência do notável mineiro de São João Del Rey que há meio século é um dos principais artífices da política nacional. Esta, afinal, é a realidade - triste e desalentadora realidade que nem os mais cétricos dos cétricos ousariam conceber para a noite de 14 de março.

Cabe reconhecer, contudo, que o presidente, mesmo sem chegar a tomar posse, cumpriu a promessa de sacramentar a transição do Regime - do ditatorial ao democrático. Quanto a isso, os fatos mostram que não houve retrocesso. Mesmo com o abrupto impedimento do presidente, eleito em 15 de janeiro, cumpriu-se a Constituição, sem qualquer interferência das casernas. O vice José Sarney é hoje quem governa. Acrescente-se, a bem da verdade, com equilíbrio e segurança próprios de um grande estadista.

De resto, a sina do doutor Tancredo comove a todos. E acabou por firmar nos brasileiros a necessidade vital da Nova República. Embora cunhada e idealizada pelo doutor Tancredo, não se pode perder seus preceitos de legalidade, mesmo que sua ausência seja definitiva. É preciso, para tanto, que o mesmo sentimento de fraternidade que hoje nos une seja preservado - íntegro e soberano.

O primeiro passo nesse sentido é, sem dúvida, uma concentração de forças na elaboração da nova Constituição, dever e compromisso dos brasileiros. Efetivamente, uma Constituição para ser representativa e socialmente justa tem que passar obrigatoriamente pelo crivo dos diversos segmentos da sociedade - do operário ao estudante, do clero ao empresariado, do camponês ao profissional liberal.

Mas, enquanto nos preparamos para a Constituinte, confirmada para novembro de 86, a Nação tem alguns pontos de honra que precisam ser “tocados” - e pra já. Vale lembrar, entre outras questões, a eleição para prefeitos das capitais, a remoção do entulho do autoritarismo e o equacionamento do caos econômico-financeiro.

Cumpra um adendo: a classe política não pode se furtar à grandiosidade do momento que vivemos. É de sua responsabilidade, longe do paternalismo e do oportunismo, coordenar os próximos passos da Nação, revigorada e desperta por recentes conquistas. Não pode haver retrocesso. Mesmo sem o doutor Tancredo, símbolo maior desses tempos benditos de liberdade e fé no amanhã, não podemos deixar que a Nova República desvaneça. E fique apenas nos planos e ideais desse grande brasileiro.

- Do presidente José Sarney, na abertura do Congresso dos Escritores de São Paulo: “O compromisso de Tancredo Neves é o nosso compromisso. O que ele prometeu realizar será fielmente realizado. Nada será esquecido “.

(19 DE ABRIL DE 1.985)

UM TRISTE ANIVERSÁRIO

(MORREU O PRESIDENTE DE TODOS OS BRASILEIROS)

Claro que se dependesse de nós, de Gazeta do Ipiranga, especialmente hoje só circularíamos com informações positivas que impregnassem de otimismo e esperança nossa gente. Afinal, neste 26 de abril, completamos 27 anos de vida. De lutas. E de total integração com a comunidade.

No entanto, a realidade aí está: trágica e desalentadora. E, sob qualquer hipótese, não podemos deixar de registrá-la como ela é. Morreu o presidente de todos os brasileiros, doutor Tancredo de Almeida Neves. Morreu o idealizador da Nova República. Morreu o homem que pregava a justiça social, a democracia, a defesa das legítimas instituições e os direitos inalienáveis de todos os cidadãos. Morreu aquele que se propôs fundear os sólidos alicerces do Grande Brasil do século XXI. Sem Tancredo, tantos já disseram, tudo fica mais difícil, mais nebuloso. E não são poucos os céticos que já falam em retrocesso, em tramas hipócritas que articulam para breve a volta do obscurantismo e do arbítrio. Contudo, convém reconhecer: o País já não é o mesmo. Todos aprendemos nesses 21 anos de prepotência e desmandos. Estamos decididamente imunizados contra qualquer espécie de radicalismo. Sabemos que nossa força somos nós, organizados e firmes no propósito de dias melhores para todos os brasileiros.

Se houver algum vacilo, basta lembrar a extraordinária mobilização pelas Diretas-já. Também o quanto foi importante o respaldo popular para a ascendência do doutor Tancredo Neves à presidente da República. Não tenham dúvidas: fomos nós que decretamos o fim do regime ditatorial. Viramos uma página infeliz da nossa História.

“Não vamos nos dispersar”, ensinou o notável líder de São João Del Rey antes que a fatalidade o levasse, abruptamente, do convívio dos brasileiros. É, com base nesse legado de união e fraternidade, que devemos continuar atentos e mobilizados. E lutarmos pela realização do sonho maior do doutor Tancredo: a Nova República. Por ele. Por nós. E pelos que virão... Tomara nos próximos anos, possamos registrar, na edição de aniversário de Gazeta do Ipiranga, que São Paulo já tem um prefeito eleito pelo voto direto. Que já não existe o entulho do autoritarismo. Que se prepara a escolha da Constituinte com honestidade de princípios. Que a inflação baixou. Que o BNH não vá impor aumentos extorsivos. Que os corruptos estão na cadeia. Que a dívida externa esteja equacionada. Que não há uma só pessoa passando fome. Que o Brasil voltou a crescer. E que os brasileiros voltaram a sorrir.

(26 DE ABRIL DE 1.985)

“DOUTOR, DOUTOR...”

(LEMBRANÇAS DE COMO SE ELEGIA UM PREFEITO)

Doutor, doutor... esse aqui é meu filho... A figura grandalhona, sorridente, de extrema empatia popular, apertou cuidadosamente minha mão. Não estava entendendo muita coisa do que acontecia ao meu redor. Mas, meu pai – lembro-me - estava super feliz, eufórico... Enquanto o Chevrolet preto, pesadão, afastava-se, levando o ilustre doutor Adhemar de Barros, ele anunciava para todos que o futuro presidente havia cumprimentado o garoto.

Devia ter uns seis pra sete anos. Talvez menos. Mas, lembro-me perfeitamente do Largo do Cambuci enfeitado com cartazes e faixas do doutor Adhemar. E toda aquela movimentação que antecedeu ao comício. Senhores de terno e gravata - muitos com chapéu - desciam rapidamente dos bondes e lotações para buscar um lugar o mais próximo possível do palanque. Ao que parece, eram eleições para prefeito de São Paulo e um dos adversários do doutor Adhemar já era o senhor Jânio Quadros, que diziam morar num sobradinho da rua Sinimbu, ali nas imediações da Lavapés.

Para o meu pai, não havia essa de morar perto ou longe. Era adhemarista convicto. De brigar com os amigos e familiares, se preciso. E de acreditar piamente no lema do doutor Adhemar: “Fé em Deus e pé na tábua”. Ainda agora, mesmo anos e anos depois da morte do líder populista, ouço dele a definição para os males do País.

- O Brasil está precisando é de um gerente...

Acho oportuno registrar que minhas ligações com o adhemarismo terminam aí. E só “passei” a história para o papel a fim de melhor flagrar a disputa eleitoral de novembro próximo. Há expressivos contrastes e algumas semelhanças. Falta aos comícios atuais, por exemplo, espontaneidade e participação do povo. O que se tem, circulando em volta dos candidatos, são os chamados “militantes”, cabos eleitorais e assemelhados. Em termos de pronunciamentos, porém, tanto os de ontem como os de hoje continuam com o rol de promessas. Muitas, aliás, são inviáveis, como transformar São Paulo, de tantas misérias e injustiças sociais, numa cidade segura. Só que antes havia mais seriedade, mais competência nas propostas eleitorais. Hoje, há inclusive quem utiliza o horário gratuito da TV para bem-humorados “scats” ou, quando não, para tentar ameaçar a unanimidade nacional de “Roque Santeiro”.

De qualquer forma, está bastante clara a profunda decepção dos paulistanos com a classe política. A desilusão tende a generalizar todos os nomes, todos os partidos. É muito comum ouvir desabafos do tipo “ninguém vai resolver nada”, “não vou votar em ninguém” e daí pra baixo. Felizmente, há notáveis exceções, e eu citaria o prefeito Mário Covas que vem cumprindo uma administração das mais sérias e realizadoras.

Entretanto, creio que os paulistanos - como de resto, todos os brasileiros - têm razões de sobra para tanto amargor. Foram 21 anos de desmandos, arbitrariedades e repressão. Tempo que deixou o País combalido, à beira do caos econômico e social. Mesmo acreditando-se nas boas intenções da Nova República, que, de imediato, perdeu seu idealizador Tancredo Neves” é difícil pedir a essa gente desvalida paciência e fé nos dias que estão por vir. Acho mesmo que as pessoas têm mais é que reclamar, que reivindicar. Devemos mesmo recuperar o direito de participar - e intervir - nos destinos da Cidade, do Estado e do País. Entretanto, é fundamental ter consciência do momento em que vivemos. É a partir de nós, que a bem-vinda democracia que conquistamos, às duras penas, vai se consolidar. Ou não.

(4 DE OUTUBRO DE 1.985)

PROFISSÃO E FÉ

(DEZ ANOS DA MORTE DO JORNALISTA WLADIMIR HERZOG)

O jornalista não deve temer chegar ao fundo do poço na busca dos fatos, da verdade. É preciso encarar de frente todos os sacrifícios que esta verdade impõe. Não é muito fácil. Mas, se não for assim, é melhor procurar outra profissão...

A voz convicta do professor de jornalismo não deixa transparecer qualquer rancor. Fala naturalmente ao exigir mais seriedade. Um grupo de alunos ameaçou reclamar. Todos estão convocados a trocar um provável fim-de-semana ensolarado pela presença obrigatória na elaboração de um noticiário sobre os problemas de transporte na cidade universitária. Não há formalismos, nem pose de “dono-da-verdade”. Apenas deixa bem nítido que ele não está ali só de passagem...

- Se não for assim, é melhor procurar outra profissão...

Semanas depois, assistindo ao espetáculo “Brasileiro - Profissão Esperança”, percebe-se os atores em cena – Paulo Gracindo e a cantora Clara Nunes - visivelmente emocionados. Há um clima de profunda tristeza e indignação. Fim da sessão, aplausos. Clara não contém o choro. Gracindo dá a notícia...

Domingo, 25 de outubro de 1975. O jornalista e professor Wladimir Herzog morreu tragicamente nas dependências do DÓI-CODI de São Paulo. Silêncio. Tristeza e indignação. E a história deste País começou a mudar...

- É preciso encarar de frente todos os sacrifícios...

São os tempos negros do arbítrio. O Governo Médici fez “escola”. E mesmo o presidente Ernesto Geisel encontra sérias dificuldades para conter os “abusos” em São Paulo. Organismos militares e pára-militares agem desbravadamente em nome do que entendem “segurança nacional”. A morte de Wlado é a primeira arbitrariedade a escapular da ação dos censores oficiais, a primeira notícia a “passar” ao brasileiro médio a noção exata de que o País está subjugado à nefasta ditadura. Apesar da aparente tranquilidade. Apesar da propaganda massificadora. Apesar do tal “milagre econômico”. Apesar de tudo, há muito o que ser feito.

Os dias que seguem à morte do jornalista são de muita movimentação. E apreensão. Políticos do MDB, jornalistas, artistas, estudantes, líderes sindicais e representantes de entidades civis reúnem, se na Praça da Sé para um culto litúrgico em memória de Wlado. O arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, recebe ameaças e recomendações para os riscos da manifestação. São Paulo é “tomada” por comandos que, espalhados em pontos estratégicos, interceptam a quem bem entendem. Milhares chegam à Catedral e participam do ato (e são filmados pelos agentes da repressão).

O tempo passa e atravessa a avenida. O fruto cresce... Dez anos depois, o Brasil vive a expectativa da Nova República. A Nação ainda não tem tudo o que merece. Os desmandos dos donos do Poder foram devastadores, implacáveis. Mas, há que se reconhecer, conseguimos avanços indiscutíveis. As greves do ABC em 78, a eleição dos governadores em 82, as Diretas-já em 84, a vitória de Tancredo Neves - enfim, a Nova República. Estamos longe do ideal, mas, já se andou um “bocado”. O empenho e a disposição da nossa gente asseguram vida-longa para os ideais de Wlado e de tantos outros que desapareceram vítimas da repressão, da ignomínia.

É sempre bom ter em mente a importância do momento histórico que vivemos. Nossa tênue democracia depende - e muito - da participação de todos. Não pode haver vacilo, nem retrocesso. Só assim serão possíveis novas conquistas. Só assim, com a participação de todos - repito -, será possível transformar em realidade o sonho de um Brasil para todos os brasileiros.

(25 DE OUTUBRO DE 1.985)

A CARA DO BRASIL

(POR QUE VOTAR EM FERNANDO HENRIQUE 'PARA PREFEITO')

Nosso País vive um momento decisivo, com as eleições para a Prefeitura de São Paulo. Trata-se, na verdade, de optar pela volta daqueles que foram responsáveis por deixar o Brasil na difícil situação em que se encontra ou de elegermos um político honesto, competente e moderno que é Fernando Henrique Cardoso.

Quando enviou aos amigos e correligionários a mensagem em epígrafe de apoio a candidatura do PMDB, o presidente da Assembléia, deputado Luís Carlos Santos, procurou sintetizar o que realmente está em jogo em São Paulo: a consolidação da tênue democracia recém-aportada no País.

Repare, pois, leitor que, mais do que administrar a Prefeitura e o pesado lastro de problemas e as lições que possui, decide-se amanhã em Terras de Piratininga o futuro do País. Sem exagero. Para cá, convergem todas as atenções. E há notáveis motivos. O primeiro deles, e prontamente reconhecido, é o alinhamento das candidaturas ao Governo do Estado em 86. Maluf, Delfim, Setúbal, Marin, entre outros menos cotados, apostam todas suas fichas na vitória do ex-presidente. Assim como Aureliano Chaves e inequivocamente Maluf almejam a sucessão do presidente Sarney, provavelmente em 88, a partir da implosão do PMDB em São Paulo.

Comenta-se inclusive, para efeito mais imediato, que a provável reforma ministerial, que certamente vai acontecer entre fevereiro e maio, será fortemente marcada pelos resultados ditados nas urnas da Capital. Domínio maior para o PMDB, viabilizando seu compromisso com o social, ou para a Frente Liberal, de apelo nitidamente centrista.

Entenda-se, portanto, que o jogo é pra valer! E há uma graúda aliança de centro-direita em campo, vestindo a camisa de Jânio e tendo a inefável "vassourinha" como distintivo. No entanto, muitos dos pró-Jânio sabem da imprevisibilidade administrativa do candidato do PTB/PFL, bem como conhecem largamente seu discurso personalista, em tom invariavelmente despótico. Mas, valem-se deles. É por seu intermédio que pretendem retomar o espaço que o PMDB ganhou nas urnas desde 1974 e que consolidou com a eleição de Tancredo Neves em janeiro deste ano.

Depois de se notabilizar pela brava resistência em 21 anos de arbítrio, o PMDB, na realidade, enfrenta hoje seu maior teste eleitoral. O primeiro desafio após a proclamação da Nova República. Sabem, os líderes peemedebistas, que a vitória é imprescindível. Que é fundamental continuar sendo o partido de sustentação do presidente José Sarney. É preciso que a transição tenha continuidade. É preciso assegurar as mudanças e confirmar as tônicas de luta, militância e justiça.

Mesmo com a vitória assegurada na maioria das capitais, a "briga", em São Paulo, é ponto de honra. Explica-se: de há muito, não reuníamos tamanha representação em nível federal. Temos cinco ministros - quatro deles do PMDB, Dílson Funaro (Fazenda), João Sayad (Planejamento), Almir Pazzianotto (Trabalho) e Roberto Gusmão (Indústria e Comércio), o líder do Governo no Congresso, o próprio senador Fernando Henrique, e o presidente da Câmara Federal, segundo homem da hierarquia nacional, deputado Ulysses Guimarães. É justamente essa representatividade - que, diga-se, teve como grande articulador o governador Franco Montoro - que precisa ser preservada - e mesmo ampliada - sob pena de um indesejável retomo aos tempos ditatoriais.

Ao longo destes anos de luta e resistência, ficou claro que a grande característica do PMDB foi a união de todas suas forças no momento em que está em jogo o ideário da Nação. Foi assim na extraordinária mobilização pelas Diretas-já em 84 e na eleição vitoriosa de Tancredo Neves como presidente da República. Está sendo assim agora com Fernando Henrique. Decide-se um lance importantíssimo, histórico, contra um passado de constrangimentos que legou ao País o caos econômico e a miséria de sua gente. Um passado que o compositor Chico Buarque de Holanda tão

bem definiu como “página infeliz da nossa História”.

Perder em São Paulo seria uma considerável pedra no, caminho da democracia que se quer, com inequívocos benefícios para todos os brasileiros. Por isso, Fernando Henrique vence...

(14 DE NOVEMBRO DE 1.985)

FHC até sentou na cadeira. Posou para foto. Chegou a festejar a vitória. Mas, quem levou mesmo foi Jânio Quadros. E deu no que deu...

CHALLENGER

(QUEM FALHOU? O HOMEM OU A MÁQUINA?)

Pela televisão, o mundo assistiu estarecido a explosão, que, na tarde de terça-feira, destruiu a nave Challenger e matou os sete tripulantes. Foram 75 segundos de orgulhosa expectativa, até que o imponderável riscasse o céu tragicamente. Quem falhou? O homem ou a máquina?

Enquanto a Nasa busca as causas do acidente, que sequer chegou a ser detectado pelo sofisticado sistema de computadores, os Estados Unidos choram seus mortos, “valentes precursores do progresso humano”. Indaga-se agora, com razão, qual o futuro do programa espacial tripulado. Mas, sabe-se, com certeza, que o sonho do homem, de ousar infinitamente, nunca vai se esgotar...

(31 DE JANEIRO DE 1.986)

RETICÊNCIAS

(MUNDIAL DO MÉXICO E
O HALLEY SÃO COISAS DO PASSADO)

“És um senhor tão bonito
quanto a cara do meu filho:
tempo, tempo, tempo, tempo”.
(Caetano Veloso)

A suavidade da canção/poesia de Caetano Veloso contrasta com o irreversível passar dos dias - por vezes, ásperos e não tão poéticos - na vida de cada um. O jornal vive de fatos e notícias. E, de repente, bate a perplexidade: lá se foi todo o primeiro semestre do ano. Num piscar de olhos, acrescentaria. O Mundial do México e o cometa Halley são coisas do passado. De ambos, não restaram boas recordações. Mas há outros indícios de perplexidade: são quatro meses de Plano Cruzado, seis meses de Jânio na Prefeitura e quinze meses de Nova República. Lembram-se do mote da campanha de Tancredo Neves à Presidência? Muda Brasil!...

(Que as reticências falem por nós).

Mas, voltemos a 1986 que ainda nos reserva um último round de emoção: a eleição para o Governo Estadual, para Assembléia Legislativa e para o Congresso Constituinte. Não há dúvida de que toda a movimentação política dos candidatos aos diversos cargos será a tônica-mor dos brasileiros até 15 de novembro. Em São Paulo, por exemplo, a sucessão estadual vem abocanhando espaço cada vez maior junto à Imprensa e à opinião pública. Há, inclusive, quem considere esta disputa fundamental para o futuro do País. Nela, sabe-se, estão envolvidos direta ou indiretamente nomes potencialmente fortes para ocupar o Palácio do Planalto após o mandato de José Sarney. Maluf, Montoro, Jânio, Ulysses, Quércia e até mesmo o empresário Antonio Ermírio são os mais cotados. De outro modo, sabe-se que uma nova derrota do PMDB em São Paulo representaria o fim do partido em âmbito nacional...

(E aqui cabe aos próceres do PMDB explicar as reticências).

De qualquer forma, o quadro sucessório estadual está ainda longe de um alinhavo final. Por esses dias, o PTB e o PMDB fazem convenções e procuram reaprumar as respectivas candidaturas no enalço de Paulo Maluf (do PDS), que lidera todas as pesquisas de opinião.

(Ao invés das reticências, cabe agora uma ressalva: é inquietante ver como o vilão de ontem transformou-se, ao menos para os paulistas, na esperança do amanhã).

Ao que parece, a vitória de Jânio Quadros não serviu de lição. E, pelo que se vê hoje, novamente as chamadas forças progressistas devem incorrer no mesmo erro. Dividem entre si a maior parte do eleitorado, mas permitem que os conservadores - “fechados” em torno de Paulo Maluf - conquistem outra importante cidadela: o governo do Estado mais importante da Federação.

Daí, para o Palácio do Planalto...

(Nada mais assustador que essas reticências. Lembram um tempo recente. Obscuro e triste. Que preferiríamos não tê-lo de volta. Nunca mais).

(4 DE JULHO DE 1.986)

O ÚLTIMO PRÊMIO

(DESCONCERTANTE ATÉ O FIM, BORGES PROPORCIONOU A SI PRÓPRIO A HOMENAGEM DERRADEIRA: FOI MORRER ONDE PASSOU OS ANOS MAIS FELIZES DE SUA VIDA)

Vejo a morte como uma esperança de parar completamente... É agradável, reconfortante - pelo menos para mim”.

O escritor argentino Jorge Luis Borges ultimamente confessava-se misteriosamente feliz. Pressentia a possibilidade de satisfazer o último desejo: morrer em Genebra, onde viveu a infância e a juventude. Dizia-se cansado de si mesmo. Aos 86 anos, cego e debilitado por um irreversível câncer no fígado, seduzia-se com a idéia de “desaparecer totalmente”.

“Minha sepultura”, previa, sempre que possível, “será o ar insondável”.

Na manhã de sábado, dia 14, a morte chegou para Borges. “Docemente” - como queria. Ao seu lado, estavam apenas o amigo, Héctor Bianciotti, também escritor, e a companheira e secretária, Maria Kodama, com quem casou há 53 dias, oficializando uma convivência de 12 anos. O escritor viveu os derradeiros dias tranqüilo e feliz, disse o amigo à imprensa. Traduzia suas obras completas para o francês, preparava um livro de contos e um roteiro para cinema sobre o lento afundamento de Veneza.

Em dezembro, depois de uma viagem à Argentina, Borges soube que lhe restava pouco tempo de vida. Mudou-se então para a Suíça. No começo do ano, foi hospitalizado. Mas nunca se preocupou em saber os detalhes de sua doença. Portava-se com discrição, comia pouco e, na realidade, sofria uma aguda deterioração orgânica.

Em maio, logo após a união oficial com Kodama (descendente de japoneses e 40 anos mais jovem que ele), anunciou que nunca mais voltaria à Argentina. Justificou a permanência em Genebra assim:

“Sou um homem livre e resolvi ficar aqui porque esta cidade corresponde aos anos mais felizes de minha vida. Minha Buenos Aires continua sendo a das guitarras, das milongas, dos pátios, uma Buenos Aires que não existe mais... Parece-me estranho que alguém não compreenda e respeite a decisão de um homem que tomou, como certa personagem de Wells, a determinação de ser um homem invisível”.

Ao longo de toda sua existência, Jorge Luis Borges revelou-se uma personalidade contraditória, surpreendente. Dono de uma vasta obra, hoje traduzida em 20 idiomas, foi aclamado internacionalmente como um dos expoentes do realismo fantástico. Chegou a ser comparado a Cervantes - o principal nome da literatura em idioma espanhol.

No entanto, da mesma forma que a vasta bibliografia, suas frases carregadas de ironias e posições pessoais pouco comuns também alcançaram grande projeção. Borges, por vezes, surpreendia a todos com rasgos de tocante lirismo. “A poesia”, disse, “é um hábito eterno”.

Mas o impacto maior era sempre para os repentinos de humor e ceticismo. “E o que pode fazer um cego senão escrever”, assinalou em outra oportunidade, referindo-se à deficiência que o acompanhava por 20 anos.

Politicamente, Borges também provocou muita polêmica. Era antiperonista declarado. Mas definia, se como um conservador convicto, chegando mesmo a aderir ao Partido Demócrata Conservador em 1960. “Acho que o conservadorismo corresponde às épocas de maior dignidade e prosperidade de um País”, explicou então. Mas fez a ressalva: “Ser conservador é uma forma de expressar ceticismo político”.

Para horror das esquerdas, o escritor fez elogios a Pinochet e, em 1976, aplaudiu a implantação de um regime militar na Argentina. “Os militares são cavalheiros e decentes”, defendia. No entanto,

quando Raúl Alfonsín assumiu a Presidência em 1983, Borges exultou: “Aconteceu hoje um milagre na Argentina”. Mais recentemente, entretanto, fez outra avaliação sobre a incorrigível incoerência política: “É certo que não sou um comunista, como é certo que não sou nacionalista, nem tampouco peronista ou fascista. Sou, sim, apenas um velho anárquico individualista”.

Leitor de filósofos como Nietzsche e Schopenhauer, Borges acreditava somente na existência do presente irrecuperável.

“Tudo termina com a morte”, declarou em 1976 em Buenos Aires.

Palavras que foram consideradas uma blasfêmia e um ata, que à Igreja e às crenças do povo argentino. Não se incomodou. Declarou-se ateu e reafirmou o que se lia nos seus contos e ensaios: “O tempo não existe. É apenas uma convenção”.

E acrescentou, mais tarde: “Tenho a maior confiança de que não existe nenhuma outra vida. E não gostaria que houvesse. Quero morrer por inteiro. Nem sequer me agrada a idéia de que se lembrem de mim depois de morto. Espero morrer. Esquecer. Ser esquecido”.

Borges gostava de homenagens e seus escritos lhe trouxeram muitos títulos e condecorações. Em abril de 1980, recebeu das mãos do príncipe Ivan Carlos prêmio literário de língua espanhola, o Miguel de Cervantes. Em janeiro de 1983, foi reverenciado com a mais alta honraria que o governo francês concede: o título de comendador da Legião de Honra da França. Era quase uma rotina seu nome ser anualmente lembrado para o Nobel de Literatura. Mas nunca conseguiu conquistá-lo.

“Minha obra não precisa de prêmios”, salientava nos primeiros anos com indignação.

Recentemente, porém, reconheceu, se um candidato eterno ao Nobel. “Gostaria de ganhá-lo. Só por vaidade. Em definitivo, para que me serve esse prêmio senão para um pecado de vaidade?”

Em agosto de 1984, Borges esteve no Brasil para uma série de conferências na Universidade de São Paulo. Falou genericamente sobre literatura e, com modéstia, ponderou: ‘Não sei se sou um bom escritor, creio que não. Porém, sou um bom leitor de livros. Temos um dito: a poesia sai da poesia’.

Apesar da discreta referência que fazia sobre sua própria obra, a notícia de sua morte provocou profundo pesar nos meios políticos e literários de todo o mundo. Até mesmo a sisuda agência TASS, de Moscou, observou que a literatura latino-americana “sofreu uma grave perda”.

Em toda a Europa as manifestações de apreço a Borges ganharam amplo destaque: o presidente Mário Soares, de Portugal, enviou telegrama ao presidente Raúl Alfonsín, lamentando a morte do grande escritor portenho. Ele assinala: “Borges está morto. Mas sua obra viverá através dos tempos”.

No Brasil, entre as inúmeras considerações de pesar de artistas e intelectuais, a mais precisa foi a do cronista Rubem Braga. Para ele, “Borges deu à língua castelhana uma finura, uma sutileza e uma densidade novas. Foi um dos grandes escritores do século. Sua obra perdurará muito além da memória das peripécias do homem contraditório que ele foi”.

Jorge Luis Borges nasceu à 24 de agosto de 1899 na área central de Buenos Aires. A mãe chamava-se Leonor Acevedo Borges e o pai, Jorge Borges, professor de Inglês e Psicologia.

Fascinado pelas letras e pela marginália da então provincial Buenos Aires, aos 6 anos de idade comunicou ao pai que estava decidido a ser escritor. Aos 8, escreveu seu primeiro conto: La Visera Fatal.

Em 1923 publicou o primeiro livro - Fervor de Buenos Aires - dando início a uma coleção de 41 títulos, abrangendo poesia, narração, ensaio e ficção.

Em setembro do ano passado lançou o que seria o último livro em vida - Os Conjurados. Borges dedicou a obra à Kodama eleita por ele para ser sua herdeira única e universal. Era uma singela declaração de amor a quem lhe ensinou “a ver com olhos orientais”.

(REVISTA AFINAL - 24 DE JUNHO DE 1.986)

A CONSTITUINTE

(FOI UM EQUÍVOCO LANÇÁ-LA JUNTO ÀS ELEIÇÕES MAJORITÁRIAS)

Temo que possa acontecer amanhã um equívoco gravíssimo, levados que fomos pelos casuísmos daqueles que não pretendem abrir mão das benesses do Poder. Juntar a eleição dos governadores e dos representantes dos legislativos estaduais à do Congresso Constituinte (Senado e Câmara Federal) pode representar um erro irre recuperável para os brasileiros de boa fé que sonham fazer do País a grande Nação do século XXI.

Somos imediatistas por natureza e passionais na melhor tradição latina. Em vista disso, era fácil prever que as campanhas aos governos tomariam, na reta de chegada, todos os espaços disponíveis nos veículos de comunicação. E seriam temas de debate, discussões e até do habitual bate, boca da esquina. Enquanto isso, os meandros de como deve ser uma Constituição justa, soberana e realmente voltada para o social ficaram relegados a um plano secundário.

Quer melhor exemplo do que acabamos de ver em São Paulo? Em meio ao fogo cruzado da disputa governamental, poucos se aperceberam da extraordinária importância do momento histórico que vivemos. Quércia, Ermírio e Maluf passarão. A Constituição, espera-se, não passará... Forjará o Brasil de amanhã e se perpetuará por séculos e séculos.

Pois bem, justamente nós, amanhã, estaremos delegando poderes a senadores e deputados federais para que escrevam este conjunto de leis que determinará os direitos e deveres de todo cidadão perante seu semelhante. Às instituições e ao Estado.

Se tomarmos como inspiração os modelos de bem, sucedidas sociedades do mundo ocidental, cuidaremos para que a Constituição seja um documento simples, objetivo, que todos entendam, e que consagre princípios básicos como liberdade de expressão, direito de ir e vir, opção política, culto religioso, respeito ao cidadão. Justiça igual para todos. Convém lembrar, no entanto, que a chamada Carta Magna não terá o dom de resolver da noite para o dia todas nossas aflições, todos nossos males. Não terá certamente a divindade, digamos assim, para resolver desde os problemas de moradia, educação, saúde, divisão de renda mais equilibrada ou mesmo em intrincadas negociações para solução da dívida externa ou a preservação do Plano Cruzado.

No papel, caro leitor, aceita, se tudo. Promete, se tudo. Criam-se expectativas. Por isso, é bom que tratemos de tornar essa nossa conquista uma grata realidade. Que fique claro, pois: a Constituição por si não vai resolver nossos problemas. No entanto, é através dela, com nossa participação e a de parlamentares efetivamente comprometidos com as causas populares, que estaremos lançando a semente de dias melhores...

Eleição é - ao menos, deveria ser - uma festa. E o nosso Ipiranga de tantas e tão notáveis tradições não está indiferente ao que acontece no País do Cruzado. Centena de candidatos, de todos os níveis e todos os partidos, tem se empenhado, obviamente com apoio de um enorme contingente de correligionários, cabos, eleitorais e afins na busca dos quase 300 mil votos abrigados no Colégio Eleitoral Ipiranga-Saúde.

A posição de absoluta independência de Gazeta do Ipiranga. São 28 anos de atuação, pautando sempre nossa luta pelos legítimos interesses do bairro. Nossa tarefa prioritária é a prestação de serviço à comunidade que nos acolheu e que nos fez porta, voz de suas aspirações, críticas e aplausos.

Nesta hora de amplo significado para a Nação, nós de GI pretendemos reiterar total confiança no eleitorado da região. Reiteramos também o apelo para que todos compareçam às urnas neste sábado. E o façam com total convicção.

É a nossa chance de, através do voto, participarmos de uma sociedade mais justa, mais digna. Para todos os brasileiros.

(14 DE NOVEMBRO DE 1.986)

ESPERANÇA NA AVENIDA

(A IMPERADOR SONHOU COM UM FUTURO MAIS DIGNO PARA O BRASIL)

Imperador do Ipiranga cumpriu à risca a promessa de fazer um carnaval de muita garra e empolgação na madrugada de domingo. Foi a sétima escola a entrar na avenida, prensada entre Rosas de Ouro e a bicampeã Vai-Vai. Com mais de 1.500 componentes firmemente embalados pela bateria do mestre Gê, entoou o enredo “Sonha Brasil”, de José Maria Zolesi, descrevendo as aspirações de todos os brasileiros - alimentação, habitação, educação, fim dos marajás e da corrupção, controle do déficit público, preservação das riquezas minerais e ambientais - e a esperança num futuro mais digno para toda a Nação.

- Quem está na avenida - explicava o ex-presidente José Ribamar de Alcântara, quando a escola já se dispersava no final da Tiradentes - não tem uma visão completa de como a Imperador veio... Empenho não faltou à moçada que sambou à vontade e quase acabou estourando o tempo (70 minutos)...

Ribamar, por exemplo, não sabia dizer quais foram os pontos altos da escola. Destacava, no entanto, que toda ela estava visualmente bonita, “apesar de modesta se comparada, por exemplo, com o luxo de Vai-Vai e do Camisa”.

- Tem que se levar em conta que eles gastam dez, vinte vezes mais que nós... Nem por isso fizemos feio. Mostramos que o samba também tem história lá pelos lados do Ipiranga.

A preocupação de Ribamar e de toda a diretoria e simpatizantes da Imperador não é estar entre as primeiras, mas, sim, com um eventual rebaixamento.

- Este foi um dos carnavais mais concorridos da história do samba em São Paulo - assinalava o vice-presidente Rubens Fernandes. O Grupo Especial tem hoje doze escolas - e não apenas dez como em anos anteriores. Seis disputam o primeiro lugar - Camisa, Nenê, Vai-Vai (a minha favorita), Rosas, Mocidade e Peruche. E as outras seis “brigam” para não cair. Quatro são rebaixadas e apenas duas se salvam...

Para Rubão que acompanhou todo o desfile, Barroca e, lógico, Imperador merecem permanecer no Especial enquanto Flor de Vila Dalila, Colorado do Brás, Águia de Ouro e Acadêmicos do Tucuruvi voltam para o Grupo I.

- Acho que fizemos uma apresentação correta, dentro das nossas possibilidades. Sabemos que ainda não somos uma escola de pontear o Grupo Especial, mas, devagar, devagar, vamos chegar lá...

Suado, com um grande charuto na mão e três patuás no bolso, o advogado Laerte Toporcov, um dos fundadores da Imperador, era a própria imagem do cansaço ao final do desfile. Como membro da diretoria procurou dar uma ajuda na harmonia da escola. Zanzou pra lá e pra cá, apressou alas, empurrou carros que teimavam em encalhar, tirou passistas da frente das câmeras de TV e coisas do gênero que atrapalham a evolução da escola. Laerte olhava pensativo para a avenida à espera da Vai-Vai...

- O sufoco maior passou... Agora é esperar as notas. Sinto que neste ano as escolas estão bastante parelhas. Não dá pra dizer quem vai ganhar, e quem vai descer.

Laerte achou que a Imperador poderia ter feito melhor. Houve problemas com os carros alegóricos - grandes demais para os doze metros da avenida, vira-e-mexe estavam enroscando-se nas grades. Isso atrasou a evolução da Imperador.

- As últimas alas precisaram correr - literalmente correr. Senão seríamos penalizados por ultrapassar os 60 minutos oficiais e os 10 de tolerância... Ademais, toda vez que você vem logo depois de escolas grandes - como o Camisa e Rosas - e imediatamente antes da campeoníssima Vai-Vai, acaba ficando com o ônus de ser recebido com uma certa indiferença pelo público. É natural...

Natural ou não, para a maioria dos integrantes da Imperador, todas essas aflições não fazem sentido. O que valeu mesmo foi a emoção de estar na avenida. O puxador e autor do samba “Sonha Brasil”, o carioca Serginho Garcia, estava eufórico. Durante o percurso, por três ou quatro vezes, abandonou os versos da canção e agradeceu a participação do público - que, na verdade, não era tão animador.

- É isso aí, gente... Vamos cantar com a Imperador!

Coisas de carioca? Pode ser. Mas, Serginho terminou o desfile apaixonado pelo carnaval paulistano. - Ô cara, não pensei que fosse bom assim. O pessoal “levou” o samba na maior. E acho mesmo que a Imperador pode surpreender...

Exageros à parte, quem realmente surpreendeu foi a bateria do mestre Gê. Com repiques de tamborins pouco comuns às corporações de São Paulo, os 160 batuqueiros da Imperador “arrepriaram” a Tiradentes, provocando comentários dos olheiros/sambistas de outras agremiações.

- O garoto (Mestre Gê, 21 anos - o mais novo diretor de bateria do Grupo Especial) é pretensioso. Mas, sabe das coisas... Pode se atrapalhar nesses “desenhos” todos, mas pode acabar levando 10...

Na verdade, mestre Gê não quer outra nota. Deitou e rolou na avenida com seus comandados. E garantia o 10 a qualquer custo.

- Fizemos bonito e merecemos a nota máxima...

Outros que querem a nota máxima para a Imperador são os componentes da comissão de frente. Eles foram para a Tiradentes paramentados de presidente da República - fraque, cartola e faixa presidencial. Cumpriram à risca sua “rotina” - alinhamento perfeito, saudação ao público e um sorriso caprichado no rosto, e agora esperam uma avaliação, com justiça.

- A gente representou um presidente eleito pelo povo, pelo voto direto... Foi uma emoção que nem dá para explicar - dizia Walter da Silva, supervisor gráfico, que pela primeira vez desfilou numa escola de samba. Saí maravilhado da avenida. Para completar, vou ficar torcendo por um 10 para a comissão de frente e para a Imperador.

A Imperador voltou a desfilar na noite de terça-feira na avenida Tiradentes. Participou junto com a elite do samba paulistano na apoteose do Carnaval 88. Foi uma apresentação mais descontraída, sob chuva, sem o compromisso de “segurar” a escola no Grupo Especial. Seus componentes brincaram à vontade. E já saboreavam, como enfatizou a segunda porta-bandeira, Daniele, “uma pontinha de saudade do que ficou”.

- Agora é esperar pelo carnaval de 89...

(19 DE FEVEREIRO DE 1.988)

SAMBÓDROMO EM SAMPA

(ACORDA, PREFEITA: MARQUÊS DE SAPUCAÍ NÃO É AQUI...)

A maior atração do carnaval paulistano – como de hábito, ficou mesmo para depois do desfile. Sabe-se lá, se embalada pelo alegre repicar dos tamborins das principais escolas de samba paulistanas, a prefeita Luiza Erundina abriu mão das chamadas prioridades sociais e anunciou a possível construção de um sambódromo para São Paulo. Para não dizer que estávamos copiando o Rio, o nome por aqui seria desfilódromo...

Com efeito, a idéia de se ter um lugar específico para se realizar os desfiles de escolas de samba também, aqui em São Paulo, é bem antiga. E, registra-se, entusiasma os sambistas paulistanos. Mas, igualmente, gera renhidas polêmicas. São Paulo, assinalam muitos, não possui uma tradição de samba que se iguale ao Rio de Janeiro. Argumentam: há prioridades bem mais prementes a serem sanadas, com maior urgência. Que não se resolvem apenas com promessas e demagogia. Trata-se, sim, de uma questão delicada.

Hoje em dia, reconheça, se, é muito arriscado aconselhar um cidadão comum não muito entrosado com o mundo do samba a assistir na avenida Tiradentes o espetáculo das nossas escolas. Falta infra-estrutura, o acesso à arquibancada é difícil. Os banheiros são poucos. Não há segurança, nem conforto - especialmente, se considerarmos que a duração da festa, por vezes, nos parece interminável. Assinale-se, a bem da verdade, que essa não é uma obra (?) do PT que, neste ano, bobamente suprimiu os chamados camarotes. Se é que assim se pode chamar aqueles alçapões de dois por dois que, algumas dezenas de privilegiados (?) podiam desfrutar em carnavais passados.

Por outro lado, o carnaval paulistano nessa década, reconheça, se - não registrou maiores evoluções. Nem nos transformamos num Rio de Janeiro, nem cultivamos nossa maior característica: o samba duro dos cordões carnavalescos. É bem verdade que as escolas, até como entidades sociais e culturais, desenvolveram-se. Mas, não se pode afirmar taxativamente que esse virtual desenvolvimento refletiu-se triunfalmente na avenida. Ou seja, no palco maior onde o carnaval acontece efetivamente, com toda gana de vida e esplendor.

Em síntese, ainda não vamos muito além de um arremedo do que se vê na Marquês de Sapucaí.

Um sambódromo, com toda sua magnitude, talvez, fosse um pouco demais... No entanto, evitaria constrangimentos como os que se viu neste ano na Tiradentes. A acomodação reservada para o corpo de jurados, especialmente selecionado entre altas personalidades do samba carioca, era ridícula. Estava aqui por exemplo, Dona Zica da Mangueira, viúva do venerando compositor Cartola. Pobre Dona Zica!

Desassistida pela sorte, ela e seus companheiros tiveram que se instalar nas acanhadíssimas “cabines” que os organizadores lhes reservaram. E lá ficaram durante 13 horas. Olha o drama: longe dos banheiros e abastecidos por modestíssimas sacolas de lanches. Lanches que, aliás, eram pleiteados por alguns famintos “bicões” que perambulavam, sem qualquer problema, pela avenida, credenciados ou não...

- Ô tia, tudo em cima, descola um ranguinho pra mim..

(10 DE FEVEREIRO DE 1.989)

25 ANOS DEPOIS

(CUSTA-NOS À ALMA LEMBRAR 64)

Vinte e cinco anos depois, custa, nos à alma lembrar o 31 de março de 1.964. O Golpe Militar, que derrubou o então presidente João Goulart, projetou a Nação num largo período de autoritarismo e desmandos que causaram consideráveis danos em todos nós. Houve quem viveu mais de perto do arbítrio e da prepotência. Houve também, quem sofreu na própria pele a virulência da ditadura, não raras vezes impiedosa para com os adversários. Foram tempos negros, onde se alastraram, como devastadora praga, o vazio cultural e político, a tecnocracia oportunista, a corrupção, a impunidade dos poderosos e a debaclée econômica e social.

- A vitória de Tancredo Neves - apesar de ter sido consignada no malfejado Colégio Eleitoral, consumou o mais longo período de exceção que se tem registro em nossa História. As esperanças renasceram naquela ensolarada terça-feira (15/01/85) em Brasília e se espalhou pelos quatro cantos. Das trevas, havia se feito a luz. Mas, não pela complacência daqueles que se arvoravam donos do Poder, sim, pela organização pacífica, consciente, determinada de uma Nação que ressurgia das cinzas.

- Pena! Pena mesmo que aqueles que tomaram para si o legado de Tancredo Neves não se postaram à altura da empreitada, da árdua tarefa de reconstruir o melhor dos países. Ao contrário, repetiram os mesmos erros do militarismo, se é que não ampliaram? - e lançaram a Nação ao fundo do poço. Lá onde é praticamente impossível vislumbrar qualquer ponto de luz.

- A avaliação crítica desses dois momentos é fundamental nessa hora de aflições e incertezas. Não podemos perder a chance de virar o jogo a nosso favor. Estamos, como mostra nosso alvissareiro placar, a 229 dias das eleições presidenciais. Temos o dever de depositar em mãos seguras e limpas o sonho de todos nós: consolidar a democracia que tanto nos custou, fortalecer as instituições como instrumentos reguladores da vida nacional e, principalmente, fazer da justiça social um bem que atinja indiscriminadamente a todos os brasileiros.

(31 DE MARÇO DE 1.989)

(Gazeta do Ipiranga começou, nesse dia, a estampar em sua primeira página um placar que fazia a contagem regressiva para a eleição presidencial - a primeira depois de quase 30 anos.)

A CAMINHADA

(DURAS LIÇÕES QUE VÊM DO SUL DO CONTINENTE)

Há poucas semanas, recém-chegado da Argentina, um amigo me contava, perplexo, o grau de estagnação econômica que aquele País vem atravessando e a iminente onda de turbulência social com graves reflexos para todo o continente. “Não se vê um prédio em construção”, dizia. “Está tudo parado... Só ganha quem especula com os dólares”, como pronunciavam os portenhos. “Esperam, creio, pelas eleições presidenciais. Por um milagre, sabe-se lá. Por um novo Peron, talvez”.

- Com efeito, os argentinos elegeram Menem, o dia depois. Mas, não conseguiram estancar o pior da crise...

- Os recentes - e lamentáveis - incidentes desta semana deixam o registro de importante alerta às forças progressistas da América Latina. Mesmo com o aval do chamado mundo desenvolvido, a almejada consolidação democrática - característica vital de toda e qualquer Nação que se contemporânea - ainda está a exigir luta, seriedade e grande tenção e ação. A eleição presidencial não esgota por si o compromisso de tornar essas instáveis repúblicas ao sul do Equador em promissoras nações, onde se instalem a justiça bem comum. Votar para presidente é um passo importante, mas não único, de uma caminhada que se revela longa e sinuosa.

- Especialmente aos brasileiros, cabe uma reflexão maior sobre os fatos - nem tanto pela proximidade física, mas, sim, pela equivalência do momento histórico de Argentina e Brasil.

- Tal como eles, saímos de um amargo período de exceção - de trágica memória tanto lá como cá - para o que se chamou transição democrática. E, apesar de termos recuperado muitos de nossos direitos de cidadãos, não temos sido felizes nessa pré-fase da nova era. Pior: não se vislumbra qualquer luz no fim do túnel que não seja de uma locomotiva em sentido contrário ao nosso...

- Economia, política, nível de vida, esperança são coisas que andam um tanto confusas, desajeitadas mesmo, por esses lados. Muito embora o Governo Alfonsín tenha a legitimidade do voto popular, não se pode avaliar se errou mais ou menos que o nosso malamado Governo Sarney. De real mesmo, sabe-se que ambos não foram capazes de livrar as duas nações do poço-sem-fundo que anos e anos de ditadura, desmandos e equívocos nos legaram.

- Mesmo com a melhor das boas-vontades, não há como esconder que houve erros, vacilos que permitiram, com a conivência de uma egoísta parcela da população, um avanço dos que, na verdade, nunca se acomodaram longe do Poder. Lá, os militares fomentaram rebeliões, quarteladas - ridículas tentativas de voltar à cena. Por aqui, uma melange de interesses retrógrados e nocivos procurou, a qualquer custo - e ainda procura, instaurar um clima de desordem, de caos. Um anti-clímax que, por vezes, faz com que os pobres de espírito sintam saudade dos tempos do arbítrio.

- É sempre prudente saber, o que há de verdadeiro sob o sol... .E, como numa brincadeira de criança, saber quem é do bem, quem é do mal.

- Apresso-me, porém, em desfazer qualquer dúvida. Há gritantes diferenças entre Sarney e Alfonsín. O presidente argentino foi bastante tolhido em seus atos pela truculência dos militares locais, ultradivididos em facções antagônicas. Bom senso foi sua palavra-chave. Já o nosso Zé Sarney nunca se opôs às circunstâncias. Preservou seus cinco anos de mandato a qualquer custo. Foi nessa negociação que nossos sonhos por dias melhores dançaram. Ao menos por enquanto...

(2 DE JUNHO DE 1.989)

ELBA & GERALDINHO

(UMA QUESTÃO DE ÉTICA E BOM-SENSO)

Geraldinho Azevedo é um cantor/compositor pernambucano, de algum prestígio, aqui, no sulmaravilha. Embora faça uma música iminentemente popular, seu nome não é de todo conhecido pelo chamado grande público. Formado nos áridos anos da ditadura, foi parceiro de Alceu Valença e, como este outro ser dos Arrecifes, faz um som sacudido que mistura as origens nordestinas com o que há de mais instigante na pop-music. Empenhado em andanças internacionais e shows nos confins do Norte/Nordeste, Geraldinho sempre cuidou de ser nome certo entre os compositores nos elepês anuais - e bem sucedidos - de Elba Ramalho...

- Nesta semana, o quarentão Geraldinho voltou a ser notícia. Justamente ele que anda afastado do eixo Rio-São Paulo - e, conseqüentemente, dos mais poderosos mass-mídias - frequentou as manchetes dos jornais e dos noticiários de TV por uma ação ágil e decidida - aplaudidíssima, aliás, pelos setores progressistas da Nação. Geraldinho proibiu, terminantemente, a amiga Elba Ramalho de cantar quaisquer de suas obras nos shows que os empresários da cantora acertaram fazer nos comícios do presidenciável Fernando Collor de Mello. Não satisfeito, vem ligando para outros compositores que, no seu entender, deveriam tomar a mesma medida... Sempre que o profissionalismo exarcebado de alguns cantantes falar mais alto, eles que tratem de compor os próprios "hits" ou se valer de autores que tenham os mesmos interesses.

- Ainda não se sabe a reação de Elba que, ao que se nota, não está preocupada com a perigosa mistura de política e arte, sem qualquer conteúdo ideológico mais definido. No entanto, não se poderia esperar que fosse outra a postura do combativo Geraldinho - integrante da renitente geração de briga que não se calou ao tacão da censura e do autoritarismo, apesar dos AI-5 e 477 da vida.

- Do episódio, fica a lição: democracia é fundamental. Em 84, Geraldinho e Elba partilhavam lado a lado os palanques das Diretas-já e até andaram juntos na campanha que legitimou Tancredo Neves presidente e decretou o fim do militarismo. Hoje, à luz da liberdade de expressão, é possível distinguir entre a sinceridade de propósitos e o desbragado oportunismo...

(23 DE JUNHO DE 1.989)

UMA PRAÇA NO IPIRANGA

(O MARACANÃ ASSISTE À FARSA CHILENA,
ENQUANTO POR AQUI...)

Logo na manhã de segunda-feira, vejo a bandeira do Chile empunhada heroicamente pelas ruas do Ipiranga. Não acredito na cena. Seria uma provocação? Uma intempestiva comemoração pelo feito que os próprios chilenos consideraram extraordinário e que aconteceu domingo no Maracanã? Que coragem, pensei! Decidi aproximar-me cuidadosamente. Afinal, nunca se sabe ao certo a quantas andam os humores de um torcedor. Tal definição, aliás, a História já provou, é válida em qualquer parte do mundo para qualquer nacionalidade...

- Mas, voltamos a bandeira e ao chileno. Fui me aproximando - de leve, como disse - e vi que não era apenas um chileno, mas, sim, vários deles, os “inimigos” de ontem. Tratava-se, sim, de uma solenidade. E ninguém falava de futebol. Fiquei mais tranqüilo. Deve ser festividade do bairro, aniversário do Ipiranga, claro, estamos em setembro. Procurei o senhor Gustavo, o Khalil, o Azadinho, o professor Osmar, o Sidnei Ponce, que é o presidente atual da Comissão de Festejos. Ninguém. Então não podia ser festejo de aniversário do Ipiranga. Que mistério...

- Aos poucos foram chegando alguns carros oficiais. E lá estavam a prefeita Erundina, o seu vice, o vereador Eduardo Suplicy, as secretárias Marilena Chauí e Tereza Lajolo, aquela que enquanto vereadora criticava os abusivos aumentos das tarifas de ônibus que Jânio dava. Chegou também o ex-deputado e atual administrador Anísio Batista. Todos lá foram para a inauguração da praça Salvador Allende, ex-presidente do Chile morto em 1.973 pelo Golpe Militar. A obra fica aqui na avenida Tancredo Neves e teve como convidado o neto de Allende, Gonzalo, que falou emocionado sobre o avô e sua Pátria.

- A bem da verdade, esse evento abriu a “Jornada Por Um Chile Livre”, promoção da Prefeitura, Câmara Municipal e da Coordenação de Solidariedade ao Povo Chileno, que se estenderá até 29 de setembro, com ampla programação. Domingo agora, por exemplo, às 18 horas, o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns vai celebrar missa na Praça da Sé pelos mortos e desaparecidos, vítimas do autoritarismo chileno...

- A História, certamente, fará justiça a Salvador Allende, primeiro presidente socialista, eleito pelo voto direto, na América do Sul. Apesar do pouco tempo de governo, enfrentou, com dignidade, uma série de adversidades, especialmente porque seu governo contrariava aos interesses da privilegiada classe dominante. Foi deposto por uma dura ação militar, onde não faltam vestígios de conivência da CIA e até mesmo do governo norte-americano. Sua morte abriu os olhos de muitos brasileiros ainda “enfeitiçados” pela programação oficial e pelo “milagre” delphiniano.

- Pode-se discutir a oportunidade da homenagem, o academicismo de alguns eventos da “Jornada”. Pode-se discutir também se todo o staff petista não deveria estar voltado exclusivamente para a administração de São Paulo, que, diga-se, anda lá meio claudicante. A prefeita, por exemplo, não veio uma única vez à região para ouvir a população que mora ao redor do Riacho Ipiranga.

- São questões discutíveis, concordo. No entanto, a homenagem parece-me justíssima. Agora, cá pra nós, que o Chile fugiu do campo domingo... Ah! Fugiu mesmo...

(8 DE SETEMBRO DE 1.989)

Brasil e Chile jogaram, um dia antes, pelas Eliminatórias da Copa de 90. O jogo não terminou. O goleiro Rojas cortou o próprio supercílio e disse que foi atingido por um foguete... Uma farsa que só a paixão pelo futebol explica. Mas, que estremeceu o relacionamento entre os dois povos...

AGITO BENJORNIANO

(O DISCO QUE SINALIZOU O BENJOR DOS ANOS 90)

As coisas mais simples são, seguramente, as mais profundas, e vice-versa. Uma das poucas certezas que tenho é a de que os homens se comportam, desde os tempos não registrados pela História, como em uma manada. Há os que amam, os que têm fé neles mesmos e em suas pequenas e infinitas conquistas. Essa tribo sempre foi necessária. É a minha, aliás. Diminuta. Composta por quem aprende a harmonia, o belo e que se nutre de amplos espaços que os outros só vão ocupar muito tempo depois...

De autoria do “maldito” Walter Franco sobre a geração dos anos 60, a frase encaixa, se perfeitamente quando se tenta definir a obra de um contemporâneo, Jorge Duílio Lima de Menezes, popularmente conhecido como Jorge Ben, aquele que hoje prefere ser chamado de Benjor. A bem da verdade, um fagueiro cidadão do mundo que, aos 46 anos, mantém em evidência, apesar dos eventuais sumiços, um dos trabalhos mais criativos da chamada linha evolutiva da nossa música popular. Benjor, o mais recente elepê - editado pela WEA, sublinha com vigorosa energia essa afirmação. Trata-se, sim, de um disco descaradamente otimista num tempo mais chegado a crises e angústias. Dançante, é óbvio, para não fugir à regra do autor. Com saboroso clima de festa e universalidade. “Desde sua estréia, é assim: Jorge sintetizou em seu violão a bateria de uma escola de samba” - entusiasmo, se o dublê de jornalista e empresário Nelson Motta. “É o único de nós que pode-se orgulhar de nunca ter feito uma música triste”, arremata Caetano Veloso, outro ardoroso tiete do cantor/compositor de Rio Comprido, subúrbio da Zona Norte carioca.

Faz sentido. O Babulina (apelido que ganhou na adolescência, quando era da turma de Roberto, Erasmo e Tim Maia e arriscava uns roquizeiros em inglês) orgulha-se de muitas coisas. Fatos, personagens e paixões que invariavelmente vão habitar as letras de suas insinuantes canções. Orgulha-se da paixão pelo futebol (só próximo aos 40 anos, desistiu da idéia de ser jogador profissional), do seu Flamengo, da sua religiosidade (“sou um cara meio espiritual, meio rosacruz, um alquimista musical”), da mulher e musa Domingas Tereza Aparecida, dos filhos Tomaso (7 anos) e Gabriel (5 anos), da sua Banda do Zé Pretinho e do contingente de amigos que literalmente o idolatram como a um grande mestre. Cite-se, entre outros, Chico Buarque, Gilberto Gil (que em 75 gravou com ele um definitivo álbum duplo, Gil Jorge), Rita Lee, Lulu Santos e Arnaldo Antunes, do Titãs, seu mais recente parceiro.

Herbert Viana e Barone são dois desses fãs que sentiram-se privilegiados ao trabalharem na produção de Benjor, ao lado de Liminha e Nando Reis. O disco demorou dois anos para ficar pronto. Mas, ambos saíram extasiados da experiência: “Foi genial, ele é grandioso em todos os sentidos” - diz Herbert. “Tocar com ele era um sonho nosso, seus diletos discípulos”. Barone, por sua vez, define Benjor como um disco de final de década, “que vai abrir caminho para o que vier pela frente”.

Elogios à parte, Benjor destaca-se pelas participações especiais dos internacionais King Sunny Ade (guitarrista senegalês), Delmar Brown (tecladista que tocou com Sting), Danny Gottlieb e Chris Hunter (músicos da extinta banda de Gil Evans) e Paulinho da Costa (percussionista brasileiro que gravou com Madonna e Michael Jackson). Mas, a grande novidade do disco não está nas oito longas faixas (média de 4,5 minutos de duração) que, apesar do acuro técnico, não escapam ao receituário que Benjor consagrou em 26 anos de carreira. Não está, também, nos arranjos, nem no visual gráfico caprichado. A novidade maior, acreditem, está no título (Benjor) que o cantor pretende adotar como nome artístico daqui pra frente.

Jorge explica, explica, mas, não convence. Diz que não é por superstição, misticismo ou numerologia. Ele quer passar a chamar Benjor para não ser confundido com George Benson, guitarrista americano que recentemente esteve no Brasil participando do Free Jazz. Argumenta que, em nível

internacional, tem sido muito prejudicado na arrecadação dos direitos autorais. Ele jura que é verdade. Mas, poucos descartam a possibilidade de que o Babulina tenha mesmo entrado para o time de Sandra que virou de Sá e do Chico que, após consultar os astros, sofisticou o Anysio.

Não dá para questionar, porém, a grande receptividade que a música “benjorniana” alcança no mundo todo. Entre Europa, Estados Unidos e Japão (onde esteve pela primeira vez em 1.972), Jorge calcula ter vendido, aproximadamente 11 milhões de discos. No Brasil, garante que a soma de seus 21 elepês é inferior, em vendagem, a 5 milhões de cópias. Lá fora, são 11 títulos gravados, 6 para o Japão, 5 para a Europa e Estados Unidos. Até o final do ano, Benjor será lançado também no Exterior.

- Eu faço uma música urbana, suburbana e rural, com raízes africanas, brasileiras e universais...

Nada de tão extraordinário para quem chegou a musicar e gravar, o tratado filosófico de um faraó egípcio (“Hermes Trimesgisto e Sua Celeste Tábua de Esmeralda”) e, garante, inspirou-se em Dostoiewsky para dar versos a “E As Rosas Eram Todas Amarelas”, também da safra de 74. Na realidade, Jorge sempre foi único na MPB. Andou circunstancialmente junto às principais correntes musicais, mas sempre antecipando-se ao que se tornaria moda.

Agora, por exemplo, ele trafega com agilidade pela ponte sonora que interliga África/Brasil/Caribe em três momentos do elepê: no reggae “Homem de Negócio” (com a “cozinha” dos Paralamas), na quase rumba “Mama África” e na deliciosa “Cowboy Jorge”. Aproveita-se do mito de Marilyn para funkear romântico em “Norma Jean” e continua suingando, num estilo inimitável, na curiosa “Pega Ela de Montão”. Solta-se à vontade nos afro-sambas “Homem do Espaço” e “Miss X” e no enredo “Um Avião Me Informou” - o mais recente tema da escola de samba imaginária, Grêmio Esportivo e Recreativo Unidos da Simpatia.

Eis, pois, Benjor, que, ao insinuar-se para os anos 90, passa batido pela “World Music “. Aliás, como fez com a Bossa-Nova, a Jovem Guarda, a Tropicália, o Som-Disco... Bem-vindos a magia e o vigor de um artista que nasceu num País tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza...

(13 DE OUTUBRO DE 1.989)

Entrevistei Benjor em três ocasiões. Encontrei um ser humano luminoso, abençoado. Sempre fui um apaixonado por sua música e singularidade. Benjor não é o seu melhor disco. Mas escolhi-o para constar do livro porque foi esse trabalho que preparou o grande salto de Benjor para o sucesso nos anos 90. Um sucesso inacreditável. E mais do que merecido. As novas gerações deliciam-se com o baticum benjorniano muito mais do que seus contemporâneos que não entenderam sua magnitude. Salve simpatia...

ANOS 90, BEM-VINDOS

“DEPOIS DE LONGOS, SOFRIDOS ANOS,
CHEGA ENFIM UMA NOVA ERA,
CHEGA ENFIM UMA NOVA DÉCADA!
EM CADA CORAÇÃO É PRIMAVERA,
A ALEGRIA SORRI NA BOCA DO POVO.
E, NESTE PRIMEIRO PRIMEIRO DO ANO,
SONHANDO TUDO O QUE NOS ESPERA
NESSES OUTROS DEZ ANOS QUE VIRÃO,
EM CADA RUA TODO MUNDO DANÇA,
CANTANDO A CANÇÃO,
DA ETERNA ESPERANÇA “

(PRIMEIRO POEMA DE MÁRIO QUINTANA NA DÉCADA DE 90)

O poema do extraordinário Mário Quintana, parece, me, veio mesmo a calhar para as primeiras linhas do primeiro jornal do primeiro desses anos 90. Um tempo que, aliás, nos chega de forma tão intensa. Um tempo que nos sugere tão sombrio quanto instigantemente desafiador de nossa capacidade de ajustar-nos a novidades belíssimas como a queda do Muro de Berlim. Um tempo que se revela magnífico quando nos convence que, enquanto cidadãos irmanados num objetivo maior, podemos tudo. Podemos, inclusive, reverter as expectativas negativas e alçarmos o País ao patamar das nações contemporâneas, onde a justiça social, a democracia e o fortalecimento das instituições se fazem imprescindíveis. São nossos poderosos instrumentos de luta que obrigatoriamente vão determinar o fim do calamitoso estado de miséria da maioria dos brasileiros.

- É bem verdade que os anos 80 nos atropelaram com uma série de acontecimentos que mudaram indelevelmente o rumo da História. Eleição presidencial, sequestros, enchentes, crise no Proálcool, invasão do Panamá e os benfazejos ventos de democracia que sopram libertadores no Leste Europeu. É bom que se diga, ventos que se insinuam auspiciosos aos olhos daqueles, os tais homens de boa vontade, que professam um mundo mais igualitário, mais digno. Livre, enfim, do autoritarismo, da mesquinheza chula que grassou impune por anos a fio. É visível: os regimes ditatoriais - sejam de quaisquer estirpes - estão com os dias contados. Para o bem de todos nós...

- Não devemos nos iludir, porém. Há muito o que se fazer, muito para se conquistar. Um primeiro passo, sem dúvida, é acabar com a tutela das chamadas superpotências. É fundamental! Todo povo deve ser, e ele exclusivamente, responsável pelo que ocorre em seu País. A desastrosa invasão americana ao Panamá é um exemplo recente do quanto é anacrônico esse tipo de “protecionismo”. O tal Noriega, que hoje tanto incomoda os americanos, foi, na verdade, um colaborador da CIA que tomou gosto pelo Poder. Posteriormente, aliou, se ao tráfico internacional e... deu no que deu. Transformou o Panamá numa republiqueta de fundo de quintal. O “criador” perdeu o controle sobre a “criatura”. E aí? Bem, a história se repete. A conta quem vai acabar pagando é mesmo o povo panamenho. A bem da verdade, esse conceito de “exploradores” e “explorados” deve ser revisado com urgência. Afinal, seu legado não é outro senão a miséria. E, com a miséria, todos perdem...

- De volta à aldeia de Piratininga, vale registrar o primeiro aniversário de Luiza Erundina como prefeita. Digamos que os paulistanos, ao fazerem uma avaliação de sua administração para o Datafolha, não a reprovaram por pouco. Ficou de recuperação, diria. Entre os 23 prefeitos de capitais brasileiras, Erundina conseguiu um modestíssimo 180 lugar, com 42 por cento de regular, 35 por cento de péssimo/ruim e apenas 20 por cento de boa/ótima. Nada menos que 48 por cento dos

pesquisados disseram que a administração do PT é inferior à do prefeito Jânio Quadros.

- Tal avaliação, na verdade, não chegou a surpreender Erundina. Num encontro com os repórteres, confessou que não imaginava o quanto é difícil ser Executivo. Lembrou as dificuldades criadas pelo “orçamento pequeno e comprometido por dívidas deixadas por Jânio”. E, no melhor estilo dos prefeitos nomeados pela ditadura, culpou a “mídia” por não divulgar amplamente seus feitos e obras.

- É compreensível que, enquanto Poder passível de crítica, não se entenda o papel primordialmente fiscalizador dos jornais, revistas e noticiários de Rádio e TV. No entanto, o que vejo de mais lastimável é que, depois de eleita pelo voto direto, com um contundente discurso de oposição bastante divulgado pela Imprensa, a prefeita Luiza Erundina subestima a capacidade de julgamento daqueles que, em última análise, a levaram ao Ibirapuera. Cá entre nós, quem daria amparo aos reclamos dos jornais se ao sair de casa encontrasse o trânsito fluindo bem, as ruas limpas, sem buracos, o transporte ágil e com tarifas barateadas, uma bela creche em construção, um pronto-socorro com bom atendimento... Essas coisas, enfim, que a candidata Erundina cansou de prometer durante a campanha. E que, infelizmente, ainda não passaram de promessas...

(5 DE JANEIRO DE 1.990)

INDIANA NÃO É DEUS
(UMA SEMANA DEPOIS)

‘HÁ TANTO RISCO EM SE ACREDITAR DEMAIS QUANTO EM SE ACREDITAR DE MENOS. ‘ (DIDEROT)

Outra vez, a Nação vive um momento excepcional. De esperança, sim. Mas, também é principalmente, de apreensão e expectativas.

Quem de nós não se recorda das vicissitudes do pós-Cruzado? Certamente, não vamos querer embarcar, de olhos vendados e mãos atadas, novamente no mesmo barco. Entendemos as ásperas medidas adotadas pelo presidente Collor como necessárias e corajosas, mas não entusiasma o estado policialesco, de verdadeiro caça às bruxas, em que a Nação hoje se encontra. Cenas como a do gerente de supermercado preso ou do dono de restaurante obrigado a comparecer ao Distrito, a gente já viu antes. E, apesar do efeito dramático para “comprar” a consciência do povão, não surtiram grande efeito. Especialmente depois que as câmeras de TV foram embora... E preciso atentar para o equilíbrio, uma característica!

Diga-se, pouco comum aos brasileiros. Indiscutivelmente, o País estava corroído pela espiral inflacionária, pela especulação de todos os calibres e pela absoluta inércia de nossas autoridades. Era, portanto, vital que implantasse métodos de decência e austeridade. Era vital que recuperasse o valor do trabalho e a dignidade daqueles que realmente são o esteio da Nação. Em outras palavras, o próprio trabalhador.

.De outro modo, nem o nosso Indiana Jones é Deus para arvorar para si toda a salvação do Brasil. Sem dúvida, ele deve defender as medidas com determinação e firmeza. Mas, deve também reconhecer que são genéricas e cometem no seu bojo algumas dolorosas injustiças como a que trata velhos e fidelíssimos poupadores como grandes especuladores, aqueles que correram para a Poupança na ante-véspera do pacote. As medidas são, portanto, legitimamente passíveis de análise e mudanças no Congresso Nacional, que, esperamos, faça os ajustes compatíveis com o interesse de todos os brasileiros.

A recessão é outra ameaça à eficácia do Plano. O Governo precisa abrir, com inteligência, as verdadeiras comportas de dinheiro que acumulou em mãos. Com o mercado agilizado, a vida, certamente, voltará à normalidade. É importante, pois, que se aproveite os bons ventos para tomar as conquistas as mais abrangentes possíveis. O econômico tem que necessariamente refletir no social. É só por aí que se vai fundear o Grande Brasil do século XXI.

(23 DE MARÇO DE 1.990) .

PORQUE SOU CANDIDATO

(TENTAR, EU TENTEI... MAS, NÃO LEVAVA O MENOR JEITO.)

Quem diria que um dia eu viraria tema do meu próprio “Caro Leitor”? É que, como dizem os políticos, o cavalo passou atrelado e resolvi topar o desafio, com a força e confiança dos amigos e das entidades mais representativas da região, lançar-me candidato a deputado estadual. Foram imprescindíveis para esta decisão o incentivo do deputado Luiz Carlos Santos, candidato a deputado federal, do vereador de São Bernardo, Maurício de Castro e as ponderações de Araci Bueno, diretora-presidente de Gazeta do Ipiranga.

- Quem me conhece sabe como sou. É assim que quero continuar sendo, depois que passar esse corre-corre da candidatura. Seja qual for o resultado, vou continuar sendo amigo dos meus amigos, pois é esse sentimento de companheirismo que faz do Grande Ipiranga um aprazível lugar para se viver, apesar dos seus 1 milhão e tanto de moradores e de todos os problemas que vêm acumulando nos últimos anos.

- Enquanto jornalista, creio ter dado minha parcela de ajuda para a reconstrução democrática do País. Viramos uma página negra de nossa História. Indiscutivelmente, a ditadura de 21 anos é a razão maior do caos político e social em que nos encontramos.

- Enquanto político, com propostas de renovação e moralidade, quero continuar exercendo o papel crítico e fiscalizador da coisa pública e trabalhar firmemente no resgate da cidadania, do senso de fraternidade e justiça social. Confesso desde já que não sei o segredo da pedra filosofal que vai me fazer capaz de resolver, sozinho, todos os problemas do mundo. Não acredito em super poderes. Acredito, sim, na organização da sociedade, na participação de todos, através de clubes, entidades, associações, sindicatos, sociedades amigos de bairro, no processo de reconstrução do País.

- Se hoje venho como candidato pedir seu voto e colocar a prova meus 16 anos de trabalho à frente da Redação de Gazeta do Ipiranga, é justo que amanhã, se eleito, você tome ciência do meu trabalho na Assembléia Legislativa e cobre, com veemência, uma atuação digna em prol da comunidade. Essa responsabilidade deve nortear meu trabalho, mas deve também estar presente em cada cidadão. Se cada um de nós, tratar de fazer o melhor pelo seu bairro, certamente, estaremos cultivando as sementes de um mundo melhor para todos os brasileiros.

Até breve! A gente se vê por aí...

(6 DE JULHO DE 1.990)

O TRI DO TRI

(AMIGOS, AMIGOS... FUTEBOL À PARTE)

Fim de jogo. O zero-a-zero não deixa dúvidas. O São Paulo Futebol Clube é tricampeão brasileiro. Iguala-se assim ao Internacional de Falcão e ao Flamengo de Zico na hegemonia de títulos nacionais. A cidade faz uma festa discreta. Poderia ser pior - pondero aos meus botões, com uma vaga referência ao que aconteceu no ano passado.

Logo imaginei os são-paulinos de GI em festa: o Made, a Nancy, o Deto, o Waltão, o Maucir... E o Nascimento, que faz tempo que não aparece por aqui, mas é tricolor dos mais fanáticos. Ademais, tem dois caras no São Paulo, que, particularmente, merecem a conquista. Um é o professor Telê Santana, o outro é o goleirão Zetti que andou lá pelo Parque Antártica e inspirou um determinado garoto, de nome Rodolfo, a ser goleiro.

Bem que o Telê precisava dar um troco nesse pessoalzinho de cabeça-pequena que vem lhe torrando a alma desde que perdeu o Mundial de 82, com a fama de pé-frio. Telê é um dos raros técnicos que trabalha sério, desde o fundamento até a estratégia de jogo. Aí vem um desses Mário Sérgio da vida a querer lhe ensinar o certo e o errado das coisas da bola. Até que foi ótimo essa volta por cima do Telê, gostei...

Quanto ao Zetti, basta lembrar o começo brilhante no Palmeiras. Ficou mais de 1.200 minutos sem tomar gols. Sempre dedicou o maior empenho ao clube e que injustiça lhe fizeram após recuperar-se da fratura que sofreu na perna jogando pelo Palmeiras. Leão, então treinador, não lhe deu sequer a chance de disputar a posição com Ivan e Veloso. Foi relegado a um esquecimento que quase o fez encerrar a carreira. Zetti, colocado em disponibilidade pelo Palmeiras, viajou para a Suíça, mas não acertou por lá. De volta, passou a treinar no São Paulo que resolveu contratá-lo por experiência. O falante Gilmar era o titular e não gostou da “sombra”. Chiou, estrilou e acabou perdendo a posição.

Na manhã de segunda-feira, uma agradável visita já estava a minha espera. Na verdade, a caminho do jornal, já pensava em como pautar o tricampeonato do São Paulo. Inicialmente, levei em consideração que alguns são-paulinos gostariam de registrar a alegria de torcer pelo melhor time do País. Só aqui, no Ipiranga, conheço grandes torcedores do Tricolor. Quando cheguei à Redação ninguém menos que o doutor Marco Antonio Bezerra, médico ortopedista do São Paulo, conversava alegremente com o Made e o primo Alfredo Rangel. Entendi, no ato, que a questão estava resolvida. Ninguém melhor que o pernambucano Bezerra para falar da notável façanha do Tricolor. Além do mais, Bezerra é um ipiranguista nato que iniciou sua carreira na medicina esportiva no nosso Clube Atlético Ypiranga, passou pelo Palmeiras e permaneceu durante mais de dez anos na Portuguesa. No São Paulo, está desde maio do ano passado, ressaltando que já participou de duas decisões.

“Aliás - foi logo salientando - o que mais “mexeu” com a moral do grupo nos momentos difíceis da competição, não tenho dúvida em dizer, foi a frustração de perder a final do ano passado para o Corinthians. Acho que o pessoal aprendeu muito com aquela derrota. Foi o que inclusive determinou o surgimento de lideranças naturais como as de Ricardo Rocha e Raí, que foram fundamentais para esta conquista...”

Para o doutor Marco Antonio Bezerra, a certeza de que a equipe percorria a trilha certa do sucesso veio com a vitória de 3 a 0 frente ao Atlético Mineiro, em Belo Horizonte. Ali, ele diz, pôde perceber a supremacia do elenco Tricolor.

- Não é fácil vencer um time que tem talentos como os de Leonardo, Ricardo Rocha, Raí, esse garoto Antonio Carlos, Bernardo, Cafú, o próprio Macedo, Elivélton e que ainda contou com o reforço de um craque da estirpe de Muller. Um time que conta com o empenho tático de um Ronaldo, peça fundamental na guarda da defesa. Só com o Ronaldão, ali na frente da zaga, é que o Leonardo pode se projetar como o mais perfeito ala do futebol brasileiro. Um time que deixa no banco Zé

Teodoro, Mário Tilico, Flávio... É mesmo o melhor time do Brasil. E, com o título se faz justiça...

Um capítulo à parte nesta campanha foi o comando de Telê Santana. “O mineiro é duro na queda”, diz Bezerra e acrescenta:

- Ele é um perfeccionista. Acima de tudo, ama o futebol. Está milionário. Não precisa mais da bola. Mas, trabalha com a gana de um iniciante. É exigente. Entretanto, se pede algo ao jogador, mostra como, e porquê, deve ser feito. Ainda nesta campanha, ele soube como unir os jogadores, apesar das naturais diferenças que sempre surgem. E, o que é mais importante, revelou-se um homem aberto ao escalar, no jogo decisivo, o Zé Teodoro após consultar os principais líderes do elenco. Em nenhum momento, sua autoridade de comandante foi arranhada. Ao contrário, seu bom conceito só cresceu com a moçada...

Bezerra lembra que já trabalhou com grandes técnicos, nomes que fizeram a história do futebol brasileiro. Citou Travaglini, Brandão, Otto Glória, Jorge Vieira, entre outros. “Telê Santana incluo entre os melhores” - acrescentou. Ao longo da temporada, o trabalho do Departamento Médico – que reúne, além de Bezerra, os médicos Gilberto Calazarte, Arnaldo Ferreira Neto e o clínico geral Hécio Freitas - foi no geral tranquilo. Houve o acidente de automóvel que envolveu os ex-juniores Mazinho e Anilton, que tragicamente deixou o Mazinho tetraplégico. O Anilton já voltou às atividades normais. Houve também a distensão do Muller, um grave problema muscular. Mas, o DM conseguiu contornar e colocá-lo apto para participar dos dois jogos finais. E mais recentemente a questão do Zetti que jogou as partidas frente ao Bragantino com fortes dores no ombro.

- Acho que, além do atendimento que damos aos atletas, é muito importante a confiança que depositam em nosso trabalho. A bem da verdade, gostaria de acrescentar que o São Paulo é mesmo um grande clube para se trabalhar. Sua estrutura é incomparável dentro do futebol brasileiro. E não é por acaso que é o time de melhor pontuação no ranking do futebol brasileiro desde 1.970...

Antes de se despedir para começar seu dia de trabalho na Clínica de Medicina Esportiva que mantém, com o irmão Caio Mário Paes Bezerra, aqui no Ipiranga, doutor Marco Antonio ainda falou da festa que aconteceria na noite de segunda-feira no Gallery e que reuniria os tricampeões e alguns tricolores ilustres. “Vocês são meus convidados” - acrescentou, gentilmente. Percebi que o Made se entusiasmou, mas meu coração palmeirense batucou que não suportaria tanto.

- Tô meio gripado, é melhor ir cedo pra casa. Obrigado. Fica para o próximo...

(14 DE JUNHO DE 1.991)

SOBRE TUDO. OU SOBRE NADA

(SOU PARLAMENTARISTA DESDE CRIANCINHA. MAS...)

Acordou com a cabeça doendo. Imaginou que pudesse suportar. Bastou levantar da cama para perceber que a ressaca era das brabas. Tentou amenizar e não lembrar da noite anterior. Em vão. A conversa acalorada, tensa. A discussão. E os copos, seguidamente, esvaziados. Ele e dois amigos, por horas e horas, dissecaram e resolveram os problemas do mundo...

- Falaram de tudo - e de todos. Plebiscito, a volta do Fusca, o topete do Itamar, a questão dos brasileiros em Portugal, a fome na África, a pena de morte, os amores do coronel Inocêncio e futebol - que, afinal, ninguém é de ferro. Quanta conversa! Que dor de cabeça! Esqueceram apenas que domingo não é a melhor noite para tais exacerbações. Segunda é segunda, dia de “basquete”, e não se ilude com boas intenções. “Isso é mesmo coisa de brasileiro” - resmungou intolerante ao tentar os primeiros passos. “A gente fala demais. Acha que sabe de tudo...”

- A água fria do chuveiro foi o castigo que se impôs. Serviu para recuperar parte das forças. Clamou por lucidez. Mas, constrangeu-se ao se rever defendendo firmemente convicções que, agora, não se atreveria dizer se valiam o tempo perdido. “Quer saber? Nem sabia ao certo do que estava falando...”

- Mal teve tempo para se arrumar. Requentou o café de ontem e foi à luta. A cabeça ainda lhe doía. Tinha certeza que havia exagerado. Começou defendendo o parlamentarismo, saudou a monarquia e, lá pelas tantas, se surpreendeu apoiando o presidencialismo. “Afinal, ainda não tivemos um governo verdadeiramente sério por aqui”, lamentou-se. Foi mais longe tentando sofisticar o inexplicável. “Sou parlamentarista desde criancinha. Mas, agora, vou votar no presidencialismo. Quer dizer...”

- Não conseguiu terminar. O bar explodiu em risadas. Ficou desconsertado, confuso, preferiu mudar de assunto...

- O ônibus estava lotado. Sentiu-se seguro mesmo prensado entre a roleta e uma senhora gorda. Voltou a ruminar a noite anterior. Em outro momento de empolgação, defendeu a volta do Fusca (uma lembrança do tempo de adolescente, talvez) e foi contra a pena de morte. Agora, já não estava bem certo do que achava certo. Quis esquecer. Culpou a bebida pela falta de objetividade e filosofou: “Desde que me conheço por gente, o Brasil vive entre dois extremos. Isso ou aquilo. Ninguém se apercebe que a virtude está no meio...”

- Quando era pequeno, o pai adhemarista ia às turras com o tio janista. Depois do Golpe de 64, era Arena versus MDB, contra ou a favor da chamada “abertura” democrática, sim ou não pela anistia, Diretas-já ou nada (deu Tancredo, aquele que foi sem nunca ter sido...), piqueteiro ou fura-greve, cruzado ou inflação (adivinha quem ganhou?), Collor ou Lula, caras-pintadas, impeachment, Itamar... Oito ou oitenta. Tudo ou nada. Por enquanto, nada...

- Leu certa vez que o Brasil era um País de “achistas”. Achou, também ele, curioso. Todo mundo acha isso ou aquilo. Todo mundo sabe de tudo. Discursam como doutores. Mas, sequer dão fundamento ao que defendem. Feito ele na noite anterior. “Assim, todos perdem...”

- Na repartição, percebeu alguém feliz. Ficou indignado. “Será que não percebe que a oportunidade está nos escapando pelos vãos dos dedos”, dramatizou. Procurou refúgio nas páginas do jornal. Não foi além da primeira: Mais de 60 milhões de brasileiros vivem em estado de miséria absoluta. O que será do outrora País do futuro?

- Passou o dia com dor na consciência. “Todos somos responsáveis...”, resignou-se. A noite, em frente da TV, o controle remoto era acionado toda vez que ameaçava entrar uma chamada do plebiscito. “Há tanta coisa útil, verdadeiramente útil, para se fazer...”

- Idealizou uma frente supra-partidária, com o objetivo único de sanar os verdadeiros problemas

que afligem nossa gente. Moradia, alimentação, saúde, educação, o combate à corrupção, os menores abandonados, a violência urbana...

- Sorriu ao imaginar Lula, Maluf, Brizola, Quéricia, Covas, ACM e afins, todos reunidos, com o firme propósito de tocar esse Paísão pra frente. As questões poderiam ser combatidas, uma a uma, sem estrelismos, com soluções eficazes. Bastaria que demonstrassem o mesmo empenho que hoje revelam para defender forma e sistema de governo. Na televisão, todas as noites veríamos os resultados práticos dessa verdadeira cruzada: conjuntos habitacionais, postos de saúde, novas escolas, cestas básicas... Utopia? De repente, caiu em si. Arriscou um palpite, meio que desiludido da vida.

- Acho que o vinho voltou a fazer efeito... Tô delirando.

(19 DE MARÇO DE 1.993)

UMA QUESTÃO DE BOM SENSO

(EM MEIO A TURBULÊNCIA,
ALGUÉM LEMBROU DO ERMITÃO...)

Era um desses países que têm tudo para dar certo. Diziam até que era abençoado por Deus e bonito por natureza. Sobraram-lhe riquezas naturais e minerais. Estava salvo de cataclismas como maremotos, tufões, terremotos... possuía as estações do ano rigorosamente definidas, o que favorecia o plantio em suas terras, tidas e havidas como amplas e generosas. Havia grandes mananciais de água e muito mais. Do seu povo, sabia-se que, no mínimo, era ordeiro, trabalhador e muito festeiro.

- Era, portanto, uma Nação privilegiada. Mas, a situação ia de mal a pior. Difícil de acreditar, mas grande parte de sua gente vivia com a porta escancarada para a miséria. Passava fome, não tinha onde morar e faltava-lhe até a expectativa de dias melhores. A inflação corroía o ganho suado dos trabalhadores, liquidava as pequenas empresas, exterminava sonhos e anseios...

- É bem verdade que uma ínfima minoria tudo podia, tudo possuía. Locupletava-se com a ciranda financeira, ocupava altos cargos públicos e exibia dotes inimagináveis ao comum dos mortais. Mas, nem assim essa elite podia sorrir e escapar das preocupações. A miséria absoluta acabou gerando uma onda de violência irrefreável. Assaltos, sequestros, furtos, assassinatos... Matava-se por um simples par de tênis. A lei do cão. Todos estavam sob constante ameaça.

- “O caos, a barbárie...” - clamavam alguns. Mas, não havia solução. Eram escândalos e mais escândalos. Corrupção nas altas rodas. Os menores na delinquência. Os políticos desacreditados. As instituições falidas. O desalento tomava conta de tudo e de todos. Falou-se em pacto social, diálogo, entendimento. Forjaram-se planos econômicos, reformas fiscais e até mesmo um plebiscito sobre forma e sistema de governo. Rotundos fracassos. Eram crises e mais crises. A Nação expirava...

- Em meio à turbulência, alguém lembrou de um ermitão, um sábio, que de livre e espontânea vontade havia deixado a civilização e agora vivia, com seus livros e poções, lá nos confins deste pequeno grande País. Houve certa resistência da ala mais intelectualizada. Mas, enfim, perdido por um, perdido por mil. Não custaria nada tentar, o que já era um lucro no País das “caixinhas” e dos 15 por cento.

- Formou-se uma comissão. Discutiram a pauta numa plenária e fumaram ao desconhecido... O tal mestre logo precisou o motivo de tão insigne visita, até porque entre seus truques e traquejos, existia uma poderosa parábola que tudo lhe informava. Não deixou sequer o porta-voz usar a palavra. Num tom professoral, apropriado ao momento, preconizou: “A reconstrução de um País, dentro de valores dignos e socialmente justos, depende única e exclusivamente da aceitação e prática de três preceitos. A saber: liberdade, justiça e verdade.”

- Diante da perplexidade de todos, o mago não deu chance para apartes. Tomou fôlego e continuou: “A liberdade é vital a todo e qualquer cidadão. É também alicerce e vida para toda Nação que se pretenda contemporânea. Respeitar a si próprio e aos semelhantes é o passo seguinte. A justiça deve se estender a todos e em todos os níveis, inclusive, o social. Com as instituições e as leis fragilizadas, não há amparo para o que é certo, o que é verdadeiro. A impunidade cresce e a tudo devora, como uma erva daninha. Forma-se assim o País da mentira, do logro. A verdade não vinga, pois todos querem só vantagens, lucros, conquistas. Tudo se perde... As mudanças devem começar em cada um de nós. Lembrem-se: a verdade é a pedra filosofal que pode nos livrar de todos os males”.

- Em silêncio, retirou-se. Estava na hora de assistir as estrepolias de Mariana na novela das oito. Afinal, sábio também é gente... Seus interlocutores não tiveram outra alternativa senão tomar o caminho de volta. Pensavam na complexidade de algo tão simples. Muitos perderiam privilégios seculares. Pensavam que te pensavam quando alguém mais entusiasmado deixou escapar, em voz alta, o que lhe veio no coração: “Que sábio o quê... Ele é apenas um homem de bom senso”.

(2 DE ABRIL DE 1.993)

CARNAVAL ENGANA E FAZ SONHAR

(O DIA EM QUE O PRESIDENTE ITAMAR FRANCO CAIU DE AMORES PELA TOP-MODEL)

“Atire a primeira pedra,
yaya, aquele que não sofreu por
amor.”

Aquele senhor de cabelos impecavelmente revoltos voltou à Brasília, com muitas histórias para contar. Não sabe, porém, quem vai querer ouvi-las. Até porque nos quatro cantos do mundo, noticiou-se o peculiar enredo dos amores e ousadias do presidente folião na Marquês de Sapucaí. Choveram críticas, repreensões, ironias, lamentações... Certamente, vai virar tema de escola de samba. O assunto do momento só não parou o Brasil porque o País estava travado, na cadência do Carnaval. É isso aí. Atrás da top-model só não vai quem já morreu...

- De todas as manifestações, a do arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns foi a mais conclusiva. “Não devemos culpar só o presidente por ter exagerado no Carnaval”. É exatamente aí que o caldo começa a entornar para esse “Paísão” de tantas riquezas e frustrações. A vocação para alegria do brasileiro é tamanha que, em muitas regiões, continuamos em plena folia. A perspectiva é para um agitado fim-de-semana ao som das timbaladas e das escolas de samba. Até o paulistano, que é um tanto quanto doente do pé e fissurado por trabalho, inventou um tal desfile das campeãs para agitar o sambódromo (?) na noite de amanhã, sábado.

- A bem da verdade, estabeleceu-se que três dias são poucos para esquecer as mágoas. Assim, tudo o mais pode esperar. Até porque vale planejar, desde já, o feriadão da Semana Santa (a tradição reza dias ensolarados), o baile de aleluia, o ócio de uma boa viagem (se possível, sem filas e congestionamentos), a dolce vita que tanto sonhamos... Enquanto isso, lá vai o Brasil descendo a ladeira...

- Que fique bem claro! Isso não quer dizer que não somos patriotas. Longe da gente, tal hipocrisia. Afinal, é ano de Copa do Mundo e, a cada jogo, a cada vitória, saberemos sair às ruas para fazer, mesmo em junho, um verdadeiro Carnaval. Se o tetra vier, então, aguarde. Teremos o resto do ano de folia e comemoração. Valeu, Romário... “Mais um, mais um, mais um...”

- O nosso herói do Planalto terá outras tantas oportunidades para exibir-se como “latin-lover”. Inclusive, na campanha eleitoral, poderá soltar-se à vontade nos showmícios. Certamente, lá estarão as preferidas do momento, ao lado do predileto, o presidenciável Fernando Henrique Cardoso. O Brasil da fome, da miséria, da inflação... Bem, o Brasil dos desvalidos pode esperar... Afinal, o baticum não enche barriga, não resolve os problemas. Mas, engana e faz sonhar.

(18 DE FEVEREIRO DE 1.994)

TÃO BRASILEIRAMENTE AYRTON

(A MÁGICA MANHÃ DE DOMINGO, FERIADO, 1º DE MAIO...)

Nós não sabíamos. A bem da verdade, não fazíamos a menor idéia do quanto amávamos Ayrton, do quanto representava para a brava gente brasileira. Ele e suas vitórias compensavam nossas perdas e frustrações diárias. Entendemos, hoje, que todos vencíamos quando Senna subia ao pódio. Pelos sinuosos atalhos da vitória, que conhecia como ninguém -, simbolizava a tênue esperança de um futuro melhor. Quando nossa bandeira tremulava em suas mãos, tínhamos a certeza de que nós podíamos fazer melhor. Fraternalmente dividia com todos nós os prazeres e a grandiosidade da vitória. Era sua forma de nos fazer acreditar que, mais cedo ou mais tarde, a nossa vez, certamente, chegaria...

Por isso, a maior cidade do hemisfério Sul parou por dois dias. Reverenciou o definitivo retorno do filho prodígio. A Nação chorou copiosamente. Mesmo acostumada a tantos - e tão contundentes, desencantos, mostrou nas milhões de manifestações a dor de uma perda irreparável. Parece que, mais uma vez, a vitória nos escapou entre os dedos, numa torpe curva do caminho. Mais uma vez, sabemos agora, os inescrupulosos nos venceram, com sua ganância e tecnocracia. Seu exemplo, no entanto, nos dá a certeza de que não será sempre assim. Ele nos deixou, como legado, a convicção de que somos capazes e que as conquistas haverão de vir, frutos de nossa luta, trabalho e consciência.

Hoje, porém, não há vencedores, nem vencidos. Apenas, um dilacerante vazio. A imensurável saudade do nosso tricampeão, de nome Ayrton Senna, tão brasileiro, da Silva.

(6 DE MAIO DE 1.994)

A VOZ DAS RUAS

(“O QUE O POVO QUER, ESTA CASA ACABA QUERENDO”)

Em nada lembrava o justiceiro que puniu Collor em nome do Congresso, em nome de toda a Nação. Visivelmente envelhecido, caminhou hesitante para a tribuna que tantas vezes ocupou. Sobre seus ombros, uma missão inusitada: defender-se. Ibsen Pinheiro sempre foi conhecido, por seus pares, como “raposa vermelha”. A denominação, na verdade, lhe caía mais como um elogio. Ele aliava fama de ágil negociador com sua contundente militância comunista. As aparências enganam...

Nessa habilidade, residia seu último trunfo para escapar ao processo de cassação parlamentar que a CPI do Orçamento lhe impôs. Mas a lista de acusações se mostrou implacável. Havia evidências do seu envolvimento com os anões, de enriquecimento ilícito, omissão fiscal e remessa ilegal de divisas ao Exterior.

Não havia dúvidas, Ibsen precisaria de toda sua veemência para a argumentação de defesa. E não deixou por menos. Falou como nos velhos - e bons - tempos. Pediu não a solidariedade dos colegas, mas a certeza de que teria um julgamento justo. Procurou enfatizar o teor público de suas palavras. Denunciou - sem comprovar - uma manobra de “forças exteriores” para desmoralizá-lo e, por consequência, acabar com o que resta de credibilidade da Câmara. Alguns emocionaram-se. E, ao final, quase todos aplaudiram... Pura ilusão. A absolvição não foi além de tênue expectativa. Ao cabo de oito horas de julgamento, fez, se justiça – aliás - como todos esperavam. Foi cassado por ampla margem: 296 votos a favor e 139 contra a cassação. Houve 24 abstenções, nove votos em branco e dois nulos.

Não cabe também nos enganar. O rigor do Congresso pode ser interpretado como uma espécie de penitência pela absurda absolvição do deputado Ricardo Fiúza. “A pressão das ruas e da imprensa é muito forte”, ouvia, se nas conversas reservadas dos parlamentares. Era o temor de um outro julgamento: o das urnas, em 3 de outubro - e sobre suas cabeças. Com efeito, ali, naquele momento a frase que se fez mais verdadeira, por cruel ironia, foi cunhada pelo próprio Ibsen Pinheiro, quando conduziu o processo de impeachment do ex-presidente, Fernando Collor: “O que o povo quer, esta casa acaba querendo”.

(20 DE MAIO DE 1.994)

A ENTREVISTA

RAUL SEIXAS

“DE CANTOR O BRASIL ANDA CHEIO”

Roqueiro, falastrão, prolixo, irreverente, profeta do apocalipse, agitador, maluco-beleza. Rótulos, a bem da verdade, não faltaram numa vã tentativa de crítica e público enquadrarem o imprevisível baiano (de Salvador) Raul Santos Seixas desde seu aparecimento no cenário musical nativo. Corria o ano de 1.972, ainda não havia a crise do petróleo, nem o fantasma da hiperinflação era tão assustador, quando o rockbaião “Let Me Sing” sacudi a poeira do último Festival Internacional da Canção que se teve notícia. Um deboche rasgado, uma ousadia dançante em plenos tempos difíceis da ditadura.

O desconcertante, como se viu, sempre esteve presente na vida e na obra de Raulzito. Sua morte também não foi diferente. Raul Seixas morreu segunda-feira (22/08/89), sozinho num quarto de hotel em São Paulo, às vésperas do lançamento do novo disco (Panela do Diabo, em parceria com Marcelo Nova). Era o sonhado recomeço...

Em suas entrevistas à Imprensa, revelou sempre um total desapego às convenções, ao lugar comum. (Aliás, a obra-prima Ouro de Tolo não diz outra coisa). Revelou-se também lúcido e contestador. Em meados dos anos 70 chegou a lançar-se candidato civil à Presidência na época quente do militarismo. De outra feita, chegou a negar sua condição de cantor popular. Aos repórteres, declarou com largo sorriso e habitual ironia. “Na verdade, sou um ator. Só que represento tão bem, que o pessoal acabou acreditando que eu fosse mesmo um cantor-compositor”.

“Sou de 45 - dizia sempre -, do pós-guerra. Nasci quando a bomba estava caindo em Hiroshima. Sou da geração sanduíche e tenho que me adaptar aos surfistas de hoje e ao que pensa meu pai. Uma barra”.

Sempre que indagado, reafirmou seu posicionamento único dentro da MPB. Dizia-se também ativo militante da Sociedade Alternativa e defensor implacável do “raulseixismo”. “Meu compromisso maior com a sociedade é deixar nela minha impressão digital. Quero que fiquem sabendo que passei por aqui. Que contribuí com alguma coisa. Enfim, que valeu a pena...”

O encontro com o mago aconteceu em fins de 77. Ele estava em São Paulo para lançamento do novo disco O Dia Em Que A Terra Parou. Sua gravadora, a WEA, reservou dois dias para atender a Imprensa. Eram sessões individualizadas com os repórteres. Raul não gostava de “coletivas”. “Dispersam demais” - dizia. “Todos os jornalistas se põem a perguntar coisas distintas ao mesmo tempo. Vira uma Torre de Babel. Não dá para contatena o raciocínio. E eu já falo demais. Aí, sai besteira”.

Desse modo, cada veículo tinha, então, democráticos 45 minutos para falar com Raul. “Com 15 de descanso que, afinal, nós estamos no Brasil e eu não sou de ferro” - ironizava.

Logo que chegamos à sala onde Raul se encontrava, eu e o amigo Clóvis Naconecy de Souza abrimos mão de nossos velados temores. Deparamos com uma pessoa simples, aparentemente de bem com a vida e feliz por retomar aos palcos paulistanos após quatro anos de ausência.

Em nenhum momento Raul, à época com 32 anos, deixou transparecer amarguras descabidas ou ser uma pessoa de difícil trato, como se anunciava.

Ao final da entrevista, avançamos o horário, falando de nossos (meus e de Clóvis) projetos pessoais - que incluíam a consolidação do Jornal da Mooca e uma possível enciclopédia de MPB. Projetos que, aliás, não vingaram, mas que tiveram a aprovação de Raul. “É isso aí... Vão em frente. Lembrem Caetano: “Como é bom poder tocar um instrumento...”



- Faz algum tempo que você não vem a São Paulo para fazer show em teatro. Existe alguma razão para essa ausência prolongada?

- Na capital, sim. Mas tenho feito muitos shows pelo Brasil todo, pelo Interior. Agora aqui não venho desde 73, quando me apresentei no Teatro das Nações. Pessoalmente, acho teatro uma coisa assim bem elitista, uma coisa pequena para um público bem mais uniforme... Mas, resolvi fazer. Principalmente depois do lançamento do novo disco “O Dia Em Que A Terra Parou”. Na verdade, prefiro fazer algo mais aberto, prá todo mundo, que dê a sensação de que você está jogando toda sua loucura canalizada e que recebe o eco de volta. Sabe como é? Um trabalho assim para todos os níveis de pessoas. Afinal, a gente já tem Intelsat por aí...

- Então, o disco novo é a causa do show ou você vai fazer uma revisão crítica de sua carreira? Parece que muitas músicas antigas estão incluídas no programa.

- Não, não, o show é basicamente uma continuação do meu trabalho. Claro que há preocupação de se mostrar as músicas novas, mas o importante mesmo é a continuidade do meu trabalho, que se iniciou em 73. Por isso vou cantar músicas conhecidas como “Ouro De Tolo”, “Metamorfose Ambulante”, “Al Caponne”, com novos arranjos, dentro de uma nova concepção. Uma concepção 77, digamos.

- “Metamorfose Ambulante”, inclusive, ganhou uma gravação recente de Ney Matogrosso...

- Pois é. Eu gravei em 73. Fiz essa música quando tinha 14 anos... guardei. Quando trabalhava na CBS também já tinha “Ouro De Tolo”... guardei. Tudo assim como se fosse um grande jogo de xadrez, sabe? Cada passo planejado e executado, no momento exato.

- Então não existe o aspecto revisionista no show?

- Fundamentalmente, vou apresentar o novo disco, o que, em essência, significa a continuação da “Sociedade Alternativa”, o movimento que tínhamos em 73, eu e o Paulo Coelho, meu parceiro. Ele agora está morando na Inglaterra. Em 74, houve um problema aqui com a gente e nós tivemos que sair. Fomos morar em Nova York. Demos um tempo lá. Depois voltamos, e eu resolvi ficar, continuando com a “Sociedade Alternativa”, enquanto o Paulo resolveu ir prá Inglaterra de vez. Não voltar mais.

- Então neste disco continua a “Sociedade Alternativa”?

- Continua com outro nome. Só mudou de nome.

- Qual o nome atual?

- Agora chama-se... “Magro Teimoso”. Por falar nisso, estou com uma saudade incrível do pessoal da “Sociedade Alternativa” antiga. Em 73, tínhamos o Zé Celso Martinez, diretor de teatro que fez “Rei da Vela”, “Gracia Senior” no Teatro Oficina. Havia também dois advogados, o Paulo Coelho... Um negócio muito grande, que começou a se avultar ainda mais. Chegou até Nova York. Lá transamos com o ex-beatle, John Lennon, um cara fantástico, que fazia parte de uma “sociedade” bem parecida com a nossa. Morei quase meio ano com o pessoal dele, da Newtopia. Foi na época em que ele se separou da Yoko. Fiquei lá por um bom tempo, por isso o pessoal pensa que desapareci. Mas logo que cheguei, reiniciei meus shows pelo Interior do País. Essas excursões são um barato, uma loucura...

- Esse “problema” foi causado pelas letras?

- Não sei. Entendo a arte como a expressão social de uma época. Então você tem que dar uma de Nero, ficar tocando uma harpa e cantando o que está acontecendo. Pois é nesse cantar que as coisas se torcem. Você passa a refletir o momento histórico que está vivendo. Mas sem entrar em particularidades políticas, essas coisas... nada disso. Sempre trato das coisas num campo metafísico, filosófico e antológico... Um ponto-de-vista meu, da vida. Só isso.

- Essas preocupações você já demonstrava no início de sua carreira, não é?

- Não sei se você sabe, mas quando vim ao Rio, não foi para ser cantor, foi para editar um tratado de filosofia pela Civilização Brasileira. Sou formado e professor em Filosofia. Mas, como

lançar um livro é um negócio extremamente difícil, um círculo bem restrito: acabou não dando certo. Vi que a coisa era muito reduzida, tipo público de teatro, então resolvi fazer a mesma coisa através de música, através de disco. Porque disco, sim, é uma coisa muito mais incisiva. Um meio muito mais rápido, do qual passei a me utilizar para dizer o que pretendo, para deixar minha impressão digital nesse mundo. Para minha razão de viver ou não, entende! Afinal, estou aqui fazendo o quê? Tracei uma meta, e tenho que ir até o fim.

- Então o processo foi mais ou menos este: você veio para o Rio lançar um livro. Não deu certo. Voltou para Salvador. E posteriormente foi convidado a trabalhar na CBS, como produtor de disco?

- Foi. Aprendi muito lá, cara. Que escola! Trabalhei com todo aquele pessoal do final da Jovem Guarda: Jerry Adriani, Wanderléia, Renato e Seus Blue Caps... o Roberto, que é um cara incrível.

- Como foi aquela história do disco que você produziu, nessa época, reunindo o Sérgio Sampaio, Miriam Batucada, Édy Star e você?

- Ah! Sim... chamava-se “A Gran Ordem Kavernista Apresenta Sessão Das Dez”. Esse disco foi recolhido por que apresentou problemas para a censura. Foi o seguinte: a CBS não adotava essa linha de lançamento. Acabei perdendo o emprego, mas tudo bem! Aproveitei que o diretor foi para os Estados Unidos e fiz o disco. Uma zorra. Mandei buscar uma harpa egípcia, raríssima, em São Paulo. Gastei uma nota de carro até o Rio. Só pro cara fazer o acorde final de uma das músicas. Quando o diretor voltou, não deu outra, me chamou e perguntou o que eu queria: ser cantor ou produtor? Foi uma barra, o cara ficou chateadíssimo. Mas, aí eu disse: Quero ser artista...

- Aí pintou o festival?

- Isso mesmo. Foi na época do festival. Como produtor, eu havia contratado o Sérgio Sampaio, que tinha inscrito o “Eu Quero Botar O Meu Bloco Na Rua”, e eu entrei com o “Let Me Sing” e “Eu Sou Eu, Nikuda É O Diabo”. Foi o último festival Outra loucura: um festival nacional, e eu cantando em inglês... misturando Luiz Gonzaga, rock. O Walter Franco com aquela “Cabeça, Cabeça, Cabeça...”, lembra?

- Raul, qual sua formação musical?

- Eu sou de 45, do pós-guerra. Nasci quando a bomba estava caindo em Hiroshima. Sou da “Geração Sanduíche”, devo me adaptar aos surfistas de hoje e ao que pensa meu pai... Uma barra violentíssima.

- Você foi influenciado pelo Elvis? Uma vez li que você tinha um dos maiores arquivos do Brasil sobre Elvis. É verdade?

- O Elvis me fez a cabeça, assim como o Luiz Gonzaga, toda aquela cultura maluca de 45, aquela invasão de música cubana...

Sobre o arquivo, ele existe. É assim como uma espécie de coleção de selo, sabe? Adoro disco de rock antigo, aquele magro, com baixo de pau e bateria... Mas não tem nada a ver uma coisa com outra. Gosto muito de rock. Fico horas ouvindo aqueles discos antigos, como quem coleciona alguma coisa... É muito importante pra mim.

- Esse seu estilo discursivo das letras, dá prá explicar?

- São letras vomitadas, né? É mais propriamente uma prosa cantada. Inclusive tenho uma dificuldade incrível pra botar música em letra. Tenho um ouvido péssimo. Dá para ajudar a concatenar uma coisa com a outra, música e letra. Para compor, eu faço assim, uma espécie de uma prosa, depois eu começo a botar aqueles acordes “fuleros” que eu sei...

- “Ouro De Tolo” é uma das músicas que melhor caracteriza esse estilo, não?

- É, ela é meio assim Bob Dylan. Talvez fosse até influência do Dylan. Mas veja: como é que eu poderia cantar aquilo. Só falando mesmo... Foi na época em que o Roberto Carlos estava contente e agradecia ao Senhor. Lembra? Aí eu disse que devia agradecer...

- Lembro que foi a última vez que vi uma música parar o pessoal na rua. Sabe, as lojas de discos tocavam “Ouro De Tolo” sem parar e as pessoas paravam, escutavam, riam, tinham reações estranhíssimas...

- É incrível. Primeiro, eles riam. Depois paravam pra pensar. Depois choravam. Mas assim dentro de um tempo... Em São Paulo foi o lugar que o disco mais vendeu. O engraçado é que nunca ninguém vestia a carapuça. O cara sempre ria do que estava ao seu lado, sabe como é? Naquela de o negócio é com ele, enquanto a música era com todos. Sem exceção. Era fantástica a reação...

- Numa música recente você faz críticas ao Belchior e ao Silvio Brito. Como foi a reação deles, em relação a você?

- Ah! A música chama “Eu Também Vou Reclamar”. O Belchior achou legal, riu prá burro. Tudo bem! Mas o Silvio Brito ficou zangado comigo. Ficou bravo mesmo. Eu gosto muito do Silvinho, ele é legal pacas...

- Raul, faça uma retrospectiva de seus discos anteriores, até o mais recente.

- O “Let Me Sing” só saiu em compacto. Depois veio o elepê “Krih Ha Bandolo”. Você lembra da revista do Tarzan? Pois é, Krih ha bandolo, naquela língua fajuta do Tarzan, queria dizer “Cuidado, aí vem o inimigo”. Nesse elepê, eu cantava “Mosca Na Sopa”, “Al Caponne”, “Metamorfose Ambulante”, “As Minas Do Rei Salomão”, “Ouro De Tolo”.

- A seguir você gravou o compacto “Guita”.

- Que mais tarde saiu em elepê, junto com “Trem Das Sete Horas”, “Medo Da Chuva”, “Sociedade Alternativa”. Foi assim uma espécie de fase áurea da gente. Estava com pique incrível.

- Foi o disco que mais vendeu?

- Foi. Ganhei o disco de ouro brasileiro. Fantástico.

- Daí veio o “Novo Aeon”?

- “Novo Aeon” foi o terceiro elepê da Philips. Essa também foi uma transação incrível. A gente estava voltando dos Estados Unidos. E foi muito difícil adaptar-se novamente por aqui. Foi incrível para mim. O disco tinha a música “Tente Outra Vez”, que eu gosto muito. Daí lancei no início desse ano o elepê: “Há Dez Mil Anos Atrás”, que eu estou com uma cabeleira branca... - Foi o último disco pela Phonogran.

- Esse disco não foi mal trabalhado?

- Não, não foi trabalhado não. Eu estava nos Estados Unidos filmando...

- Aliás, o pessoal da Phonogran se queixava disso: quando você trabalhava o disco, as vendagens subiam acentuadamente, quando não, o disco vendia, mas não o que se esperava.

- Eu sumia prá eles, entende? Mas não sumia prá mim. Sempre estive aqui no Brasil fazendo shows pelo Interior. Não para a fábrica de disco faturar nisso. Depois, meus discos sempre venderam bem. Na verdade, eles não gostavam porque queriam que eu fizesse programa de televisão, favores que existem, do tipo “eu te arrango uma apresentação do Raul Seixas, e você inclui no seu programa alguns iniciantes da minha fábrica de disco”, sacou, qual é? O divulgador tem que arranjar show prá mim, e pros outros... Eles querem vender os novos. Então sempre fazem isso com quem já possui um certo nome. E eu me recusava a fazer isso. Então dizia que estava nos Estados Unidos só prá não fazer esse tipo de coisa...

- Tipo lote de filme americano?

- É. Mas tudo é muito normal. Isso é coisa do sistema mesmo. Eu acho legal, contanto que...

- Bem, aí você saiu da Phonogran. e veio para WEA?

- É. Esse elepê é o primeiro que gravo na WEA. Da Phonogran saíram André Midani, Mazola, saiu o Guto, saiu todo mundo que eu gostava. Paulo Coelho também tinha ido embora. Zé Celso, também. Todo mundo se dispersou. E eu me senti assim deslocado. Aí falei com o André, e ele me trouxe para cá, a Warner. Fiz esse “O Dia Em Que A Terra Parou”, que é uma continuação do trabalho de 73. E vai sempre ser, até que eu morra. Sempre falei as minhas músicas no ponto de vista

filosófico, que é meu campo, que é a coisa que eu gosto, ponto de vista metafísico, antológico, olhando todo mundo e a vida, sabe? Estou lutando por isso...

- Daí surgiu a oportunidade do show?

- É. A relação que existe daquele show no Teatro das Nações em 73 e o atual é a continuação de todo o processo histórico brasileiro. Talvez por isso você tenha dito que eu vou cantar músicas mais antigas. É uma sequência do processo de mutação, do ponto de vista de um brasileiro, como cantor. Nunca cantei algumas dessas músicas para o público de teatro, então acho que seria legal cantar o “Trem Das Sete”, “Mosca Na Sopa”, “Eu Nasci Há 10 Mil Anos Atrás”, e mais algumas que foram conhecidas. E que foram importantes para mim na época. Tiveram outra conotação. Eu gostaria de retomar essa concepção, falar dela, eu gosto muito de conversar com as pessoas nos shows. Acho que show em teatro deve ser mais do que simplesmente um cantor chegar lá, abrir a boca e dizer besteiras. Porque de cantor o Brasil está cheio. Acho que a gente tem que ter um diálogo maior, expandir mais, deixar que as pessoas falem. Ser mais uma peça assim dantesca. Deixar as pessoas participarem, acho isso muito importante em teatro, essa interação com o público.

- Deixar que elas sejam também.

- Que elas sejam. Mas numa boa, que sejam bem, não com medo.

- Qual sua posição dentro da música popular brasileira?

- Esse negócio de raízes, essas coisas são tão difíceis prá eu responder. Me coloco numa posição de individualismo. Bem individualista, mas deixando, mas permitindo que você seja. Let it be, entende? Todo mundo tem direito de fazer o que quiser, pois é tudo da lei, como diz a letra da “Sociedade Alternativa”. Mas, não pise no meu sapato de camurça azul, lembra o rock do Elvis? Nunca tirei carteirinha de baiano, apesar de ser baiano nunca pertenci a nenhum grupo. Sou mais assim raulseixista.

CARO LEITOR,

Consta ser inevitável que este espaço se ocupe a traçar um perfil do autor. Sejam breve, pois, aqui acumulo as funções de autor e editor. Cabe-me, assim, a constrangedora tarefa de escrever na primeira pessoa.

Nasci no Cambuci (São Paulo/SP) em 4 de dezembro de 1950. Meus limites geográficos até os 16 anos não ultrapassavam o Parque da Aclimação, a várzea do Glicério e os “sete campos” no final da rua Independência. O futebol, desde então, era paixão e vida.

Depois veio a mudança para o Ipiranga, o encantamento pela música, o turbilhão dos anos 70, a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, a semana em que perambulei (sem ser notado) pela redação do Diário da Noite e Gazeta do Ipiranga, onde aportei em março de 74.

Comecei como “redator-estagiário” e, quatro anos depois, passei a editor e diretor responsável. Simultaneamente, colaborei em diversas publicações, principalmente na editoria de Cultura. Cheguei até a montar um jornal de bairro na Mooca. No entanto, foi mesmo por essas plagas históricas que fundeei sonhos, expectativas, trabalho, amizades, aprendizagem, amores e a esperança em dias melhores para todos os brasileiros.

“Que o povo saia às ruas... E tome para si o destino da Nação” - escrevi no editorial/homenagem da edição imediatamente anterior a 15 de novembro de 1989, quando voltávamos a escolher o presidente da República pelo voto direto e universal, após 30 anos de abstenção. Democracia se faz com cidadania e solidariedade.

Foi a lição maior que aprendi por aqui, no estóico e quatrocentão Ipiranga, onde, aliás, exercitei, como pude, a instigante arte de viver e ser feliz.

E lá se foram 20 anos...

R.C.M.

Ainda há novos Chicos, Vandrés, Caetanos, Gils e Miltons por aí?

O Festival da Música Brasileira, que começa no próximo sábado, na TV Globo, vai tentar responder a esta pergunta. Há otimismo entre os especialistas.

Carreira de Jair disparou no festival

Histórias de Solano Ribeiro, o homem dos festivais

Quando cada emissora tinha o seu

Reprodução



O principiante Milton Nascimento

Por Rodolfo Martino, especial para o JT

Uma voz aguda e uma romântica melodia trouxeram de volta à televisão os grandes festivais que lançaram os mais expressivos nomes da MBP nos anos 60. Em 1985, o Festival dos Festivais, realizado pela Rede Globo, foi marcado pelos trinados de Tetê Espíndola, cantora da música vencedora Escrito nas Estrelas. Se o último dos festivais reviveu no público a emoção dos “tempos de ouro” da TV Record, nos bastidores do evento estava Solano Ribeiro em pleno Maracanãzinho, com a sensação do dever cumprido... Na verdade, essa mesma sensação o produtor e diretor musical já havia experimentado 20 anos antes, quando idealizou o primeiro Festival de Música Popular Brasileira na extinta TV Excelsior. A vitória ficou com Arrastão, de Vinícius de Moraes e Edu Lobo. Mas, a grande revelação do festival foi mesmo uma cantora gaúcha, radicada até então no Rio de Janeiro. O desengonçado rodopiar de braços e a vigorosa interpretação consagraram Elis Regina nacionalmente e projetaram, ali, um gênero de espetáculo musical que mudou a cara da

MPB a partir de então.

“Foi mesmo uma comoção nacional”, lembra Solano, que tem sua história de vida fortemente marcada pela realização dos grandes festivais. “Fiz o da Excelsior, três na Record, o da Globo de 1972, o da Tupi em 79 e o Festival dos Festivais”. Não há um grande festival que não tenha sua assinatura.

Aliás, a sintonia é tanta que Roberto Talma, diretor geral do Festival da Música Brasileira que a Globo inicia no próximo sábado, não teve dúvidas. Chamou Solano para coordenar todo o processo de inscrições e organização dos grupos que selecionaram as 48 canções finalistas. E o velho mago dos festivais não teve como recusar o convite.

É preciso uma sacudida

“O momento é muito oportuno. A música brasileira está precisando mesmo de uma sacudida. De apostar na ousadia. Felizmente, essa fase de padronização está se esgotando. E tome sertanejo, axé-music, bunda-music, pagode, padrecos-cantores. Os meios de comunicação precisam mostrar o que realmente é a cara musical do País”, argumenta cheio de entusiasmo.

Explica-se tanto otimismo. Para Solano, o sucesso de um festival está nesta fase embrionária, que ele chama de “garimpagem”. As canções finalistas devem fazer um mapeamento das diversas tendências sonoras, fugir de qualquer sectarismo e principalmente apostar no novo.

Seu único medo era o número excessivo de inscrições, que poderia inviabilizar o festival. A proposta foi fazer uma triagem a partir da tecnologia. Só foram aceitas as inscrições de canções gravadas em CD ou DAT. Mesmo assim, houve 23.834 inscrições. Um número absurdo. Foi preciso ouvir isso tudo.

Audição torturante “Por mais incrível que possa parecer, a tarefa foi relativamente fácil” – diz o hoje tranqüilo Solano. Ele reuniu dois grupos de doze pessoas. Um no Rio e outro em São Paulo. Os integrantes se revezavam, três a três, na audição das músicas. Todos têm grande vivência na área musical. Bastavam ouvir os primeiros acordes, conferir a letra para perceber que ali “não havia nada com nada”. Dessa forma, foi se depurando as que teriam chance. E, outra surpresa, essas não chegaram a 100.

“Para ser mais exato, os dois estados selecionaram um total de 67 músicas com possibilidade de apresentação. E aí se formou um novo colegiado que definiu as 48. Houve um avanço na parte técnica. As produções são bem feitas, com teclados e coisa e tal. No entanto, a temática revelou-se bastante pasteurizada. Tanto faz ser uma música do Piauí como do Rio Grande do Sul, não há diferença.

“É puro modismo. Quer dizer: não está existindo emulação, o que a mídia põe no ar é o que fica valendo. Esse troço tem um lado assustador. O pessoal chegou a falar que a audição das músicas era absolutamente torturante. Durante semanas, eles não conseguiam separar sequer uma canção. Era difícil até manter a atenção”.

O painel de 48 canções é bastante variado e Solano aposta suas fichas: há muita música boa. “Todos nós da produção estamos certos de que esse festival vai deixar um residual de grande valor, com novos compositores e intérpretes. Tem, na verdade, um pouco de tudo: MPB autêntica, música regional, valsa, rap, rock pesado, forró. Tem até um samba-enredo.

“A proposta do espetáculo que o Talma está montando também carrega na ousadia, inclusive em termos televisivos. É natural que haverá aquele que vai dizer: “Ah! Mas o Caetano não entrou, o Chico não entrou, o Ivan Lins não entrou”. Não entrou e, digo, não era para entrar. Pois, quando eles começaram, eram iguais a esses que hoje estão aí...”

Carreira de Jair disparou no festival

Até 1966 Jair Rodrigues era conhecido como sambista de um único sucesso (Deixa isso pra lá). A consagração veio ao cantar Disparada

Mais do que um espetáculo de televisão, os festivais de música dos anos 60 eram um acontecimento. Havia um efervescente caldeirão cultural que misturava o conturbado momento político, a revolução dos costumes e, é inegável, uma geração de preciosos talentos prontos a explodir.

“Comigo mesmo foi assim” – destaca o cantor Jair Rodrigues. Embora já houvesse gravado um disco de sucesso, o compacto Deixa Isso Pra Lá, o cantor era considerado, segundo ele mesmo, apenas “um sambista alegrinho”. Foi no Festival da Record, de 1966, ao defender Disparada, que público e crítica o reconheceram como grande intérprete.

“Ali praticamente começou minha carreira. Eu já vinha na batalha há algum tempo, cantando na noite aquelas músicas fortes de Orlando Silva, Carlos Galhardo, Francisco Alves... Havia feito um disquinho de sucesso. Participava de espetáculos com a Elis Regina. Mas, mesmo assim, o pessoal continuava falando que eu era cantor de uma música só. Ô coisa chata, sô. Foi quando apareceu a música do Téo de Barros e do Geraldo Vandré e, aí sim, o negócio mudou. Disparada é uma das músicas mais difíceis de cantar. Com ela, pude provar minha competência e a partir daí tive momentos bem bonitos em minha carreira.”

Jair faz questão de ressaltar que nos primeiros festivais a competição não era a prioridade. “Estávamos lá para mostrar a nossa música e dar nosso incentivo aos demais concorrentes. A camaradagem e a amizade prevaleciam”, diz. Todos, inclusive, foram solidários ao Sérgio Ricardo (no episódio das vairs e da briga com a platéia). “Não havia qualquer divisão. Queríamos que todos se dessem bem e pronto”, enfatiza.

“Mas, em 67, a coisa pegou. No ano seguinte, foi um horror. Você entrava para cantar e escutava: “Uh!!! Fora!!! Sai daí!!!” Uma loucura. Enquanto cantava, pensava comigo: que diabo é isso? Falei com meu empresário, o Corumba (da dupla sertaneja Venâncio e Corumba) e disse que não queria mais participar. Como eu, um monte de gente. Mas, éramos contratados e tínhamos que cumprir o contrato. Mesmo assim, em 69 só participei da Bienal do Samba – um festival paralelo, também na Record, só com sambistas. A vencedora foi Lapinha (de Baden Powell e Paulo César Pinheiro) que a Elis cantou magnificamente: “Quando eu morrer me enterrem na Lapinha. Calça, culote, paletó almofadinha...” Êta, coisa bonita...”

Sobre o atual Festival da Música Brasileira, o cantor diz que “esse tipo de iniciativa é sempre bem-vinda”. Lembra que o rádio e a TV “fecharam muitas portas. Quem não está na moda, precisa encontrar espaço por conta própria. E as gravadoras têm muita culpa nisso, sim, senhor. O bom de um festival é que, pelo menos, você fura esse bloqueio”. Ele só lamenta que o filho Jairzinho não teve sua canção classificada. “Pô, me disseram que é porque o festival é para revelar talentos absolutamente desconhecidos. Achei razoável a explicação. Depois vi nomes como o do Chico César, então não entendi mais nada”.

De qualquer forma, Jair vai torcer para que o festival dê certo. Segundo ele, existe uma renovação constante na MPB e esse pessoal precisa de oportunidade. “Quando tínhamos o programa na Record, Elis e eu lançamos mais da metade desse pessoal que está aí”.

Em certa ocasião, quando ainda era solteiro, um amigo lhe apresentou um rapaz recém-chegado a São Paulo que precisava de um lugar para ficar uns tempos. O garoto – um mineiro, tímido – hospedou-se umas semanas no apartamento de Jair. Pouco falava, sempre carregando o violão e um caderno. Mas, quando cantava, soltava a voz. Seu nome: Milton Nascimento.

“Engraçado, que aquele caderno ficou um tempão lá em casa, mesmo depois que o Milton foi embora. Um dia passei os olhos pelos rabiscos e lá estavam os versos de Travessia.”

Rodolfo Martino, especial do JT

Histórias de Solano Ribeiro, o homem dos festivais

Ele foi um dos mentores da era dos festivais e agora acredita que só mesmo outro deles pode furar o bloqueio das gravadoras e permitir a revelação de talentos da música popular brasileira

Desde 1998 Solano Ribeiro acalenta o sonho de fazer um novo festival de música. Os motivos, diz, estão todos aí. “A música brasileira de qualidade, que é nossa maior manifestação artística, sobrevive ocupando os espaços que lhe são possíveis. Há outra vez uma geração pronta para despontar, e é interessante proporcionar essa chance”. De início, levou a proposta à Rede Record. Houve interesse. Buscou-se patrocinador aqui e ali. Quando a coisa parecia que ia, não foi. Então, no ano passado, foi chamado pela Globo para ajudar na série 100 Anos de Música Popular Brasileira.

“Fui lá e falei da minha idéia de fazer um novo festival. Disseram novamente que não havia interesse numa produção terceirizada”. Solano tem uma produtora independente, a VTI. Apesar do ‘não’, teve certeza: deixou a semente de que o momento era oportuno para um novo festival.

Solano recebeu a reportagem do JT e revelou, com exclusividade, algumas especiares da história dos festivais de MPB, da qual ele é um dos autores e, mesmo sem escrever sequer um verso ou criar um só acorde, um dos principais protagonistas. Aqui, a íntegra de seu depoimento.

O começo

“Os festivais não surgiram do dia para noite. No início dos anos 60, existia uma forte movimentação musical a partir da Bossa Nova, com base no Rio. Em São Paulo havia muita gente fazendo boa música. Então, eu e dois jornalistas, Moraci do Val e Franco Paulino, juntamos esse pessoal no que se chamou Tardes da Bossa Paulista. Participavam César Camargo Mariano, Ana Lúcia, Claudete Soares, Walter Wanderlei, entre outros. Logo percebi que os encontros despertavam grande interesse e, de repente, poderiam acontecer num lugar maior. Na época, o centro acadêmico do Mackenzie fazia um espetáculo chamado O Fino da Bossa, de muito prestígio, e que trazia o pessoal do Rio. Isso reforçou a idéia de alugar um teatro.

Alugamos o antigo teatro de Arena. A primeira apresentação foi um sucesso extraordinário. E aí chamamos esses espetáculos de Noites de Bossa.

Naquela época o Boni (José Bonifácio Sobrinho) me chamou para trabalhar como coordenador de programação da TV Excelsior. Fazia de tudo um pouco, até que surgiu a chance de produzir um programa. Aí levei todo esse pessoal para a TV. Foi o Noites da Bossa Paulista.

A essa altura, o Walter Guerreiro apareceu com o patrocínio das Lojas Eduardo e a idéia de juntar o pessoal do Rio e São Paulo. Chamou-se Primavera Eduardo É Festival de Bossa Nova. Pela primeira vez aparece a palavra ‘festival’. Foi um sucesso e a primeira vez que Elis Regina cantou num teatro em São Paulo...

Inspiração em San Remo Em São Paulo e Rio vivíamos um momento contraditório. Enquanto as rádios insistiam em tocar música brega, havia muita coisa boa acontecendo nos bares e teatros. Continuávamos com os shows no Teatro de Arena e o radialista Walter Silva (Pica-pau) conseguia a proeza de lotar o Teatro Paramount com espetáculos memoráveis como o Dois na Bossa com Jair Rodrigues e Elis. Nas rádios, além de boleros, de vez em quando chegava uma enxurrada de música italiana, especialmente após o Festival de San Remo. Aí bateu a idéia de promover algo semelhante, não sabia direito como.

Ao ler o regulamento, percebi que as gravadoras e as editoras eram as donas do Festival de San Remo. Para nós não interessava. Jamais nossas gravadoras apostariam na ousadia daquela garotada. Então decidi fazer um festival aberto a todos. Foi uma loucura, porque não havia gravações e fizemos a seleção das concorrentes a partir da partitura.

Houve um número muito grande de inscrições. Amílson Godoy, notável pianista, passava a música e a gente conferia a letra. Foi assim que surgiu o primeiro Festival de Música Popular Brasileira, na TV Excelsior, em 1965. Foi um sucesso absoluto. Deu Elis Regina com Arrastão, com uma projeção que foi além das nossas expectativas.

A era TV Record Logo que Elis venceu o festival, perguntei a ela se gostaria de trabalhar em São Paulo na Excelsior. Ela me falou que tudo bem, desde que a proposta cobrisse o que recebia na TV Rio. Levei a proposta para o Edson Leite (superintendente da Excelsior), que respondeu: “Imagina! A gente não tem nada o que fazer com ela”. Meses depois, a Elis estava contratada pela Record por um salário muito maior e status de grande estrela. A carreira dela deslançou, ganhou um programa semanal, O Fino da Bossa, que depois ficou só O Fino. Foi um sucesso tremendo que deu à Record uma visibilidade enorme e gerou a Jovem Guarda com Roberto Carlos, Bossaude com Elizeth Cardoso e Ciro Monteiro, e outros. A Record passou a ser líder de audiência e a ‘emissora dos musicais’.

Chico, Vandrê & Jair A partir desse sucesso, o Paulinho Machado de Carvalho, responsável pela TV Record, contratou o que havia de melhor na praça. No ano seguinte, eu já estava fora da Excelsior e fui convidado para fazer o primeiro festival da Record. Foi relativamente fácil. Havia um cast maravilhoso, os programas estavam em evidência, a audiência lá em cima. E a gente já recebia fitas, o que facilitou a escolha das concorrentes.

Aconteceu de ter duas músicas de absoluto impacto, de autores que estavam em início de carreira e surpreenderam pela grandiosidade do talento: Chico Buarque, com A Banda, e Geraldo Vandré, com Disparada. Foi um espetáculo memorável.

E, olhe, foi uma briga fazer com que Jair Rodrigues fosse o intérprete de Disparada. O Vandrê queria cantar. Eu insisti: queria um cantor. “Quem?”, ele perguntou. Falei sobre Jair Rodrigues e, claro, ele estranhou. Falou que o cara era sambista e não tinha nada a ver. Mas, a gente via o Jair pelos estúdios cantarolando modinhas sertanejas.

Fiz o Jair passar a música para o Vandré que, ao ouvir, não teve mais qualquer dúvida. A apresentação do Jair Rodrigues também pegou a platéia de surpresa, acompanhado pelo Trio Maraya e o Quarteto Novo, com o Hermeto Pascoal de pianista, o Téo de Barros na viola e Nanini que fez percussão com uma queixada de burro. E deu no que deu.

Deu empate mesmo Especula-se ainda hoje que Chico teria vencido sozinho aquele festival e forçado uma barra pelo empate. Mas não é verdade, embora a tendência fosse mesmo de vitória para o Chico Buarque. A gente fez uma reunião antes da finalíssima, com o júri. E ficou estabelecido que a briga era entre as duas. Mas a decisão viria mesmo após a apresentação, levando em conta a reação da platéia e tudo mais. Deu empate, que foi o mais justo.

O melhor dos festivais No meu entender, em 1967 tivemos o melhor dos festivais. Foi ali pelo menos seis ou sete músicas com possibilidade de vitória. Ponteio, de Edu Lobo, a vitoriosa. Domingo no Parque, do Gil, que ficou em segundo. Roda Viva, do Chico Buarque, em terceiro. Caetano com Alegria, Alegria, em quarto. E Roberto Carlos defendeu uma música lindíssima, do falecido Luiz Carlos Paraná, Maria, Carnaval e Cinzas, em quinto. A qualidade das músicas era tanta que, por uma cochilada dos jurados, Eu e a Brisa, de Johnny Alf, não passou da fase classificatória.

Mas o que deu tempero ao festival foi a postura mais experimental dos baianos. Caetano adotou as guitarras em Alegria, Alegria e Gilberto Gil também, em Domingo no Parque, que teve arranjos do maestro Rogério Duprat e acompanhamento dos Mutantes. Essas canções ganharam feições revolucionárias, com temáticas urbanas, e mudaram o panorama musical da época.

As vaias e Sérgio Ricardo Curiosamente, foi também o festival que consagrou as vaias. Não surgiram de forma tão natural assim. Na verdade, Jair Rodrigues veio defendendo uma música do Walter Santos e Tereza Souza chamada O Combatente. A gravadora do Jair Rodrigues levou uma pequena torcida e a música não passou para a segunda fase. Aí esse pessoal começou a vaiar quem aparecesse. Era uma coisa artificial.

O que ninguém imaginava era o destempero do Sérgio Ricardo. Ninguém gostou de Beto Bom de Bola. Ele cantou mal. O arranjo era esquisito. Estava tudo torto naquela música. No júri, havia uma facção bastante radical. O jornalista Sérgio Cabral defendeu a classificação da música por denunciar o lado social do futebol. De algum modo, empurrou o Sérgio Ricardo para a final e foi a catástrofe.

O tropicalismo No ano seguinte o festival ficou muito tropicalista. Houve uma forte conotação política. Era notória a desconfiança do pessoal da direita, a censura em cima e a coisa engrossando. O festival de 68 refletiu essa inquietação, sobretudo na forma comportamental. A fórmula do evento foi redesenhada e criou-se o júri popular e o chamado erudito.

As músicas vitoriosas foram São São Paulo Meu Amor, de Tom Zé, e Bem-vinda, de Chico Buarque. Mas já foi uma coisa assim, meio pé-quebrado. Foi o último festival que fiz na Record. Já no festival da Globo, do mesmo ano, a coisa pegou mesmo. O Renato Corrêa e Castro, que era o produtor, me convidou para fazer a seleção das músicas da eliminatória paulista. Só eu e ele.

Aí optamos por uma maior ousadia. Escolhemos a música do Gil (Questão de Ordem), a do Caetano (É Proibido Proibir) e a do Vandré (Para Não Dizer Que Não Falei das Flores). Quando essas músicas foram apresentadas no Tuca, formou-se a confusão. Gil foi desclassificado e Caetano passou para a segunda fase, mas foi quase agredido pela platéia.

Vandré e o AI-5 Quando Vandré cantou no Rio, foi outra loucura. Só que aí obrigaram a Globo a não dar a vitória ao Vandré. Ele não poderia ganhar esse festival de forma nenhuma. Quem disse que os militares aprovariam a vitória de uma música que manda morrer pela Pátria a viver sem razão?

Houve uma forçada de barra, sim. E aí venceu O Sabiá, de Chico Buarque e Tom Jobim. Aliás, a música possui uma mensagem poética também com forte teor social. É o recado daqueles que estão fora do País, que ainda não estavam oficialmente banidos pelo regime militar, mas que já falavam em voltar. O pessoal também não entendeu. Vandré fez uma coisa sensacional. Quando foi para o Maracanãzinho, cantou só voz e violão. Foi outro impacto, valorizou os versos fortes e comoveu a todos porque o recado dele era bem mais explícito. Há quem diga até que foi a reação do público à música do Vandré que fez com que os militares recrudescessem e decretassem o AI-5 que aí, sim, fechou de vez. E todo mundo teve que espirrar. Chico saiu do País, Caetano e Gil foram presos e depois saíram. Vandré fugiu... Tenho a impressão de que, se prendem o Vandré naquela época, matavam o cara". Em 1969, eu me afastei da produção dos festivais e quem fez foi o Marco Antônio Rizzo, que era meu assistente. E eu até digo "foi o festival do riso", pois se proibiu até guitarra elétrica. Exatamente para que não houvesse maiores enfrentamentos. Mesmo assim, a música vitoriosa era belíssima. E sintomaticamente se chamou Sinal Fechado, de Paulinho da Viola, que acabou também supervaído.

O fim dos festivais Mas, na verdade, o que decretou o fim dos festivais foi um esvaziamento generalizado. De forma e conteúdo. O elenco de grandes nomes da MPB estava fora do País. Havia uma repressão brava. A Globo ainda tentou por dois ou três anos. Mas, valeu-se mais do tom festeiro da disputa do que propriamente da revelação de novos talentos.

Última tentativa Mesmo assim, a convite do Boni, fiz o Festival Internacional da Canção de 72, que foi o último dessa leva dos grandes festivais. Ganhou a fase nacional o Fio Maravilha, do Jorge Ben Jor, interpretado pela Maria Alcina. Tive toda a liberdade para produzir. E o festival teve um residual maravilhoso. Lançou Raul Seixas, Sérgio Sampaio, Maria Alcina, o pessoal do Ceará (Fagner, Ednardo e Belchior), Alceu Valença... Uma pena que mais uma vez tivemos problemas políticos.

Lá pelas tantas chega uma ordem de que Nara Leão, que era presidente do júri a meu convite, não poderia aparecer na TV. Falei, então, também saio. Aí ficamos naquela conversa horas a fio, procurando uma solução. Lá pelas tantas propus que saísse o júri todo, e não só a Nara.

Escolhemos jornalistas estrangeiros para compor um novo corpo de jurados para ver se alguém da imprensa levantava a questão do afastamento... Foi o que fizemos e ninguém questionou a mudança por motivos políticos. Só chiou o pessoal que defendia a canção do Walter Franco que, na verdade, era uma antimúsica chamada Cabeça. Esse pessoal achou que era manobra para o Walter não ganhar o festival. E passou a criticar a mudança, única e exclusivamente sobre esse prisma... E o assunto morreu aí, e os festivais acabaram implodindo de vez”.

Quando cada emissora tinha o seu

Arquivo/AE



Fernando Faro

Nem só de TV Record viveram os festivais dos anos 60. Acredite! Cada emissora tinha o seu. Embora fosse indiscutível a supremacia das produções da então líder absoluta de audiência, as concorrentes procuravam seguir o mesmo rastro.

A TV Excelsior insistiu em produzir uma segunda edição do festival em 1966. A vitória coube à romântica Portas Estandarte, de Geraldo Vandré. A Globo passou a promover o Festival Internacional da Canção que logo na estréia, em 67, revelou Milton Nascimento, terceiro colocado com Travessia. Mais modesta, a Tupi fazia o Festival Universitário e, posteriormente, a Feira Permanente da MPB, com uma proposta diferenciada.

A maior estrela desses eventos era, na verdade, o diretor Fernando Faro, um inveterado apaixonado por música popular brasileira. Faro era amigo dos cantores e compositores e transformava todos seus programas numa mostra de MPB, com cara de reunião informal. Como é o programa Ensaio que ainda hoje produz para a TV Cultura.

“Os festivais universitários serviram para lançar muitos nomes, mas não consagraram ninguém”, recorda. “Em 69, aquela coisa dos festivais da Record já havia desandado. Então procuramos fazer algo mais leve, tipo roda de amigos. Era uma feira mesmo, com encontros semanais onde tirávamos alguns vencedores. No fim do mês, escolhíamos um representante para a finalíssima em dezembro”.

Quando a emissora parou com a feira, por falta de patrocínio, quatro canções estavam escolhidas: Cadê Tereza (Jorge Ben Jor), Que Maravilha (Ben Jor e Toquinho), Nada de Novo e Foi Um Rio Que Passou em Minha Vida, de Paulinho da Viola. Faro estava entusiasmado.

“Quando o Paulo me mostrou a música, fiquei pasmo. E falei: vamos lançar na feira. Ele falou: ‘Não posso. Tenho que lançar na quadra da Portela. Preciso limpar minha barra. O pessoal da Velha Guarda da Portela anda bravo comigo por causa de um samba que fiz com o Hermínio Bello de Carvalho e que chama Sei lá, Mangueira’. Eu disse: que bobagem, lança lá e depois a gente mostra aqui. A gente não podia deixar de mostrar o samba”.

Faro vê com otimismo o festival da Globo. Não que espere a revelação de um novo Paulinho da Viola. Mas acredita que toda movimentação para divulgar a música popular é elogiável.

“Somos um povo essencialmente musical. É certo que não há mais aquela efervescência cultural dos anos 60, mas, hoje, o que importa é absoluta falta de pudor musical. Vamos ouvir tudo e peneirar o que é bom. Existe uma geração pronta para aparecer. Chico César é genial. Os meninos do Mestre Ambrósio também. Temos cantoras notáveis. O Vicente Barreto está na batalha há tantos anos e nunca aconteceu em termos de grande público, apesar de ser autor de Tropicana. Vamos pôr os caras na telinha para ver o que acontece...”

Hora de ousadias Essa também é a impressão de Wanderley Doratiotto, o Wandí, apresentador do programa Bem Brasil da TV Cultura e integrante do Grupo Premê. Ele sempre ouviu dizer que a MPB está em crise. Mas não é o que percebe em seu programa dominical, aberto a todas as tendências. Ele repete o que diz Faro. Há muita coisa boa acontecendo, sim. “Só que a mídia prefere privilegiar uma produção mais horizontal, mais padronizada. Não aposta nas diferenças, na ousadia”.

Wandí recorda que o próprio Premê só ganhou maior visibilidade em 1979, ao participar do Festival Universitário da Música Popular Brasileira na TV Cultura: ficou em segundo lugar com Brigando na Lua. Quem venceu o festival foi Diversões Eletrônicas, de Arrigo Barnabé. Mas o evento consagrou, pelo menos com prestígio, toda uma geração chamada Vanguarda Paulistana, que incluía Itamar Assumpção, Vânia Bastos, Celso Viáfara, Paçoca.

Neste festival da Globo, o próprio Premê terá o desafio de defender Um Chorinho em Mente, de Laerte Freire, um autor que permanece inédito aos 71 anos. “A música é delicada, bem tradicional e não tem a pegada das músicas feitas para festivais, sempre combativas. Acho que nos escolheram porque o Premê tem esse estilo de ser uma ponte entre o ontem e o hoje. De não perder de vista o passado, mas olhar sempre em frente”.

Nos últimos 25 anos não faltaram tentativas para se reviver o mito dos festivais: Abertura (Globo/75), o da Tupi (79), o Universitário da Cultura (79), a série dos MPB Shell e o Festival dos Festivais (também na Globo). Em 92, a Record produziu o Novo Festival da MPB, um fiasco que não foi além de dois pontos no Ibope.

Carlinhos Vergueiro, Arrigo Barnabé, Lucinha Lins, Raimundo Sodré, Tom e Dito, Jorge Alfredo e Chico Evangelista, Tetê Espíndola, Osvaldo Montenegro são alguns dos nomes de cantores e compositores lançados pelos tais festivais. Todos tiveram seu quinhão de 15 minutos de fama. Há quem diga, porém: para alguns, foi tempo demais.

Está nascendo a segunda universidade católica de SP

Inaugurado em agosto, o Centro Universitário Assunção é uma transição entre as Faculdades Associadas Ipiranga e a futura universidade católica da cidade

Monalisa Lins/AE



UNIFAI: futura universidade tem origem no primeiro Instituto de Filosofia do País, criado em 1908, e depois desmembrado nas Faculdades Ipiranga

“Centro Universitário Assunção-UniFai, bom dia!” A saudação das telefonistas não deixa dúvidas do futuro bem próximo reservado para o recém-inaugurado centro. No dia 22 de agosto, em duas solenidades presididas pelo arcebispo de São Paulo, Dom Cláudio Hummes, foram oficializados a instalação e o funcionamento do Centro Universitário Assunção, com sede central na Avenida Nazaré, no Ipiranga, e campi também na Vila Mariana, Belenzinho e Santana. Todos nas ex-Faculdades Associadas Ipiranga (núcleo original do novo centro) estão de olhos, coração e mente voltados para o futuro.

Para professores, alunos, funcionários e para a própria comunidade local, a sigla UniFai já é um indicativo do que está por vir. Uma questão de tempo (três ou quatro anos) e a Avenida Nazaré será sede da segunda universidade católica de São Paulo, antecedida pela PUC, fundada em 1946,

também no dia 22 de agosto.

Uma universidade com projeção internacional por sua abrangência eclesial e humanística, assim vem sendo definido o novo centro pelo reitor da UniFai, Monsenhor Roberto Mascarenhas Roxo. “Os planos podem parecer ousados”, diz ele. “No entanto, estão assentados na tradição e excelência que sempre caracterizaram a FAI nesses 30 anos em que atua como instituição educacional. Ademais, o Centro Universitário está hoje integralmente inserido na política educacional do Brasil e é parte inerente à própria missão da Igreja, que é a de servir o homem. Esta é a nossa missão que, aliás, tem sido vista com bastante simpatia pela Pontifícia Congregação para a Educação Católica em Roma”.

Estar em perfeita sintonia com a política educacional da Igreja é, na verdade, a principal preocupação do Monsenhor Roxo, e também do cardeal arcebispo de São Paulo, dom Cláudio Hummes. É ele, a bem da verdade, o grande idealizador do “novo centro de razão e fé”. Tanto que, durante as solenidades de implantação do centro, dom Cláudio definiu a futura universidade como um “sonho a ser realizado”.

Novos cursos O primeiro passo neste sentido é a implantação, já no próximo ano, dos cursos de Direito Canônico, Moral Católica, Doutrina Social da Igreja e Teologia. Esse temário, garantiu o arcebispo, vai atender à demanda de toda a América Latina, e não apenas do Brasil.

Dom Cláudio Hummes é o grão-chanceler da instituição “que pretende tornar mais viva a presença da Igreja na área de ensino e assim atender ao número cada vez maior daqueles que buscam conhecer a fé de maneira mais profunda”.

A universidade eclesial seguirá o exemplo de outras já existentes na Europa, como a de Salamanca (Espanha), Cracóvia (Polônia) e Bolonha (Itália). Em artigo escrito para o jornal O Estado de S. Paulo, publicado no dia 20 de setembro, o cardeal arcebispo destacou a necessidade de uma instituição de ensino que assuma “o desafio de João Paulo II de iluminar a razão e as ciências da modernidade com a luz da fé”.

Na seqüência, esclarece: “A engenharia genética necessita da fé para não instrumentalizar o dom divino da vida. A política precisa do Evangelho para tornar-se serviço desinteressado ao bem-comum. A economia moderna precisa converter-se em justiça e solidariedade. A instituição familiar, célula básica da sociedade, carece da visão cristã do matrimônio para não se desfigurar. Não há dimensão importante da modernidade que possa prescindir de uma profunda reflexão e diálogo entre a razão e a fé”.

Rodolfo Martino, especial para o JT

A educação em primeiro lugar

O reitor da UniFai garante que a qualidade de ensino é o objetivo maior da UniFai, “para a construção de novo milênio mais justo”

Monalisa Lins/AE



MONSENHOR
Roberto
Mascarenhas
Roxo, reitor do
Centro Assunção

O arcebispo de São Paulo, dom Cláudio Hummes, é o idealizador da nova instituição de ciência e fé. Mas o artífice da grande tarefa de consolidar o Centro Universitário Assunção será mesmo o atual reitor, monsenhor Roberto Mascarenhas Roxo. Desde a fundação, ele está à frente da FAI e a administra com o que define como uma política “pés no chão”, mas que sabe olhar para o futuro.

“Não há pressa de se tornar universidade”, diz o monsenhor. “O que conta mesmo é a consistência do ensino que pretendemos fornecer. As expectativas são excelentes. A educação, levada a sério, é a principal ferramenta da humanidade para a construção de novo milênio socialmente mais justo e igualitário. No Brasil, o campo está aberto e é fértil. As profissões que requerem uma formação ainda são poucas. Portanto, há muito que ser feito, e bem feito”.

Com esses propósitos, o reitor pretende privilegiar e aprimorar o ensino. Vale lembrar que o centro universitário é uma instituição confessional propugnado pela filosofia da Igreja católica, embora respeite totalmente a liberdade de crença e pensamento. Em quase 30 anos de existência da FAI, nunca houve ingerência neste sentido. Não houve sequer uma

reclamação. Outra característica do centro é o aspecto altamente familiar que orienta a todos – da direção aos funcionários, professores e ao próprio alunado.

“Há um respeito mútuo das partes”, garante o monsenhor. “Professores e funcionários estão preparados para o atendimento pessoal e atencioso que privilegia o aluno. Por sua vez, o aluno sente-se em sua própria casa. Tanto que, por ocasião do processo seletivo, as estatísticas dão conta que a grande maioria dos novos alunos, de 70% a 80%, vem por indicação de um amigo ou familiar que já é estudante ou professor. Daí, o cuidado com que o centro trata a formação do seu alunado, bem como a escolha dos professores (conta atualmente com 146 mestres e doutores), dirigentes e funcionários”.

Alto nível Há um outro aspecto importante, no entender do reitor: o centro não pretende ser uma escola da elite financeira, econômica. Almeja, sim, ampliar a possibilidade de ensino a outros segmentos de nossa sociedade. “O aluno do centro está consciente de que não frequenta uma universidade da moda, das que se projetam a partir de amplas verbas publicitárias e estratégias de marketing”, ressalta. “Mas está consciente também da consistência do ensino que lhe é oferecido. Aliás, é inerente à nossa proposta acolher alunos de classe média, inclusive de classes mais populares, e colocá-los no mais alto nível intelectual, social e universitário”.

Neste contexto, o monsenhor diz não temer a concorrência dos grandes conglomerados de ensino que ameaçam monopolizar e mercantilizar a educação no País. “Quem nos procura sabe da nossa proposta e, de uma forma ou de outra, concorda com ela. E, melhor, quer fazer dela a base para suas conquistas profissionais e para sua vida como cidadão. Então, a mercantilização do ensino não nos impressiona, nem vamos sair por aí atrás de alunos como se vendêssemos um produto qualquer – e não trabalhássemos com a educação”.

Para o monsenhor, não há pressa de alcançar a condição de universidade. “Vamos consolidar a UniFai como um centro de excelência, com núcleo de pesquisa científica em diferentes áreas do conhecimento. Vamos formar o profissional – e, antes mesmo, formar o cidadão capaz de aplicar tudo o que aqui aprendeu em benefício da sociedade”.

Afinal, o reitor faz questão de lembrar, o centro tornou-se realidade “graças à postura transparente do atual governo, especialmente do ministro da Educação”, Paulo Renato de Souza. “Ele adotou uma filosofia de seriedade e lisura, sem a nefasta influência do poder econômico. O processo de transformação em universidade começou há dez anos. Soubemos, durante esse período, aguardar que se afastasse a sombra da corrupção, para que pudéssemos ser reconhecidos unicamente por nossos méritos educacionais. Não há agora por que ter pressa. A educação, assim como a democracia, é conquista de todos os dias”. **R.M.**

Uma grande associação pelo ensino

Monalisa Lins/AE



OS CORREDORES do Seminário transformado em faculdade

O Centro Universitário Assunção é resultado da associação das Faculdades Associadas do Ipiranga e da Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção, ambas vinculadas à Cúria Arquidiocesana de São Paulo e localizadas na Avenida Nazaré, no Ipiranga.

Criadas em 1971, as Faculdades Associadas do Ipiranga eram um desmembramento do primeiro Instituto de Filosofia do País – fundado em 1908 com aval da Santa Sé e com direito de conceder graus acadêmicos de licenciatura e bacharelado. Começou como Faculdade de Filosofia Ciência e Letras e, posteriormente, implantou também a Faculdade de Administração e Ciências Contábeis. Possui cursos nas áreas de Filosofia, História, Letras, Pedagogia, Matemática, Geografia, Administração, Ciências Contábeis, Secretariado Executivo e Ciência da Computação. Possui atualmente 3.200 alunos

A Faculdade de Teologia é a mais antiga do País e a única que conta com o reconhecimento da Santa Sé. Fundada em 1949, oferece cursos de graduação, mestrado e doutorado nas áreas de Teologia e Direito Canônico e tem hoje 700 alunos.

Às duas instituições, foram também agregados os colégios católicos Luiza Marillac (Santana), Santa Zita (Vila Maria) e São Paulo (Belenzinho), além do campus Vila Mariana da FAI.

Para o vice-diretor do Centro Universitário, professor Osmar Garcia Stolagli, está prevista para o próximo ano letivo a abertura de novos cursos, além dos já existentes (veja quadro). Mas sempre priorizando a qualidade do ensino, ressalta. “Tanto a FAI quanto a Faculdade de Teologia são escolas que professam o espírito cristão como incentivador e fundamento da vida universitária. O tripé filosofia, ética e comportamento sedimentam o humanismo que infelizmente raramente encontramos em escolas do País”.

O professor recorda que a Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção já estava organizada quando a FAI começou em 1971, ambas ocupando o espaço físico que antes pertencia ao Seminário Central de São Paulo.

“Formamos um núcleo central durante cinco anos. Depois, por questões jurídicas junto ao MEC, houve o desmembramento e a Teologia passou a ser coligada da Pontifícia Universidade Católica, mesmo sem sair do nosso campus, e agora retornou para a UniFai. Por ter o reconhecimento da Santa Sé, seus cursos são muito procurados por alunos de todo o mundo, especialmente das Américas e da África”.

Para 2001, a estimativa é que o novo centro universitário chegue à marca de cinco mil alunos. Em 2002, a proposta é chegar a sete mil. “No entanto, sempre haverá uma preocupação de que esse implemento se dê gradativamente, com prioridade para a qualidade de ensino que pretendemos disponibilizar para o educando”.

R.M.

No Arquivo da Cúria, mais de três séculos da vida da cidade

Aberto a toda população, o Arquivo preserva a memória e a cultura nacional, com registros de batizados, casamento e óbito e até uma cédula da votação do papa Bento XV em 1944

Monalisa Lins/AE



RARIDADES: no Arquivo da Cúria, preciosidades como esta partitura do mestre André da Silva Gomes, escrito entre os séculos 18 e 19

Os números impressionam. Mais: impressionam e guardam o grande legado da atuação da Igreja na região que compreende os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. O Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo guarda milhões de registros sobre padres, seminários, capelas e irmandades de escravos; milhões de registros de casamentos e batizados, milhares de processos variados desde o século 17 (veja quadro abaixo).

O Arquivo da Cúria mudou-se para o campus central da UniFai em novembro de 1984, mas existe desde 1 de abril de 1918. A proposta é a de preservar a memória e a cultura nacionais e abrir para a população os verdadeiros tesouros que o arquivo encerra.

“É muito gratificante trabalhar aqui”, diz o chefe do arquivo, Jair Mongelli Júnior. “É fantástico poder ajudar as pessoas em suas pesquisas, que têm fins diversos e, por vezes, curiosos. Mas, de algum modo, é compreensível que a maior parte dos usuários venha até aqui para resgatar um pouco da sua história de vida ou da história da própria humanidade. É bom se sentir

intermediário dessas conquistas”.

Mongelli comanda uma equipe de 11 funcionários que, ele reconhece, “têm uma dedicação incomum”. Além de cuidar de todo o acervo, há o atendimento diário ao público, das 8h às 17h. Segundo Mongelli, levantamentos do próprio arquivo dão conta de que 25% das pessoas que o procuram são netos e bisnetos de italianos em busca de documentação que possa lhes garantir a cidadania italiana. Outros 25% são visitas de seminaristas e estudantes de Teologia, História, Música e mesmo de cursos da terceira idade. Estudantes de cursos de pós-graduação — mestrado e doutorado — respondem por 18,5% das pesquisas.

“Há também os que vêm por um motivo muito especial”, destaca o chefe do arquivo. “Todo o embasamento para o processo de beatificação do Frei Galvão foi feito aqui. Temos também registros que deram origem ao processo de canonização da Madre Paulina, que viveu aqui no Ipiranga. E também citações da vida de Padre Marchetti, cujo processo de canonização está no início”.

Mongelli é formado em História e está no arquivo desde 1985. À época, ele leu no jornal O São Paulo, da Cúria, que havia uma vaga para estagiário, e não pensou duas vezes. Ofereceu seus serviços e lá está até hoje, com planos de ampliar e modernizar todo o arquivo. Pensa até em criar um site para que todas as informações possam ser acessadas sem que o usuário saia de casa.

“É um projeto que pode parecer distante, pela falta de recursos, mas que hoje não pode ser descartado. Devagar a gente chega lá. Quase todo o acervo é financiado pela Mitra Diocesana – ou seja, a própria Igreja. Mas o arquivo é um patrimônio público. Até a República, não existia cartório e todos os registros eram feitos na Igreja”, diz ele. “Não há como discutir sua importância e seu valor inestimável para a memória da humanidade”.

Se tivesse tempo disponível, Mongelli faria um amplo trabalho de pesquisa sobre epidemias brasileiras. “Temos aqui todos os registros do avanço da gripe espanhola em 1918, por exemplo. E daria para levantar muitas outras informações pelos registros de óbitos: o primeiro caso, por onde a doença se alastrou, que regiões foram mais afetadas. Tudo poderia ser pesquisado sem sair do arquivo. Seria uma excelente tese de doutorado”.

Há centenas de histórias que Mongelli sabe de cor: o caso da mulher que confessou na polícia ter matado o marido por meio de feitiçaria; os documentos da Marquesa de Santos, desde a certidão de nascimento até a de óbito, e outras tantas historietas que contam o dia-a-dia dos brasileiros nos últimos séculos.

Uma das histórias mais interessantes não é tão antiga. Foi protagonizada pelo cardeal Joaquim Arcoverde. Ele participou em 1944 do conclave que escolheu o papa Bento XV. Na hora de votar, o cardeal escreveu errado o nome do futuro papa. Para evitar qualquer equívoco, guardou a cédula e pediu outra, escreveu o nome certo e colocou o voto na urna.

Eleito o papa, todas as cédulas são incineradas e a fumaça branca anuncia que a humanidade possui outro papa. Quando chegou ao Brasil, o cardeal Arcoverde notou que a cédula transformara-se num documento raro daquele momento histórico. É a única no mundo, ao menos de que se tem notícia. Então fez a doação ao Arquivo da Cúria. Ou seja, nem a eleição do papa escapou do jeitinho brasileiro.

Rodolfo Martino, especial para o JT

Biblioteca aberta para o mundo

Monalisa Lins/AE



Um processo de casamento datado de 1770, um dos milhões de documentos guardados no Arquivo da Cúria Diocesana

O Centro Universitário Assunção dispõe provavelmente da maior biblioteca particular do Brasil, com 500 mil volumes.

Aberta ao público em geral, ocupa uma das áreas do antigo Seminário São Paulo e é formada em grande parte por coleções de alto valor humanístico.

“É herança do Seminário de São Paulo que, durante muitos anos, esteve sob a responsabilidade de padres europeus”, explica o Monsenhor Roberto Mascarenhas Roxo. “Eles trouxeram um grande acervo bibliográfico para realizar sua missão no Brasil. Posteriormente, a 2.ª Guerra Mundial possibilitou a doação para a nossa biblioteca de riquíssimos acervos de mosteiros europeus que estavam ameaçados pela destruição. São obras raras, de grande valor. Muitas vezes, são edições únicas que atraem pesquisadores do mundo inteiro para consultas”.

Raridades O monsenhor destaca as coleções completas dos escritos antigos e medievais, os enormes catálogos de decisões jurídicas, muitas e muitas obras do século 19 (o século da História), com traduções primorosas ao lado dos textos originais.

E outra curiosidade: há ainda os incunábulo, espécie de livros que precedem a aparição da imprensa.

A biblioteca é freqüentada por pesquisadores que, na pós-graduação, são obrigados a fazer consultas especiais. Há também grande procura por parte de advogados, especialmente para solucionar casos de heranças. “O acervo é atualizado com

freqüência”, garante o monsenhor. **R.M.**

Incentivo à formação humanística

Monalisa Lins/AE



SEMINÁRIO do Ipiranga: formação do clero brasileiro

O Centro Universitário Assunção tem como entidade mantenedora o Instituto Educacional Seminário Paulopolitano, que foi fundado em 26 de agosto de 1970 com propostas bem definidas: atender à nova política educacional brasileira e às diretrizes do Concílio Vaticano II.

“As metas, na verdade, completavam-se”, lembra o monsenhor Roberto Mascarenhas Roxo, que trabalhou na implantação do instituto. “Pretendia-se dar incentivo à formação humanística e cristã da juventude brasileira e, como extensão, o instituto trabalharia na formação do clero, de religiosos e agentes de pastoral no contexto universitário brasileiro”.

Desde então diretor-presidente do instituto, o monsenhor acrescenta que “a origem de tudo é o Seminário São Paulo, que começou como Seminário Provincial de São Paulo, em 1856, na Avenida Tiradentes, sua primeira sede. O Seminário mudou-se para a Freguesia do Ó e, em 1934, passou para o imóvel da Avenida Nazaré, transformado pela Santa Sé no grande Seminário

Central Imaculada Conceição do Ipiranga”.

“Foi aqui que estudei todo o clero dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e de outras partes do Brasil”, lembra o monsenhor, ele próprio formado no Seminário Central do Ipiranga. “Foram mais de três mil padres, além de muitos leigos que quiseram se especializar em assuntos religiosos”. Ele salienta que a própria denominação do instituto foi uma forma de integrar as duas histórias numa única, que completa 144 anos de serviço à educação.

Com as mudanças introduzidas pelo Concílio Vaticano II, os seminaristas passaram a residir em casa de formação e o amplo espaço do seminário foi reservado como um grande centro de estudos. “Tudo aqui é história e educação”, destaca o monsenhor Roxo. “Até o prédio é um primor. Com linha clássica, junto com a igreja Imaculada Conceição forma um dos mais belos conjuntos arquitetônicos da cidade. Foi construído entre 1929 e 1934 pelo arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva, que primava pelo bom gosto artístico. Tanto que ele é o construtor da Catedral da Sé. Precisa mais?” **R.M.**

Nazaré, a avenida da educação

Desde a inauguração da UniFai (26 de agosto de 1970), a avenida Nazaré tornou-se um importante campus universitário que atende não só a região do Ipiranga, mas atrai estudantes, professores e pesquisadores de todo o País e do exterior.

O complexo estudantil, com mais de 80 mil metros quadrados, é formado por duas universidades e dois centros universitários, sem contar o Museu Paulista e o Museu de Zoologia que pertencem à Universidade de São Paulo. Além do Centro Comunitário Assunção, lá estão instalados a Universidade São Marcos, o Centro Universitário São Camilo e o Instituto de Artes Planalto da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Juntas, possuem 18 mil alunos distribuídos em mais de 50 cursos de graduação e pós-graduação que passam pelas áreas de saúde, artes, ciências humanas e exatas.

As instituições ocupam áreas doadas para ordens religiosas e assistenciais pelo Conde José Vicente de Azevedo. Muitas ocupam velhos casarões e antigas construções e, pelo menos uma delas, a Universidade São Marcos, tem o prédio central tombado pelo Patrimônio Histórico, pois foi criado pelo arquiteto Ramos de Azevedo.

Segundo o vice-diretor da UniFai, professor Osmar Garcia Stolagli, “o papel dessas instituições não fica restrito à formação dos profissionais”. Muitos de seus cursos acabam criando serviços e parte de sua infra-estrutura fica disponível à população, embora poucas pessoas saibam e utilizem esses recursos.